UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

FELIPE COLLA DE AMORIM

**“The Birth of a Discipline”: o convênio Ford-Iuperj e a modernização da
ciência política no Brasil (1967-1973)**

Versão corrigida

São Paulo

2021

FELIPE COLLA DE AMORIM

“The Birth of a Discipline”: o convênio Ford-Iuperj e a modernização da ciência política no Brasil (1967-1973)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Cancelli

Versão corrigida

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A524? Amorim, Felipe Colla de
"The Birth of a Discipline": o convênio Ford-Iuperj
e a modernização da ciência política no Brasil
(1967-1973) / Felipe Colla de Amorim; orientadora
Elizabeth Cancelli - São Paulo, 2021.
136 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

1. História das ciências sociais. 2. Iuperj. 3.
Fundação Ford. 4. Ciência política. 5. Guerra Fria.
I. Cancelli, Elizabeth, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Felipe Colla de Amorim****Data da defesa: 26/01/2021****Nome do Prof. (a) orientador (a): Elizabeth Cancelli**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26/05/2021

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: AMORIM, Felipe Colla de

Título: “The Birth of a Discipline”: o convênio Ford-Iuperj e a modernização da ciência política no Brasil (1967-1973)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 26/01/2021

Banca Examinadora

Wanderson da Silva Chaves

Externo

Natália Nóbrega de Mello

PUC-SP

Júlio Barnez Pignata Cattai

IESCAMP

AGRADECIMENTOS

O caminho da pós-graduação foi um encontro com a própria solidão. É em um constante estar sozinho que a pesquisa se desenvolve no dia a dia. As reflexões, os becos sem saída, as decisões, a escrita. Estas se desenrolam a partir da solidão; uma solidão que o confinamento e o distanciamento social apenas exacerbaram. O registro desta seção é uma celebração, então, aos encontros que a pós-graduação proporcionou e que a vida durante a pós-graduação manteve acesos. É honesto, afetuoso e vem de um lugar muito profundo o reconhecimento de que esta dissertação não teria sido possível sem esses encontros. Muito obrigado.

São sinceros estes agradecimentos:

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pela bolsa de estudos que viabilizou esta pesquisa;

Ao Rockefeller Archive Center, pelo auxílio que permitiu consulta a arquivos.

Ao Hoover Institution Library & Archives, pelo auxílio que permitiu consulta a arquivos.

À professora Elizabeth Cancelli, minha orientadora, pelo acolhimento generoso.

A docentes do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

A docentes do Curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A docentes da Faculdade Cásper Líbero.

Aos amigos e amigas.

À minha família.

À Denise.

*Dedicado à lembrança do meu avô, quem
apontou para o fascínio pela memória, e a
todas as centenas de milhares de saudades que
a pandemia precipitou.*

RESUMO

AMORIM, F.C. **“The Birth of a Discipline”: o convênio Ford-Iuperj e a modernização da ciência política no Brasil (1967-1973)**. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

A partir da segunda metade dos anos sessenta, as ciências sociais brasileiras passaram por um amplo processo de modernização que conferiu, em termos acadêmicos, institucionais e temáticos, o formato ao qual estamos habituados hoje. Expoente deste percurso foi a institucionalização da ciência política como uma disciplina acadêmica autônoma no Brasil. Entre seus novos traços, estariam: a virada teórico-metodológica em direção ao objetivismo e ao cientificismo; a profissionalização do campo, com a criação de novos centros e a construção de redes intelectuais transnacionais; e a predileção por temas não só engajados com o debate público, mas que tinham o intuito de nele interferir. Um dos palcos principais desse processo de modernização foi o Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), fundado em 1967 pelo jurista ex-isebiano Candido Mendes de Almeida. Com o aporte providencial de verba filantrópica da Fundação Ford, o Instituto, nas décadas seguintes, se estabeleceria como um dos principais polos da disciplina, pioneiro tanto no campo da pesquisa quanto no da formação pós-graduada. A partir de fontes arquivísticas — entre as quais se destacam a documentação do convênio Ford-Iuperj (1967-89) e os papéis pessoais de dois de seus principais interlocutores, os cientistas sociais Samuel Huntington e Alex Inkeles —, procuraremos descrever o papel do Instituto na construção dessa nova disciplina modernizada. Quais as premissas, objetivos e escolhas institucionais e teóricas que o Iuperj arrogou para si; em quais redes intelectuais circulou; quais diálogos estabeleceu dentro e fora do Brasil; de que forma se deu a relação com a ditadura vigente no país e em meio ao contexto de Guerra Fria; e quais alternativas vislumbrou.

Palavras-chave: História das ciências sociais, IUPERJ, Fundação Ford, ciência política, Guerra Fria

ABSTRACT

AMORIM, F.C. **‘The Birth of a Discipline’: the Ford-Iuperj grant agreement and the modernization of political science in Brazil (1967-1973)**. Dissertation (M.A.) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

In the late 1960s, Brazilian political science underwent a process of academic modernization that transformed the discipline’s theoretical assumptions, institutional arrangements, foreign dialogues, and thematic approach. The field isolated the previously dominating sociopolitical thought explanations and turned to a scientifically-guided, objective approach, with new methodological tools. With robust financial aid provided by U.S. philanthropic foundations, several newly-created research institutions and graduate programs helped accommodate young political scientists returning to Brazil after earning their PhDs abroad. This fields’ new direction included a major investment in academic internationalization, which brought forth the development of a cross-national intellectual network. Thematically, these new academic trends envisioned the discipline as an applied and policy-oriented science with a say in non-academic public debate and a closer relationship to governmental issues. One of the protagonists of this modernization process was Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), founded in 1967 by the legal scholar and social thinker Candido Mendes de Almeida. With the philanthropic support from the Ford Foundation, the institute would establish itself in the coming decades as a leading political science center in the country both in training and research. Drawing on primary sources — especially the Ford-Iuperj grant agreement documentation (1967-89) and the personal papers of U.S. intellectuals Alex Inkeles and Samuel Huntington — this research accounts for the role Iuperj played in the building of a new, modernized academic discipline in Brazil.

Key words: History of social sciences, IUPERJ, Ford Foundation, political science, Cold War

LISTA DE SIGLAS

ABCP – Associação Brasileira de Ciência Política

Alerj – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

Anpec – Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia

Anpocs – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

BACEN – Banco Central do Brasil

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BSI – Brazilian Society for Instruction (ou, em português, **SBI**)

CCF – Congresso pela Liberdade da Cultura (inglês: *Congress for Cultural Freedom*)

Cepal – Comissão Econômica para América Latina e Caribe

CFIA – Center for International Affairs, Universidade de Harvard

CIA – Central de Inteligência Americana

Clacso – Conselho Latino-Americano de Ciências

CLAPCS – Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea

cr – catalogued reports

DAP – Delegated-Authority Project

DSR – Department of Social Relations, Universidade de Harvard

EBAP - Escola Brasileira de Administração Pública, FGV (depois, EBAPE)

ESG – Escola Superior de Guerra

FF – Ford Foundation records

FGV – Fundação Getulio Vargas

Flacso – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales

FMI – Fundo Monetário Internacional

FNFi – Faculdade Nacional de Filosofia da UFRJ

FRUS – Foreign Relations of United States

gf – grant files

HUA – Harvard University Archives, Cambridge, Massachusetts

HIA – Hoover Institution Library & Archives, Stanford, California

RNPL – Richard Nixon Presidential Library and Museum, Yorba Linda, California

ICS-Udelar – Instituto de Ciencias Sociales da Universidad de la República, Uruguay

ICS-UFRJ – Instituto de Ciências Sociais da UFRJ

IDPCP – Instituto de Direito Público e Ciência Política, FGV (depois, **Indipo**)

ILAS – Institute of Latin American Studies, Columbia University

IPSA – International Political Science Association

Iseb – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

Iuperj – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

MIT – Massachusetts Institute of Technology

NCr\$ – cruzeiros novos

NSC – National Security Council, EUA

OLAC – Office of Latin America and the Caribbean, Fundação Ford

ONU – Organização das Nações Unidas

OSS – Office of Strategic Services

Otan – Organização do Tratado do Atlântico Norte

OWI – Office of War Information

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUCP – Pontifícia Universidad Católica del Perú

r. – reel

f. – folder

b. – box

AI – Alex Inkeles papers

RAC – Rockefeller Archive Center

RBEP – *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, UFMG

RRC – Russian Research Center, Universidade de Harvard

SBI – Sociedade Brasileira de Instrução

SPH – Samuel P. Huntington personal archive, 1905-2008, HUA

SRC – Survey Research Center, University of Michigan

SUNY – State University of New York

UCAM – Universidade Candido Mendes

UCLA – Universidade da Califórnia em Los Angeles

UCLAP – University Committee on Latin American Policy

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Usaid – United State Agency for International Development

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	10
SUMÁRIO	13
Introdução	14
<i>Uma guerra fria, cultural e transnacional</i>	18
<i>A modernização e o desenvolvimento de uma disciplina</i>	23
Modernizar é mudar sem solavancos: por uma América Latina menos instável.....	28
<i>Uma política externa para a educação</i>	31
<i>Ameaças à estabilidade, em ritmo acelerado</i>	37
<i>Formação de elites e o ‘efeito multiplicador’</i>	43
<i>Desenvolvimento social e transição</i>	52
Aspectos sociais do desenvolvimento, consenso e dissenso no convênio Ford-Iuperj.....	58
<i>Alex Inkeles, produto da Guerra Fria</i>	63
<i>Projeto ‘Consenso & Dissenso’ do Iuperj</i>	72
Integração das ciências sociais no Rio e além.....	79
<i>Diagnóstico das ciências sociais brasileiras</i>	80
<i>Integrar os ‘bolsões’ de ciências sociais no Rio</i>	86
<i>Os escolhidos da Ford: coesos e conectados</i>	90
<i>Reunião de esforços e colaboração interinstitucional no Rio</i>	94
<i>A ideia que não foi: consórcio para a pós-graduação</i>	99
<i>Embrião da Anpocs</i>	105
Considerações finais.....	111
BIBLIOGRAFIA	115
ANEXOS	131
<i>Anexo 1 – Organograma: estrutura institucional da Fundação Ford</i>	131
<i>Anexo 2 – Mapa: Nomes dos membros do International Division, OLAC e escritório da Ford no Rio de Janeiro, 1955-1975</i>	131
<i>Anexo 3 – Orçamentos dos convênios Ford-Iuperj (1967-1975)</i>	133

Introdução

*The birth of a discipline is a serious and excruciatingly interesting matter. The midwifery needs to be well done.*¹

O campo da ciência política já produziu inúmeros balanços e rememorações sobre a constituição da própria disciplina e a trajetória do campo. Renato Lessa, entretanto, diz que ainda não há uma “história da ciência política brasileira”.

Tal proximidade entre os extremos temporais faz com que qualquer tentativa de construir uma narrativa genética seja, ainda, marcada por certa confusão entre exercício histórico e recolha de memórias pessoais. (Lessa, 2011, p. 6)

A afirmativa em questão remonta a uma debatida questão teórica do campo da história, qual seja a diferenciação entre história e memória. Parte considerável das narrativas existentes sobre a trajetória do campo da ciência política bebem de fontes memorialísticas: depoimentos e entrevistas de história oral adquirem centralidade nas histórias até aqui contadas.² Por certo, esse tipo de narrativa confere ênfase à trajetória e experiência pessoais de grupos considerados fundamentais para o processo de autonomização da disciplina, como se a trajetória do agrupamento de intelectuais mimetizasse o caminho da própria área (Keinert & Silva, 2010). Outra parcela acompanha a evolução do campo a partir das principais obras publicadas ao longo das décadas — ou por meio de um mapeamento das publicações em periódicos acadêmicos, ou, ainda, a expansão dos programas de pós-graduação (Oliveira, 2016; Souza & Valmore,

¹ Tradução livre: “O nascimento de uma disciplina é um assunto sério e dolorosamente interessante. O parto precisa ser bem feito.” Kalman H. Silvert para Harry E. Wilhelm, “University Institute of Research”, Inter-Office Memorandum, cópia para Nita Rous Manitzas, 10.fev.1969; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

² Especialmente, os relatos produzidos por Fábio Wanderley Reis e Héglio Trindade (Trindade, 2012; Reis, 2016). Vale mencionar outros textos que, embora não sejam estritamente memorialistas, apresentam seus argumentos sustentados fortemente em entrevistas e depoimentos (Veiga, 1987; Arruda, 1989; Forjaz, 1997).

2016; Valmore, 2016; Nicolau & Oliveira, 2017).

A partir dessas observações, da identificação do substrato de onde as literaturas extraem seu material, suas “bases empíricas”, temos a conformação de determinados tipos de narrativas, ao invés de outras, e o encadeamento de certas questões, no lugar de outras.

* * *

O convênio da Fundação Ford com o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, o Iuperj, foi firmado em agosto de 1967 e se estendeu até o ano de 1995. No total, desses quase quarenta anos de auxílio foram US\$ 2.689.447,00³ alocados pela Fundação junto à SBI (Sociedade Brasileira de Instrução), instituição mantenedora do complexo universitário Candido Mendes, ao qual era ligado o Iuperj.⁴ O Instituto é tido pelos praticantes da própria área como um dos centros de excelência da ciência política no país, pioneiro em muitos sentidos, mas principalmente por ser um dos locais onde a disciplina se consolidou com uma nova cara, mais moderna, mais científica, privilegiando a pesquisa empírica, com rigor metodológico, e a formação de quadros em nível de pós-graduação.

Um dos resultados desta pesquisa, após percurso extenso de análise do convênio com o Iuperj, mostra que a alocação desses recursos por parte da Fundação Ford fazia parte de um projeto amplo de intervenção nas ciências sociais na América Latina, concebido, discutido e implementado, ao longo das décadas de 1960 e 1970, por diversas instâncias da Fundação em Nova York e por seus escritórios locais nos países da região, como o que a Ford mantém no Rio de Janeiro desde 1962. Esse plano foi desenhado a partir de diagnósticos sobre a comunidade acadêmica nesses países e projeções de objetivos a serem alcançados no curto,

³ Corrigidos pela inflação a partir do ano de 1995, o valor atualizado chega a cerca de US\$ 4,6 bilhões de acordo com a ferramenta <https://www.dollartimes.com/inflation/>.

⁴ Para os valores detalhados de cada um dos convênios Ford-Iuperj ao longo dos anos, especificados por setores e despesas, conferir o Anexo 3.

médio e longo prazos. Era uma estratégia dinâmica, que passou por avaliações internas e correções de rota. Essa estratégia, que deixou rastros na documentação do convênio Ford-Iuperj — o *corpus* documental central desta investigação, ao qual se soma, ainda, a busca por arquivos e coleções documentais complementares — até onde é possível afirmar, não foi um tópico abordado pela historiografia sobre a institucionalização das ciências sociais no Brasil, ou pelos projetos de memória institucional e memória das ciências sociais, que muito se apoiam em registros testemunhais e, mais recentemente, levantamentos bibliométricos.⁵

Esse projeto foi apenas uma das áreas em que se manifestou a preocupação com o impulso à modernização das chamadas sociedades tradicionais, não desenvolvidas (ou em desenvolvimento), preocupação simbolizada talvez de forma mais aguda no programa Aliança pelo Progresso, perseguido pela administração de John Kennedy, que tem início em 1961, e sintomático da forma pela qual elites políticas, militares e acadêmicas de Washington e dos principais centros norte-americanos decidiram enfrentar os conflitos políticos e sociais nos países da América Latina durante a Guerra Fria. No entanto, o processo que esta dissertação procura abordar (especialmente nos capítulos 1 e 2) diz respeito a uma reformulação, que acontece no decorrer dos anos sessenta, sobre o diagnóstico produzido a respeito dos processos de mudança que estavam em curso nos países da região. Essa reavaliação é um sintoma do esfacelamento do consenso liberal construído a partir das teses intelectuais que deram sustentação à política externa do governo Kennedy e às ambições da Aliança para o Progresso. As *teorias de modernização* estavam preocupadas, basicamente, em facilitar o processo de transição das sociedades tradicionais para sociedades modernas, cujos sistemas político-econômicos tinham como virtude a democracia representativa, o livre mercado, a moderação das classes populares e a estabilidade política. A nova concepção trazia para o primeiro plano

⁵ Mais recentemente, os trabalhos de Letícia Bicalho Canêdo (2018) e Lidiane Rodrigues (2020) podem ser apontados como exceção ao investigar a relação entre a Fundação Ford e a disciplina de ciência política no Brasil.

a atenção com o fenômeno da instabilidade política, cujas causas eram devidas ao ritmo acelerado do processo de crescimento econômico. A estabilidade — a ordem política — deveria ser o objetivo central das políticas e do discurso direcionados aos países latino-americanos.

Nessa abordagem no campo das ciências sociais, uma disciplina em particular, a ciência política, ganha protagonismo na carteira de convênios da Fundação Ford no Brasil por sua capacidade de fornecer subsídios para uma melhor condução do planejamento governmental e quadros para as agências da administração pública. A documentação analisada do convênio Ford-Iuperj,⁶ bem como o acervo pessoal de alguns intelectuais partícipes do convênio, deixa clara a conexão entre os elementos do projeto Iuperj e a política mais ampla da Fundação, planejada para produzir efeitos de médio e de longo prazos. Não é trivial afirmá-lo, pois a literatura memorialística e historiográfica sobre a história das ciências sociais no Brasil, grosso modo, não investigou a fundo essa relação. O escritório da Ford no Rio de Janeiro, por sua vez, tinha muito claro para si essa articulação: os elementos do convênio com o Iuperj correspondiam à busca por alcançar a missão projetada pela matriz, especialmente pelo Social Science Program, do OLAC, da International Division, da Fundação Ford.

* * *

Antes de iniciar o percurso histórico dos primeiros anos do convênio Ford-Iuperj, um breve exercício de posicionamento das contribuições que esta dissertação se propõe a fazer às literaturas e narrativas historiográficas sobre a história das ciências sociais brasileiras e da Guerra Fria na América Latina.

⁶ A pesquisa não teria sido possível sem o auxílio de Wanderson da Silva Chaves, que gentilmente compartilhou em 2017 a parte de seu acervo documental coletado em arquivos norte-americanos referente ao convênio do Iuperj com a Fundação Ford. De nossa parte, a pesquisa de arquivo foi complementada com fontes do próprio Rockefeller Archive Center (Sleepy Hollow, NY), além de Hoover Institution Library & Archives (Stanford, CA), Harvard University Archive (Cambridge, MA), National Archives Records and Administration (Washington, DC), Arquivo Nacional (Brasília) e biblioteca do IUPERJ/UCAM (Rio de Janeiro).

Uma guerra fria, cultural e transnacional

*Poets may see the world in a grain of sand... but only diplomatic historians could reduce the Latin American Cold War to a Cuban beach.*⁷

A epígrafe acima, do historiador Greg Grandin, direciona um ataque a certo consenso historiográfico, já enferrujado, construído sobretudo por historiadores das relações exteriores dos Estados Unidos nos anos noventa e preocupado excessivamente com as origens do confronto bipolar das duas superpotências na segunda metade do século XX. Essencialmente, duas grandes narrativas estavam em xeque. Por um lado, uma interpretação *realista*, bebendo das grandes estratégias (e estrategistas) do xadrez geopolítico da Guerra Fria, buscava confirmação documental para evidenciar os planos mal-intencionados de Moscou (e de seus “parceiros júniores” em Pequim e Havana) no sentido de moldar a política do hemisfério americano a partir de movimentos contestadores guerrilheiros, além de células domésticas e partidos locais com inclinações pró-comunistas (Gaddis, 1987). Por outro lado, o *revisionismo da nova esquerda* deslocou o pêndulo da culpa de Moscou em direção a Washington, ao sublinhar a dinâmica de dominação econômica dos EUA na América Latina, uma região cujo longo passado põe a nu políticas intervencionistas e imperialistas do vizinho poderoso do norte (LaFeber, 1993; Rabe, 2011). No primeiro caso, evocava-se o excepcionalismo e a retidão dos Estados Unidos ao justificar a intervenção no hemisfério; no segundo, o expansionismo e a hipocrisia serviam para denunciar as ações da superpotência e seu desejo de colocar-se como poder dominante em uma ordem internacional liberal que buscava por novos mercados e aliados. Comum às duas narrativas, porém, restava uma visão algo vitimista sobre os latino-americanos, além da ênfase ideológica nas rivalidades Leste-Oeste (Brands, 2010; Munhoz,

⁷ Tradução livre: “Poetas podem conseguir captar o mundo em um grão de areia... mas só historiadores diplomáticos conseguem reduzir a Guerra Fria latino-americana a uma praia cubana.”. (Grandin, 2002, p. 426)

2016). Ou, como Gilbert Joseph (2019, p. 147) descreveu: “uma verdadeira obsessão com causas primárias, com atribuição de culpas e com os motivos e responsabilidades dos tomadores de decisão dos Estados Unidos”.⁸

Abordagens mais frescas sobre o conflito da Guerra Fria no hemisfério passaram a clamar por trabalhos mais descentralizados, multidimensionais, interdisciplinares e com recursos a arquivos depositados em diferentes países (Spenser, 2004; Joseph & Spenser, 2008; Harmer, 2011). A Guerra Fria *da* América Latina passou a ser o foco, substituindo a preposição “em/na” (Harmer, 2014). As novas histórias passaram a privilegiar a agência de diversos atores latino-americanos, em especial as parcelas subalternas das sociedades latino-americanas, os movimentos populares, os atores não-estatais. Como consequência, mais ênfase foi colocada na “longa” Guerra Fria, atenta à *longue durée* local e doméstica dos complexos conflitos econômicos, políticos e ideológicos, além das dinâmicas imperiais e da posição estrutural de subordinação dessas sociedades em relação aos Estados Unidos (Grandin, 2010; Joseph, 2010; Pettiná, 2018; Franco, 2019). Após terem sido exaustivamente explorados pela historiografia, os tradicionais marcos temporais do conflito no hemisfério foram sendo deixados de lado, tais como a Revolução Cubana de 1959 ou o golpe na Guatemala em 1954 — talvez um reflexo historiográfico da dependência danosa do alto interesse dos *policymakers* dos EUA e, por consequência, a abundância de material documental nos arquivos do país. Novas cronologias para a Guerra Fria no hemisfério têm se dedicado a explorar interpretações “geológicas”, que buscam um retorno até a Revolução Mexicana de 1917 e além, atrás de uma gama complexa de contingências nacionais que, quando colocadas no mesmo plano analítico, podem proporcionar uma mirada diferente na macro-história comum e compartilhada da Guerra Fria na América Latina (Booth, 2020).

⁸ No original, em inglês: “a veritable obsession with first causes, with blame, and with the motives and roles of US policy-makers” (Joseph, 2019, p. 147).

A partir dessas reflexões que o subcampo de estudos sobre Guerra Fria e América Latina se propôs a perseguir nos últimos vinte anos, a esta dissertação de mestrado interessam dois elementos em particular: o *cultural* e o *transnacional*.

Para além dos atores tradicionalmente identificados com a promoção de política externa, a partir de instituições governamentais — diplomatas, oficiais de inteligência e segurança, adidos e representantes consulares, partidos políticos e militares — histórias sobre a Guerra Fria têm buscado explorar como a cultura foi empregada como ferramenta de articulação do conflito internacional (Manela, 2020, p. 197). Fenômenos culturais, entendidos de forma ampla, estão enredados a forças sociais e políticas de uma sociedade. Dessa forma, as pesquisas históricas sobre a chamada Guerra Fria cultural trazem como ganho analítico a sensibilidade de explorar como o conflito produziu efeitos domésticos palpáveis no funcionamento dessas sociedades, ligando as grandes decisões de política externa (campo da história diplomática) à vida material dos grupos sociais internos. O símbolo maior desse campo de estudos talvez seja o Congresso pela Liberdade da Cultura (CCF, na sigla em inglês), cuja trajetória foi inicialmente narrada no trabalho pioneiro de Frances Stonor Saunders (1999). O CCF foi uma sofisticada organização de fachada da comunidade de inteligência dos EUA, financiada de forma encoberta pela CIA e por fundações filantrópicas (Berghahn, 2001; Scott-Smith, 2002; Wilford, 2009; Paget, 2015; Scott-Smith and Lerg, 2017; Wolfe, 2018). A atuação desse complexo, descrito por Scott Lucas (1999, p. 2) como uma “rede público-privada”, visava intervir na batalha ideológica por corações e mentes mundo afora, financiando artistas, escritores, sindicalistas, estudantes, revistas literárias, periódicos intelectuais e promovendo uma série de atividades, como congressos culturais, concertos de música clássica e exposições de arte abstrata (Iber, 2019). A via de ação do CCF tinha certo grau de sofisticação pois o alvo preferencial de suas atividades eram, especialmente, grupos de esquerda, que não se identificavam com o stalinismo, mas que não tinham interlocutores nos Estados Unidos — a

chamada esquerda não-comunista. O objetivo não era destruí-la, mas monitorá-la. Dar vazão às suas verborragias e combater o neutralismo, sutilmente empurrando-as para assuntos caros a Washington, como a liberdade artística e a censura, por exemplo; contrapor alguns estereótipos que os grupos intelectuais, especialmente na Europa Ocidental, tinham sobre os Estados Unidos, e defender-se de pontos sensíveis das contradições internas do país, como o histórico de direitos civis e relações raciais.

Os estudos sobre a Guerra Fria cultural na América Latina também vivenciaram nas últimas décadas uma expansão marcante (Calandra & Franco, 2012; Cancelli, 2012; Iber, 2015; Marchesi, 2017; Franco, 2019). Os protagonistas e partícipes dessas histórias culturais da Guerra Fria na América Latina aparecem como intermediários de diversos projetos: econômicos, jurídicos, infraestruturais, ambientais, educacionais, literários, urbanísticos, medicinais, humanitários, raciais, industriais e agrícolas (Cancelli, 2008; Kirkendall, 2010; Adelman, 2013; Meirelles, 2016; Penholato, 2017; Cattai, 2018; Chaves, 2018; Kelly, 2018; Marino, 2019; Offner, 2019; Cancelli, Mesquita & Chaves, 2020; Field, Krepp & Pettinà, 2020; Thornton, 2021). Dessa forma, novas histórias descortinaram toda uma nova gama de atores que, carregando a carga ideológica da rivalidade da Guerra Fria, cruzaram fronteiras e fizeram o conflito global ser sentido e vivenciado *localmente*.

À medida que conflitos locais por toda a região (muitos dos quais tinham profundos antecedentes, decorrentes das contradições sociais de processos de desenvolvimento capitalista de longa duração) passam a ser invocados para dentro da luta global intensamente polarizada, movimentos de oposição, tais quais os governos aos quais se opunham, receberam ideias, inspirações, apoio tecnológico e material vindos de longe. Não ocasionalmente, Estados latino-americanos lançaram mão de uma racionalidade da Guerra Fria e de instrumentos tecnológicos e científicos, muitas vezes, mas não sempre, gestados fora da região, para fazer guerra contra seus próprios cidadãos, para conquistar e perpetuar-se no poder e para criar ou justificar regimes militares autoritários (Joseph, 2019, p. 149).⁹

⁹ No original, de Gilbert Joseph (2019, p. 149), em inglês: “As local conflicts throughout the region (some of which had extensive antecedents, issuing as they did from the social contradictions of

Abordagens históricas sobre episódios e fenômenos culturais representam, sim, uma preocupação com as formas de exercício e contestação de poder manifestados na Guerra Fria no hemisfério. O poder não é desempenhado apenas por meio de políticas de intervenção de agentes estatais e tampouco é unidirecional — não flui somente no sentido do ponto A (geralmente no Norte global) para o ponto B (no Sul global). No que toca, então, esta dissertação, inserir a história das ciências sociais brasileiras na história mais ampla da Guerra Fria na América Latina é fundamental para uma melhor compreensão do que foi tanto o processo de construção disciplinar e intelectual no país, quanto as formas por meio das quais o conflito global foi materializado localmente.

Para o historiador Odd Arne Westad (2005), que argumenta por um reposicionamento da Guerra Fria para além de uma disputa geopolítica por hegemonia global, a batalha ideológica do pós-guerra se deu entre duas visões concorrentes de projetos globais de modernização. A Guerra Fria foi também uma luta material e técnica por versões competidoras sobre como atingir uma vida próspera e moderna. Dessa forma, toda uma nova historiografia sobre a Guerra Fria tem lançado luz sobre os desdobramentos do conflito no chamado Terceiro Mundo, dos países “subdesenvolvidos” (como se dizia à época), ou “em desenvolvimento”, ou ainda, na nomenclatura mais utilizada atualmente, nos países do chamado Sul Global, grupo do qual a América Latina faz parte, em conjunto com África e Ásia (Brands, 2008; Pernet, 2011; Gleijeses, 2013; Gobat, 2013; Lorca, 2015; Parker, 2016; Pettinà, 2016; Krepp, 2017; Scarfi, 2017; Thornton, 2018; Field, Krepp & Pettinà, 2020; Dragostinova, 2021).

Ao assumir os projetos de desenvolvimento e modernização como um dos palcos centrais

long-running processes of capitalist development) were subsumed in this intensely polarising global struggle, opposition movements, like the governments they opposed, received ideas, inspiration, material and technological support from afar. Not infrequently, Latin American states used a Cold War rationale and scientific and technological capacity, often but not always generated from outside the region, to wage war against their citizens, to gain or perpetuate power, and to create or justify authoritarian military regimes.”

da disputa ideológica da Guerra Fria na América Latina, a produção historiográfica tem mostrado mais recentemente como o conflito global no hemisfério teve como protagonistas uma rede intrincada de *experts*, especialistas, tecnocratas, cientistas sociais, economistas, demógrafos, filantropos e cientistas, que atuaram como intermediários na promoção de projetos de modernização diversos (Gilman, 2003; Oren, 2003; Guilhot, 2005; Cancelli, 2017; Bessner, 2018; Chaves, 2018; Engerman, 2018; Fajardo, 2019; Chastain & Lorek, 2020; Cattai, 2021). Parcela considerável desses projetos, como esta pesquisa demonstra, dizia respeito ao fomento institucional e teórico para a construção acadêmica de disciplinas ligadas ao planejamento estatal de políticas públicas em diversas áreas. Foi o caso da ciência política brasileira no Iuperj, mas também de outras redes das ciências sociais no país (Mello, 2009; Canêdo, Tomizaki & Garcia Jr., 2013; Hey & Rodrigues, 2017; Klüger, 2017; Maia, 2017; Fernandez & Suprinyak, 2019; Silva, 2019; Merkel, 2020) e em outras partes da América Latina (Altman, 2006; Delpar, 2007; Bulcourf & Dufour, 2012; Plotkin, 2015; Quesada, 2015; Chilcote, 2018; Ravecca, 2019; Grondona & Pryluka, 2020; Markarian, 2020b). Um dos traços distintivos da atuação dessa rede de conhecimento foi sua habilidade para constantemente cruzar fronteiras nacionais e disciplinares. Andra Chastain e Timothy Lorek (2020, p. 14) caracterizam esses atores como “*hybrid nationalities of experts*”, sublinhando os fluxos transnacionais dessa rede e a dinâmica de pertencimento a múltiplas comunidades simultaneamente (nacionais, internacionais, acadêmicas e profissionais).

A modernização e o desenvolvimento de uma disciplina

Os estudos sobre a Guerra Fria cultural também se cruzaram em dado momento com esforços para propor novas pesquisas sobre a história das ciências sociais e instituições acadêmicas (Isaac, 2007; Engerman, 2010; Gilman, 2016). Como observa Nils Gilman (2016,

p. 507), o termo “guerra fria” transformou-se de um substantivo que descreve um determinado período histórico do século XX, para um uso adjetivado, algo como um clichê historiográfico empregado para insinuar uma relação causal entre a história de determinados objetos da vida pública e o período histórico da Guerra Fria (Chomsky, 1996; Lowen, 1997). Tal qual uma *Cold War Latin America*, também houve um boom de estudos sobre as chamadas *Cold War Social Sciences* (Simpson, 1998; Gilman, 2003; Guilhot, 2005, 2011; Haney, 2008; Engerman, 2011; Mirowski, 2011; Isaac & Bell, 2012; Solovey & Cravens, 2012; Erickson, 2013; Rohde, 2013; Cohen-Cole, 2014; Parmar, 2014; Heyck, 2015; Rindzevičiūtė, 2016; Bessner, 2018; Wolfe, 2018; García & Gómez-Escalonilla, 2019; Schrum, 2019; Dayé, 2020; Lee, 2020; Solovey, 2020). A principal questão por trás dessa agenda de pesquisa busca esclarecer em qual medida as rivalidades geopolíticas e ideológicas entre a posição dos Estados Unidos e da União Soviética influenciaram a atividade intelectual de cientistas sociais e o desenvolvimento de instituições acadêmicas no período da segunda metade do século XX.

O consenso historiográfico sobre tema aponta para diversos “entrelaçamentos” (*entanglement*) (Solovey & Cravens, 2012, pp. 4–5), no qual o fenômeno da Guerra Fria, se não atuou necessariamente como o fator determinante na formulação das ciências sociais ao ditar e constranger rumos e caminhos, certamente agiu como um “campo de força intelectual” (Gilman, 2016), exercendo mais ou menos atração a determinados projetos e atores da área no período.¹⁰ Um desses aspectos, objeto ainda raro de pesquisas históricas no país, foi o papel

¹⁰ Gilman (2016, p. 514), em esforço para sintetizar a literatura, estabelece quatro níveis de atração desse campo de força que a Guerra Fria exerceu sobre cientistas e ciências sociais: i), os que trabalharam diretamente nos problemas da luta da Guerra Fria, perseguindo ferramentas intelectuais para vencer o comunismo (exemplos: teoria dos jogos da RAND, os teóricos da modernização como Edward Shils, Lucian Pye e Walt Rostow); ii), aqueles não diretamente envolvidos com as batalhas da CW, mas cujos fundamentos teóricos e metodológicos estavam em ressonância com a agenda da Guerra Fria (exemplos: aqueles *cold warriors* que viajavam o mundo, com bolsas, cujos trabalhos foram instrumentalizados, deformados ou ressignificados para apoiar a agenda da Guerra Fria); iii), conexão mais tênue, sem uma ligação direta com os traços políticos ou ideológicos da agenda política, mas que pode ser rastreada como originária ou derivada de oportunidades que foram criadas pela Guerra Fria acadêmica; e iv), uma contra-narrativa que ressalta as resistências de uma produção de pensamento que mais declaradamente buscou enfrentar, desafiar os paradigmas da Guerra Fria (exemplos: Karl Polanyi,

que entidades não governamentais e intelectuais estrangeiros tiveram ao estabelecer diálogos e participar do processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil (Canêdo, 2018; Cattai, 2018; Chaves, 2018; Rodrigues, 2020). Entre outros elementos, a relação desse processo de diferenciação acadêmica com a Guerra Fria se estabelece ao percebermos que, conforme aponta Rodrigo Patto Sá Motta (2014, pp. 9–10), o paradigma da *modernização* e do *desenvolvimento* eram o lugar a partir do qual estavam colocados diversos atores participantes dos debates sobre a educação brasileira. Seja no meio discente e docente, que se colocavam como antagonistas ao regime autoritário instaurado em 1964, seja no próprio esforço de reforma a partir do governo militar, e seja, ainda, no caso específico desta dissertação, nos atores envolvidos no projeto de institucionalização da disciplina de ciência política no Brasil.

A historiografia convencional que explica o processo de modernização da ciência política — e das ciências sociais, de forma mais ampla — não dá conta desse atravessamento. A narrativa hegemônica apresenta a emergência da disciplina como o resultado da criação, no final dos anos sessenta, de alguns programas pioneiros de pós-graduação, especialmente, no Rio de Janeiro (Iuperj) e em Belo Horizonte (DCP-UFMG) (Arruda, 1989; Forjaz, 1997; Keinert & Silva, 2010). Essa narrativa se apoia sobretudo na atuação individual de uma geração fundadora como a responsável por modernizar a disciplina — os chamados *founding fathers*, na maioria homens, ressaltando, ainda, um corte de gênero ao apontar suas láureas (Candido, 2020). O pioneirismo dessa geração foi estabelecido a partir da ruptura com o que se fazia anteriormente na área agora chamada de pensamento social brasileiro (Lamounier, 1982; Miceli, 2001; Trindade, 2005; Lessa, 2011; Leite, 2015; Avritzer, Milani & Braga, 2016; Limongi, Almeida & Freitas, 2016; Lynch, 2016; Marengo, 2016). Assinalando sua distinção tanto do “ensaísmo” isebiano, politicamente comprometido com o projeto national-

Robert Redfield, Marshall Sahlins, Noam Chomsky, William Appleman Williams, Immanuel Wallerstein, C. Wright Mills, Paul Goodman, Alvin Gouldner, William Whyte, ou Paul Baran).

desenvolvimentista, quanto das análises materialistas e socioloizantes da escola paulista, a nova ciência política arrogou para si o cientificismo, o objetivismo e a isenção por meio da observação empírica da sociedade, da coleção de dados e, a partir deles, da proposição de formulações teóricas.

Ao atravessar a história das ciências sociais pela história da Guerra Fria e do Brasil ditatorial, como será argumentado aqui, torna-se possível descrever com mais nuances como os projetos que permitiram a emergência de um determinado tipo de instituição acadêmica promotora e formadora em ciência política (no caso, o Iuperj) estavam conectados a certas noções de *desenvolvimento* e *modernização* situadas nas reflexões da Guerra Fria, como segurança hemisférica, estabilidade, planejamento público e transição. Não se trata apenas de apontar e nomear recebedores de verbas em dólares oriundos de fundações filantrópicas, que, por sua vez, mantinham em seus quadros intelectuais com intensa e frequente articulação com agências formuladoras da política externa dos Estados Unidos — porque isso já foi feito (Miceli, 1990, 1993; Forjaz, 1997; Brooke & Witoshynsky, 2002). Mas, sim, e a partir de levantamento documental rigoroso, de identificar e historicizar os atores protagonistas desses processos, quais projetos foram debatidos, de que forma, quais objetivos tinham e a quais metas respondiam.

A modernização da disciplina da ciência política no Brasil traz consigo uma preocupação manifesta — e descrita nas páginas desta dissertação — com o planejamento estatal com vistas a um sistema político que fosse mais estável. A disciplina acadêmica poderia contribuir de várias formas para esse esforço de desenvolvimento e modernização do país. Por exemplo, por meio da aplicação de suas metodologias (objetivas, científicas, técnicas) na direção de uma melhor apreensão dos problemas sociais do país; a identificação de demandas sociais para, então, que as instituições do poder público pudessem melhor atendê-las e, assim, produzir mudança de forma estável e segura. Por outro lado, o desenvolvimento institucional da própria

disciplina (especialmente através do amadurecimento da pós-graduação) inauguraria polos capazes de treinar e formar profissionais que pudessem formar os especialistas a ocuparem essas as diferentes posições nessas esferas da vida política (públicas e não públicas) responsáveis por planejar o desenvolvimento e a modernização do país.

Modernizar é mudar sem solavancos: por uma América Latina menos instável

It was believed that economic growth, social equity, and political democracy all could go hand-in-hand and could be advanced simultaneously in Latin America. And it was thought that all these objectives were also compatible with protecting U.S. interests in the Hemisphere, including security interests and private U. S. investments, and particularly with maintaining political stability in the area.¹

A escolha desta epígrafe passa menos pela originalidade do seu conteúdo e mais pelo que significa a emergência desse texto em meio ao arquivo documental pesquisado.² Na verdade, o conteúdo da citação é absolutamente comum — um argumento central deste capítulo — e representa um diagnóstico compartilhado por diversos setores e gestores políticos, acadêmicos e filantrópicos nos Estados Unidos e em países da América Latina. O texto do qual o trecho foi extraído recebeu o título de “Reviewing U.S. Policy Towards Latin America: Some Observations”, de maio de 1969, de autoria de Abraham F. Lowenthal. Trata-se de um balanço da década de 1960, sob a perspectiva da política externa norte-americana para a América Latina, escrito por um cientista político latino-americanista que teria uma longa carreira, não tanto ligada a universidades, e muito mais ao circuito privado das filantrópicas e dos *think*

¹ Tradução livre: “Acreditou-se que crescimento econômico, equidade social e democracia política poderiam andar de mãos dadas e poderiam ser perseguidas simultaneamente na América Latina. E acreditou-se que todos esses objetivos também eram compatíveis com a proteção dos interesses dos EUA no Hemisfério, inclusive aqui os interesses de segurança e os investimentos privados dos EUA, e, particularmente, a manutenção da estabilidade política na área.” Abraham F. Lowenthal, “Reviewing U.S. Policy Towards Latin America: Some Observations”, Brookings Institution, mai.1969; p.4; #004182, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

² Como padrão ao longo desta dissertação, optamos por, no corpo do texto, disponibilizar citações, diretas e indiretas, sempre traduzidas para o português (tradução livre, do autor, a não ser que indicada de forma contrária). Nas notas de rodapé, quase sempre, a versão na língua original, em itálico. Ao longo do texto, buscamos reduzir, na medida do possível, as remissões em nota, concentrando trechos diferentes de um mesmo parágrafo em uma única nota. Exceções são as epígrafes, que aparecem no corpo do texto na versão original, com a tradução livre, do autor, em nota auxiliar. Outra exceção: reproduções integrais, ou quase integrais, de cartas e correspondências são feitas em itálico, mesmo que traduzidas para o português.

tanks. Esse texto aparece nos arquivos da Fundação Ford, mas foi preparado sob os auspícios da Brookings Institution (Latin American Study Group), por conta de uma série de reuniões organizadas pelo Council on Foreign Relations para discutir a missão presidencial do governador Nelson Rockefeller à América Latina, primeira grande ação do recém-empossado governo Nixon para o hemisfério (Rockefeller, 1969; Capello, 2013; Keeley, 2015; Martin, 2019; Rabe, 2020, cap. 1). O texto de Lowenthal explora os limites das premissas políticas e intelectuais que serviram como alicerce para o lançamento da Aliança para o Progresso. Este programa ambicioso de assistência para o hemisfério simbolizou um consenso muito particular no qual coexistiram tanto um *imenso otimismo* (com a possibilidade de fomentar mudanças que de fato melhorassem a vida das pessoas e fizessem avançar a sociedade em direção a um modelo comum desejável) quanto um *apreensivo senso de urgência* (diante dos riscos, rupturas e ameaças que poderiam encharcar o hemisfério caso entornasse o caldeirão de descontentes e radicais, como acontecera com certa ilha no mar do Caribe).

Na virada da década seguinte, esse consenso fora feito farrapo. Para Lowenthal, estava muito claro para todos (academia, diplomacia, terceiro setor) que seria impossível atingir simultaneamente aqueles três objetivos — crescimento econômico, justiça social e estabilidade política — da Aliança para o Progresso. Fidel Castro não era mais percebido pelo *establishment* político como uma ameaça direta e os movimentos de guerrilha e grupos de insurgência tampouco eram encarados como riscos à segurança dos interesses norte-americanos no hemisfério. As antes temidas massas urbanas empobrecidas, nos países latino-americanos, revelaram-se não revolucionárias; e os “setores médios” se mostraram mais propensos a alianças com as elites tradicionais do que gostariam os formuladores da Aliança para o Progresso. As lideranças “sociais-democratas” latino-americanas da “geração de 30” provaram-se incapazes de manter apoio político para implementar as mudanças estruturais necessárias e, ao longo da década, começaram a dar lugar a ditaduras militares. Os níveis de

investimento externo, privado e público, não atingiram na América Latina os patamares esperados, apesar do crescimento econômico. Também não houve o avanço desejado nos laços de integração regional no hemisfério. Ao contrário das projeções, a Aliança para o Progresso não havia sido capaz de fomentar um sentimento de pertencimento a uma comunidade ocidental que unisse todas as Américas; pelo contrário, muitas das reações apresentavam caráter nacionalista e anti-americano — mesmo de setores militares, alvo antigo de programas de assistência e intercâmbio com Washington. No cenário doméstico dos EUA, também o clima política era outro: tensões internas em meio ao movimento dos direitos civis e desencanto com o Vietnã pressionavam o Congresso a substituir o engajamento internacional por concentração de esforços nos problemas domésticos.

Este capítulo diz respeito a essa mudança de entendimento sobre o que estava ocorrendo na América Latina dos anos sessenta (Chaves & Cattai, 2019). Se o consenso otimista estava ruindo à medida que a década transcorria, as críticas a esse modelo foram manifestadas na forma de um entendimento comum, algo homogêneo, entre os setores do *establishment* intelectual e político norte-americano dedicados a pensar as relações internacionais com a América Latina. A preocupação maior era com a *instabilidade política* das sociedades latino-americanas, que vinha aumentando, ao contrário das previsões do início da década. Este capítulo pretende, então, mostrar como essa preocupação com a instabilidade se traduziu no projeto de intervenção da Fundação Ford para as ciências sociais nos países da América Latina.

Um novo diagnóstico a respeito dos processos de mudança em curso nos países não desenvolvidos alterava o entendimento sobre os efeitos dos avanços educacionais, transformando, por sua vez, a estratégia internacional da Fundação Ford para essa área. Essa nova interpretação permeava tanto os escalões mais altos da Fundação, na matriz em Nova York, na seção que cuidava dos programas na América Latina, quanto o nível mais local, dos escritórios nacionais da Fundação, materializado nos seus diversos convênios no campo das

ciências sociais, como o que a Fundação estabeleceu com o Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) em 1967. Nas ciências sociais na América Latina, a Fundação Ford optou por uma abordagem *elite-centered*, privilegiando a construção de centros de excelência (tanto em pesquisa empírica quanto em ensino no nível de pós-graduação) nas ciências sociais chamadas não econômicas, especialmente as disciplinas não estabelecidas no sistema universitário. Nessa formulação, adquire centralidade a área da ciência política, com forte preocupação no rigor metodológico e coleção massiva de dados, úteis para depreender generalizações teóricas que pudessem servir de suporte, tanto para extrair comparações com outras regiões não desenvolvidas, quanto para informar o planejamento público das agências de governo, mesmo que não democráticos.

Uma política externa para a educação

A partir da década de 1960, as diversas instâncias internas da Fundação Ford passaram a manifestar preocupações (e discuti-las) a respeito dos rumos dos processos de modernização pelos quais estavam passando os chamados países em desenvolvimento, especialmente os latino-americanos. O diagnóstico era feito a partir da constatação de que essas sociedades tradicionais, predominantemente pobres, estavam manifestando índices cada vez mais elevados de crescimento econômico, industrialização, urbanização, alfabetização, acesso a meios de comunicação de massa e consumo de bens e produtos. Tais dados indicavam que os países da região passavam por um processo de mudança. No entanto, esse processo de modernização contínuo e acelerado poderia também resultar em um subproduto um tanto quanto indesejado: a instabilidade política.

Por trás desse olhar cauteloso que era dirigido ao desenvolvimento nos países latino-americanos, subjazia a seguinte lógica: quanto mais modernas fossem as sociedades, mais

complexas e prementes seriam as suas demandas — por participação política, por espaço no mercado de trabalho e por habitação urbana, por exemplo. Na outra ponta, porém, as instituições políticas existentes nesses países tradicionais não dariam conta de atender satisfatoriamente a esses conjunto e volume de novas demandas sociais. As sociedades chamadas de pré-modernas estavam se modificando em um ritmo muito mais acelerado do que podiam suportar as instituições políticas tradicionais, mais estáticas. A discrepância entre as expectativas crescentes de uma sociedade em compasso de mudança, por um lado, e a inadequação das instituições políticas em atendê-las, por outro, é o que poderia resultar em instabilidade. Aos olhos da Fundação Ford, a instabilidade era, por essência, imprevisível e, portanto, sua dimensão não poderia ser antecipada. Era preciso fazer o possível para evitá-la.

Para o *modus operandi* da Fundação Ford, o setor da educação estava no cerne das políticas de modernização econômica e social direcionadas aos países não industrializados. O investimento em programas educacionais figurava, portanto, no topo das prioridades da Fundação para a América Latina — sendo que, nesse cenário, o compromisso da Fundação Ford era de que a área das ciências sociais ganharia mais importância no seu portfólio a partir da segunda metade da década. Faziam parte do Social Science Program da Ford os seguintes campos: economia, sociologia, ciência política, direito, planejamento, administração pública, administração e gestão (“*business and management*”) e agroeconomia (“*agricultural economics*”). Na média anual do período entre 1960 e 1965, a soma dos aportes nesses oito campos representou 25% do orçamento total da Fundação para o hemisfério (em valores absolutos: US\$ 13 milhões, sendo que nenhum centavo nesses cinco anos foi para o campo da ciência política).³ A projeção para o ano fiscal de 1966 era de que 42% do orçamento total seria destinado ao Social Science Program.⁴

³ Em valores corrigidos, segundo a calculadora dollartimes.com, são cerca de US\$ 107 milhões.

⁴ Reynold E. Carlson, “The Development of the Social Sciences in Latin America”, nov.1965; pp.1-3; #000100, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center. Embora já

De forma análoga aos processos de modernização como um todo, o avanço do sistema educacional também poderia encontrar efeitos indesejáveis no meio desse caminho até que se atingisse o esperado desenvolvimento. “O desenvolvimento educacional é um instrumento apressado para fins que ainda estão encobertos sob as névoas do futuro”, disse Frank Bowles, que dirigia o Education Program da Fundação Ford, em 1965.⁵ Ocultos na incerteza que o futuro modernizado carregaria estariam os perigos associados ao desenvolvimento educacional em países pobres — a maioria dos quais estava relacionada àquele subproduto específico: instabilidade política. Por exemplo, uma mínima expansão do acesso a títulos educacionais poderia gerar reações por parte da elite intelectual que detinha o monopólio desses bens sociais. Estariam os países subdesenvolvidos capacitados para fornecer apoio financeiro constante aos sistemas educacionais, caros e custosos, que “estavam sendo construídos para eles”? O que dizer das ideias estrangeiras que entrariam no país receptor de ajuda econômica com foco em educação? Os restritos e concentrados oligopólios e as elites político-militares desses países saberiam aceitar a disseminação dessas ideias? E quanto às consequências econômicas do desenvolvimento? Políticas educacionais com foco em industrialização estão propensas a concentrar mais do que distribuir, especialmente tendo em vista as maiorias rurais dos países em desenvolvimento. Assim, um desemprego crescente tende a acompanhar o processo de urbanização em massa. O desenvolvimento educacional, tal qual uma “faca de dois gumes”, pode aumentar as frustrações das massas rurais caso crescesse a miséria.⁶

De forma muito semelhante, o cientista político Samuel Huntington (1965, p. 406) descreveu a possibilidade de uma “revolução das frustrações crescentes”, causada pelo

fosse objeto de apoio, a área de antropologia não aparece nessa listagem pois foi “omitida da lista” compilada no relatório de Carlson.

⁵ No original, em inglês: “*Educational development is, then, a quick means to an end still hidden in the mists of the future.*” Frank Bowles, “White House Conference on International Development”, 30.nov.1965; p.1; #018650, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁶ Frank Bowles, “White House Conference...”, 30.nov.1965; pp.1-3; cr, FF; RAC..

desenvolvimento econômico acelerado: “aumentos em alfabetização e acesso a educação podem trazer mais instabilidade política”.⁷ Frank Bowles sintetizou esses temores com franqueza: “A instabilidade política, oscilando com as massas urbanas, poderia substituir a letargia estável de uma economia baseada na agricultura de subsistência”.⁸ Ou, de forma similar, nas palavras que um outro funcionário da Ford, Peter Bell, escreveria dois anos mais tarde: “Muito frequentemente os migrantes meramente trocam a pobreza rural pela anomia urbana”.⁹ Em comum aos três — Huntington, Bowles e Bell — a preocupação primordial com o risco de instabilidade política resultante de processos de mudança que ocorriam nas chamadas sociedades tradicionais.

Frank Bowles expôs esse conjunto de ideias em novembro de 1965 em uma conferência na Casa Branca, em Washington, D.C., sobre cooperação internacional. O evento fazia parte das comemorações do aniversário de duas décadas da criação da ONU, ocasião em que o ano de 1965 foi nomeado “Ano da Cooperação Internacional”. A série de conferências multitemáticas fora anunciada no ano anterior pelo governo do democrata Lyndon Johnson, que nomeou um comitê ministerial para coordenar a participação dos EUA nessa celebração, cujos objetivos incluíam: realizar um inventário dos projetos sobre cooperação internacional em andamento; produzir uma campanha voltada para convencer o público doméstico sobre as vantagens da cooperação internacional; e, listar sugestões para projetos futuros na área.¹⁰ Entre

⁷ No original, em inglês: “*The result is a 'revolution of rising frustrations.' Increases in literacy and education may bring more political instability*”. (Huntington, 1965, p. 406)

⁸ No original, em inglês: “*Political instability, swaying with an urban mass, may replace the stable lethargy of an economy based on subsistence agriculture. In such case education becomes a two-edged blade which can cut back at those who bring it as an offering*.” Frank Bowles, “White House Conference...”, 30.nov.1965; p.4; cr, FF; RAC.

⁹ No original, em inglês: “*Too often migrants merely exchange rural poverty for urban anomie*.” Peter Bell, “Sectoral Programs: Social Sciences”, in “Information Paper: The Ford Foundation's Activities in Latin America and the Caribbean”, International Division, set.1967; p.17; #002409, catalogued reports, Ford Foundation records, Rockefeller Archive Center.

¹⁰ Criado pelo presidente Johnson em novembro de 1964, o comitê ministerial foi liderado por Harlam Cleveland, Assistant Secretary of State for International Organization Affairs (1961-1965) e representante permanente dos EUA na Otan (1965-1969). George Ball (Under Secretary of State) para Lyndon Johnson, “White House Conference on International Cooperation”, Memorandum, 22.set.1965;

os relatórios sobre diversos temas que foram lidos na conferência, cujo programa foi aprovado pessoalmente por Lyndon Johnson, estava o de Frank Bowles. Na equipe presidencial, um dos entusiastas do engajamento do presidente com a conferência era seu assessor de segurança nacional (1961-1966), McGeorge Bundy, que deixaria a Casa Branca no ano seguinte para assumir a presidência da Fundação Ford. No mesmo ano, Bundy faria de Bowles seu conselheiro pessoal para assuntos de educação internacional.¹¹ Bowles encerraria a leitura de seu relatório conclamando pela construção de uma política externa para a educação.

Certamente é o momento de formar uma equipe de respeitados profissionais — servidores públicos, educadores, cientistas sociais — para trabalhar na questão de formular uma política externa para a educação, no mesmo sentido em que o Plano Marshall concebeu, uma geração atrás, uma política externa para a economia americana.¹²

Seria essa a “necessária simbiose” entre fundações filantrópicas e governos nacionais a que iria fazer referência o presidente da Fundação Ford, McGeorge Bundy, dois anos depois? Em um pronunciamento na conferência anual do Council on Foundations, espécie de entidade patronal das fundações filantrópicas, Bundy, que trocara a Casa Branca pelo escritório da Ford em Nova York havia pouco mais de um ano, afirmou que as lideranças das fundações, a quem estava se dirigindo, deveriam enxergar as entidades governamentais mais como “colegas” e menos como adversários. E assim seguir o exemplo da Ford, que considerava necessário comunicar-se “intensa e continuamente” com membros do governo federal dedicados a assuntos de interesse mútuo.¹³

doc.274, FRUS, 1964-1968, vol.34 (Washington, DC: GPO, 2014); disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v34/d274> [acesso 4.ago.2020].

¹¹ Sobre o aval do presidente Johnson, ver: Ball para Johnson, Memorandum, 22.set.1965; FRUS, 1964-1968, vol.34. Para os cargos na FF, ver: “Staff”, Ford Foundation, *Annual Report*, 1966.

¹² No original: “*But surely it is time to put a team of respected professionals — public servants, educators, social scientists, to work on the problem of making a foreign policy for education in the same sense that the Marshall Plan brought into being a generation ago, a foreign policy for the American economy.*” Frank Bowles, “White House Conference...”, 30.nov.1965; p.6; cr, FF; RAC. Este texto depois foi publicado como artigo em periódico especializado (Bowles, 1966).

¹³ No original, em inglês: “*I thought instead that it might be appropriate, since I am only a little more than a year removed from Washington, if I were to talk about what I have come to believe is the necessary symbiosis between foundations and government. (...) In the Ford Foundation, for example,*

Além da relação de parceria que Bundy descreve, haveria também semelhanças na natureza do trabalho de intervenção pública das duas entidades, governo e fundações. Afinal, ambas estavam preocupadas com os procedimentos para entregar grandes somas de dinheiro a determinados agentes, desde que “fizessem uso de acordo com termos e condições deste ou daquele estatuto”.¹⁴ Se, de um lado, quem delimitava as diretrizes a serem seguidas eram o Congresso ou os altos escalões do Executivo; do outro, cumpriam essa função o Conselho Diretor (“*Board of Trustees*”) ou os funcionários mais sêniores das fundações. As diferenças, é claro, estariam na magnitude da intervenção: a Ford raramente gastava, na média, mais do que 1% do que despendia o governo norte-americano em um determinado campo, segundo Bundy; exceção feita às áreas de artes e humanidades, em que a Ford desembolsava mais do que o governo norte-americano. Essa diferença de escala, que permitia às fundações ser mais ágeis e flexíveis do que governos, aliada ao menor peso das restrições (status de isenção fiscal, por exemplo) e das obrigações políticas que tinham as burocracias estatais, fazia com que uma das missões das fundações, na opinião do presidente da Fundação Ford, fosse justamente “estar em comunicação com o governo”.¹⁵ E, em especial, trocar informações. Se as fundações acreditavam que determinadas agendas que perseguiram eram essenciais e prementes para a sociedade, e se os custos envolvidos em abordá-las de forma competente eram maiores do que os recursos disponíveis no universo privado da filantropia, então era necessário que essas fundações transmitissem aos governos os seus pontos de vista, tanto de forma pública, quanto

we find it necessary to maintain intensely continuous communications with people in government concerned with health, education, poverty, labor and manpower, overseas development, and other subjects of mutual interest.” McGeorge Bundy, “Government as Colleague and Petitioner, Address a the 18th Conference of the Council on Foundations”, 19.mai.1967; p.1,3; #018676, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

¹⁴ No original, em inglês: “*All [government and foundations], in the main, are concerned with process of handing these large sums to other people for use under the terms and conditions of this or that statute, or this or that internal guideline.*” Bundy, “Government as Colleague and Petitioner...”, 19.mai.1967; p.4; cr, FF; RAC.

¹⁵ No original, em inglês: “*(...) one of our roles (...) is precisely to be in communication with the government.*” Bundy, “Government as Colleague and Petitioner...”, 19.mai.1967; p.5; cr, FF; RAC.

de forma reservada. Era uma atribuição das fundações, no momento em que faziam uma avaliação honesta do problema que estavam atacando, comunicar qual parcela de responsabilidade tinham sobre esse problema as instituições e forças políticas. “Não faz mais sentido”, argumenta Bundy, “supor divisões arbitrárias” entre o que é feito pelo ente público e o que é feito pelo ente privado.¹⁶ Era preciso estar preparado para consultar com o governo, mas também para atuar como “críticos construtivos”, fonte de inspiração sobre como o governo pode fazer seu trabalho melhor.¹⁷

Ameaças à estabilidade, em ritmo acelerado

Como indicativo de que havia algum tipo de consenso entre os diferentes escalões da Fundação Ford, o OLAC (Office of Latin America and the Caribbean), parte da International Division da Fundação, também estava preocupado com a questão da instabilidade política no hemisfério.¹⁸ A seção introdutória de um *information paper* preparado pelo OLAC em 1967

¹⁶ No original, em inglês: “*It makes no sense, in the last third of the twentieth century, to suppose an arbitrary division between what is done publicly and what is done privately.*” E, para o termo entre aspas: “*constructive critics of the government*”. Bundy, “Government as Colleague and Petitioner...”, 19.mai.1967; p.6,7; cr, FF; RAC.

¹⁷ O trabalho de Wanderson Chaves, *A questão negra* (2018) traz à baila farta documentação descrevendo a profunda conexão entre a Fundação Ford e agências de governo dos EUA durante a década de 1950, sendo a principal o Departamento de Estado. Mais do que isso, detalha a “divisão de tarefas” entre a filantropia e a diplomacia, além da importância das fundações filantrópicas no front cultural dos enfrentamentos da Guerra Fria. Em particular a Ford, que havia conseguido estabelecer uma imagem de independência do governo norte-americano, politicamente livre e neutra para distribuir apoio a redes de intelectuais e grupos de pesquisa.

¹⁸ Para visualizar melhor a estrutura organizacional da Fundação Ford, conferir os mapas e tabelas em anexo. O início das atividades da Fundação Ford está ligado ao chamado Relatório Gaither — aprovado pelo conselho da Fundação em 1950 —, que estabeleceu as diretrizes que orientariam as ações filantrópicas dentro e fora do país. Dos cinco *program areas* propostos pelo Relatório (1. *The Establishment of Peace*, 2. *The Strengthening of Democracy*, 3. *The Strengthening of the Economy*, 4. *Education in a Democratic Society*, 5. *Individual Behavior and Human Relations*), o programa nº1 era o que mais dizia respeito às atividades no ultramar, em um esforço, inclusive, colaborativo com o Departamento de Estado, numa espécie de divisão de tarefas. Esse programa nº 1, “*The Establishment of Peace*”, deu origem a três subáreas, conforme explica Chaves (2018: 45-6): “*‘International Training*

expressava reservas quanto ao ritmo do processo de desenvolvimento na América Latina:

As demandas por participação política vocalizadas pelas pessoas menos privilegiadas não estão sendo atendidas de forma rápida ou equânime; como consequência disso, os governos [latino-americanos] têm uma existência incerta. As pessoas menos privilegiadas, especialmente as que migram para as cidades, estão se tornando cada vez mais frustradas por conta de sua condição econômica inferior. As suas demandas por acesso à educação ultrapassam em muito a capacidade dos governos em atendê-las. O Chile, que tem o governo mais liberal e progressista da América do Sul, é um exemplo desse resultado; as tensões no Chile são mais acirradas hoje do que eram cinco anos atrás.¹⁹

De acordo com o OLAC da Fundação Ford, a ameaça de instabilidade que estava contida no processo desenvolvimentista colocava em risco as mesmas instituições políticas que haviam levado a cabo esse processo de desenvolvimento e melhorias sociais. Mesmo os governos considerados desejáveis — tal qual a administração “liberal e progressista” do chileno Eduardo Frei — poderiam ser vítimas da inevitável dinâmica de conflito.

O *information paper* do OLAC apontava que em pelo menos seis países latino-americanos havia classes médias que poderiam ser consideradas “modernas” segundo padrões e indicadores socioeconômicos usados para analisar os países industrializados do norte.²⁰ O problema era que a distância entre essa parcela moderna e a maioria da população era grande e

and Research’, de intercâmbio internacional; a ‘*International Affairs*’, uma frente de sustentação global às atividades de cunho intelectual; e a ‘*Overseas Development*’, que concentrou acordos de cooperação econômica internacional, estabelecidos através dos escritórios locais.” Em 1966, essas três subáreas foram extintas e suas atividades passaram a ser integradas pela International Division, esta organizada em seções regionais (como o OLAC), dividas, por sua vez, em escritórios nacionais, como o que a Ford inaugurou no Rio de Janeiro em 1962.

¹⁹ No original, em inglês: “*Demands for political participation by the less advantaged people are not being met quickly or evenly; as a consequence, governments have a chancy existence. The less advantaged people, especially as they move into cities, are becoming increasingly frustrated by their inferior economic status. Their demands for access to education far outrun governments' capacity to provide it. Chile, which has the most liberal and progressive government in South America, is an example of the result; tensions are higher today in Chile than they were five years ago.*” “Information Paper: The Ford Foundation's Activities in Latin America and the Caribbean”, International Division, set.1967; p.1; #002409, catalogued reports, Ford Foundation records, Rockefeller Archive Center.

²⁰ A questão da ascensão das classes médias na América Latina (trazida pelo crescimento do aparelho burocrático estatal, pela industrialização e urbanização) era um objeto de investigação da sociologia empírica desde a década anterior. Conforme localizou Ignacio Irazuzta (2008, p. 95), Gino Germani, por exemplo, não via nos setores médios garantia suficiente de maior estabilidade e apoio à democracia (mais sobre Germani adiante neste capítulo).

vinha aumentando ainda mais, em ritmo acelerado. Essa diferença era o que poderia trazer “turbulência e tensão” aos países.

“Nós consideramos que uma sociedade moderna é aquela que pode *continuar a promover mudanças sem viver um colapso institucional*”, afirma a introdução do *information paper*.²¹

Esse raciocínio era muito semelhante ao proposto por Samuel P. Huntington em seu livro seminal, *A ordem política nas sociedades em mudança*, publicado originalmente em 1968, mas cujas ideias principais já estavam contidas no artigo “Political Development and Political Decay”, de três anos antes. A frase acima, do *information paper* da Ford, parece até que foi extraída desse artigo, pois aponta para uma ideia que seria uma das principais contribuições intelectuais de Huntington aos estudos da política comparada: a de que o desenvolvimento político não era um processo inevitável, determinado, teleológico e positivo (Mello, 2011, p. 141). Pelo contrário, a decadência política — ou o que a Fundação Ford chama aqui de “colapso institucional” — poderia ser um resultado tão ou mais esperado do que o progresso político (ou “desenvolvimento político”, como Huntington nomeia). A melhora de indicadores econômicos e sociais, portanto, não podia ser tomada como um bom presságio para os observadores que esperavam o fortalecimento político dos países pobres, como os latino-americanos, em direção à democracia representativa, de inspiração norte-americana.

Por outro lado, há também uma diferença entre esses dois diagnósticos. A Fundação Ford ainda atribui algum sentido *positivo, virtuoso* ao termo modernização — o que não acontece com Huntington.²² No entanto, a formulação sobre o processo de modernização, no diagnóstico

²¹ No original, ênfase nossa, em inglês: “*We assume a modern society is one that can continue to change without institutional breakdown.*” “Information Paper: The FF's Activities in Latin America...”, set.1967; p.6; cr, FF; RAC.

²² Segundo Nils Gilman, que se dedicou longamente ao estudo histórico das teorias e dos teóricos da modernização, é um equívoco apontar Samuel Huntington como um de seus expoentes. Huntington não era um modernizante, apesar das diversas semelhanças que ele tinha com o grupo (no original, em inglês): “*We can see, then, the basis for the confusion about Huntington's relationship to modernization theory, for on the face of it, it would seem that Huntington was a member of the team. Like Louis Hartz, Huntington accepted the view that American society was an essentially and monolithically liberal one.*”

do OLAC da Fundação Ford a respeito da América Latina, trazia a mesma preocupação central com a *estabilidade* para a qual os escritos de Huntington também apontavam. Para o OLAC, porém, a alcunha “modernização” já trazia consigo a estabilidade. No caso de Huntington, não (Cancelli, 2017, p. 111). Ao olhar mais detalhadamente como o intelectual enxergava essa questão, o autor se coloca contra a tendência das ciências sociais de assumir de forma automática que aquilo que é verdade sobre os processos de modernização social, de forma mais ampla, também se aplica para os fenômenos da arena política:

A modernização, em certo grau, é um fato na Ásia, África e América Latina: urbanização acelerada; alfabetização aumentando de forma mais devagar; PIB per capita subindo ponto a ponto; expansão da circulação dos meios de comunicação de massa; e participação política se alargando. Tudo isso são fatos. Em contraste, o progresso em direção a vários dos objetivos identificados com o desenvolvimento político — democracia, estabilidade, diferenciação estrutural, padrões de eficácia e integração nacional — é, no máximo, algo duvidoso (Huntington, 1965, p. 391).²³

A ameaça à estabilidade das sociedades em questão estaria posta por conta do *ritmo* acelerado de desenvolvimento pelo qual estavam passando os países pobres. Conforme destacado na epígrafe, o cientista político latino-americanista Abraham F. Lowenthal resumiu a preocupação com a estabilidade em um *paper* que circulou entre frequentadores de *think tanks* de Washington, em maio de 1969, primeiros meses do governo Richard Nixon, momento de inflexão da política externa dos EUA.²⁴

Like Edward Shils or Gabriel Almond, Huntington distrusted the masses. Like Lucian Pye, he advocated the military as a positive force in modernization. Like Walt Rostow, he would become a hawk on the Vietnam War. Furthermore, at Pye's invitation, Huntington enlisted in 1965 in the CCP [Committee on Comparative Politics], the very wellspring of political modernization theory.” (Gilman, 2003, p. 229) Mais sobre as críticas às teorias de modernização, em seção adiante.

²³ No original, em inglês: “*Modernization, in some degree, is a fact in Asia, Africa, Latin America: urbanization is rapid; literacy is slowly increasing; industrialization is being pushed; per capita gross national product is inching upward; mass media circulation is expanding; political participation is broadening. All these are facts. In contrast, progress toward many of the other goals identified with political development—democracy, stability, structural differentiation, achievement patterns, national integration—often is dubious at best.*” (Huntington, 1965, p. 391)

²⁴ Abraham Lowenthal fez carreira ligada ao setor privado: Fundação Ford (Chile, República Dominicana e Peru), Brookings Institution, Council on Foreign Relations, Inter-American Dialogue. Em 1977 ele fundaria o Latin American Program, no Woodrow Wilson International Center for Scholars, que seria responsável por organizar a série de seminários que resultaria na publicação dos

Crescimento econômico acelerado poderá aumentar o desemprego, piorar a desigualdade de renda e promover a instabilidade política. Muitos latino-americanos agora rejeitam a democracia política, argumentando que regimes democráticos não conseguem reunir poder suficiente para levar a cabo as ‘mudanças estruturais’ que devem ser feitas para viabilizar crescimento econômico e distribuição de renda.²⁵

Como uma amostra de que o entendimento da Fundação Ford, de Lowenthal e de Huntington superava as fronteiras da academia, seguem as anotações de uma reunião do NSC (National Security Council) dedicada a discutir a América Latina e os resultados da missão presidencial de Nelson Rockefeller aos países do hemisfério:

A América Latina está completamente envolvida com o seu impulso em direção à modernização. A cultura industrial moderna causou um impacto de desordem sobre as formas tradicionais de organização social e política ao longo da região. A ‘estabilidade psicológica’ e a ‘balança de poder’ interna de muitas dessas sociedades estão sendo subvertidas. Muitos governos não conseguem lidar com os crescentes problemas sociais e econômicos — população em rápida expansão que se distribui por áreas urbanas; alta de índices inflacionários, defasagem da produção agrícola e obstáculos econômicos similares inibem a distribuição suficiente de recursos econômicos para satisfazer as necessidades públicas; oportunidades de emprego que não crescem tão rápido quanto o número de desempregados. As mudanças aumentaram as demandas por participação política, exigidas por cada vez mais pessoas, particularmente estudantes, operários e grupos religiosos. Mas a falta de instituições ou processos efetivos para canalizar as demandas desses grupos levam a mais frustrações. O resultado cada vez mais tem sido: falta de confiança no liberalismo tradicional e no governo representativo, desapontamento e antagonismos e confusão e perplexidade diante dos sistemas ou regimes políticos. Lideranças civis e militares estão crescentemente comprometidas com a modernização das suas sociedades, mas fundamentalmente cheios de incertezas sobre os meios adequados para atingi-la.²⁶

volumes *Transitions from Authoritarian Rule*, organizados por Guillermo O'Donnell, Philippe Schmitter e Laurence Whitehead (Cancelli, 2020). Em 1969, escreveu esse *paper*, citado na epígrafe deste capítulo, enquanto ainda era doutorando no Department of Government, de Harvard, sob orientação de Samuel Huntington.

²⁵ No original, em inglês: “*Rapid economic growth may increase unemployment, worsen the inequality of income distribution, and promote political instability. Many Latin Americans now reject political democracy, arguing that democratic regimes cannot amass enough power to undertake the ‘structural changes’ which must take place if economic growth and the redistribution of wealth and power are to occur.*” Abraham F. Lowenthal, “Reviewing U.S. Policy Towards Latin America: Some Observations”, Brookings Institution, mai.1969; p.11; #004182, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

²⁶ No original, em inglês: “*Latin America is completely caught up in its drive to modernize.*”

Essa associação entre desenvolvimento e instabilidade foi aventada por Huntington, mas já também por outros críticos às teses das teorias de modernização. Mancur Olson, jovem economista que estava interessado no uso de modelos econômicos para explicar o comportamento político, iria inspirar um subcampo de análise do comportamento político via teoria dos jogos. No início dos anos sessenta, ápice das teorias de modernização, com sua correlação entre estabilidade política e aumento do PIB (Lipset) e aceleração do *take-off* para combater a ameaça comunista (Rostow), Olson iria por um caminho diferente, no artigo publicado em 1963 “Rapid Growth as a Destabilizing Force” (Olson, 1963; Gilman, 2003, p. 219). Os dados empíricos por ele coletados e sistematizados mostraram que, embora os níveis absolutos de renda estivessem correlacionados com a estabilidade política, as taxas de crescimento da renda, especialmente em países pobres, estavam correlacionados com a instabilidade.

Samuel Huntington, então, iria mais longe, chegando à tese clássica do *A ordem política nas sociedades em mudança*, de que o elemento que realmente importa ao projetar análises políticas sobre os países pobres não é sobre o sistema de governo por eles empregado, mas em relação ao grau de governo. O cientista político

identificou na precária institucionalização do sistema político — e, especialmente, na inexistência de um partido que promovesse a incorporação controlada dos setores populares — um dos traços essenciais

Modern industrial culture has had a disruptive impact on traditional forms of social and political organization throughout the region. The ‘psychological stability’ and the internal ‘balance of power’ of many of these societies is being upset. Many governments cannot handle the growing social and economic problems — rapidly expanding populations stream into urban areas; high rates of inflation, lagging agricultural production and similar economic obstacles inhibit the marshaling of sufficient economic resources to satisfy public needs; jobs do not grow as rapidly as job-seekers. Change has spurred demands for political participation by more and more people, particularly students, labor and church groups. But the lack of effective institutions or processes to channel demands by these groups leads to additional frustrations. The result has been increasing loss of confidence in traditional liberalism and representative government, disappointment and antagonisms, and confusion and puzzlement as to political systems or regimes. Civilian and military leaders alike are increasingly determined to modernize their societies but are fundamentally uncertain about the proper means.” NSC Memo, "Analytical Summary and Issues for Discussion - NSC Meeting July 9, 1969 - Latin America", seção "B. The Latin American Setting", Secret, 9.jul.1969; pp.3-4; box H-23, NSC Meetings, NSC Institutional Files; Richard Nixon Presidential Library and Museum.

do pretorianismo de massas, que caracterizaria os sistemas políticos das sociedades em transição rápida para o mundo urbano-industrial. (Limongi, Almeida & Freitas, 2016).

Vê-se bem que o foco é ajustado na direção das instituições. Huntington e sua “teoria do desenvolvimento político”, também chamada à época de “engenharia institucional”, é identificado por Limongi, Almeida & Freitas (2016) como um dos autores fundamentais (somado a Giovanni Sartori) para contribuir, na ciência política brasileira, à emergência da corrente teórica do neoinstitucionalismo, que veio a substituir a antes dominante sociologia política, esta “com sua ênfase nos fundamentos estruturais da distribuição e exercício do poder”. O golpe fatal contra a sociologia política viria, um pouco mais adiante, já na década de 1970, por meio dos estudos sobre as transições políticas. Juan Linz é o precursor e, posteriormente, Guillermo O’Donnell e Philippe Schmitter, com o volume clássico (O’Donnell & Schmitter, 1988; Cancelli, 2017, p. 129). Ainda que sem abandonar por completo a ênfase nas estruturais, voltam a atenção para a agência de atores políticos e para a importância das instituições políticas. Nesse enquadramento, atores políticos adquirem margem e capacidade de escolha e as instituições passam a ter seus arranjos internos sob escrutínio.

Em comum a todos esses — Huntington, Linz e a Ford —, a preocupação cabal em buscar explicações para a instabilidade política. Para a Ford, o desenvolvimento econômico acelerado; para Huntington, a modernização acelerada; para Linz, o sistema presidencialista é que poderia ser o responsável por essa instabilidade (Limongi, Almeida & Freitas, 2016, parag. 9).

Formação de elites e o ‘efeito multiplicador’

Uma vez que o desenvolvimento econômico era um processo em curso na América Latina do fim da década de sessenta, e que o desenvolvimento abria espaço para a instabilidade

política, a Fundação Ford considerava necessário discutir qual tipo de intervenção filantrópica no hemisfério poderia ajudar a promover desenvolvimento econômico e bem-estar social sem abrir mão da estabilidade política.

Para poder atingir a “modernização”, a sociedade precisaria construir instituições capazes de viabilizar processos racionais de produção de decisões políticas, de gerar certo consenso público em meio a uma população bem informada e participativa. Planejamento, desde que informado por “uma sofisticada rede de ideias e mecanismos sociais”, era uma habilidade fundamental para “conseguir lidar com as complexidades da vida moderna”. Os países latino-americanos precisavam não só de tecnologia, mas também de ciência. Não só de programas de alfabetização, mas de grandes centros universitários de pesquisa de ponta. Não apenas de “reformas administrativas”, mas também de “pesquisa em ciências sociais”.²⁷ Os conhecimentos aplicados da área das humanidades serviriam para fornecer “dados descritivos e elementos analíticos” a serem utilizados por diferentes setores da sociedade moderna. Da burocracia do governo federal até os gestores municipais locais, de executivos do setor privado à rede que lida com assistência social. Compreensão científica, com rigor e qualidade, disponibilizando diagnósticos e caminhos possíveis para uma governança pública mais “responsável e efetiva”. Mais do que isso, a Fundação Ford enxergava que a própria sobrevivência dos governos locais dependia, cada vez mais, da habilidade do poder público para planejar e gerar crescimento e mudança social estrutural. Além de prestar serviços diretamente para agências de planejamento e bancos de desenvolvimento no Brasil, a Fundação vinha “encorajando os centros acadêmicos mais fortes a focar em problemas de política pública

²⁷ Trecho, com grifos no original, em inglês: “(...) *Latin America needs not only further material development but, more important, the sophisticated web of ideas and social mechanisms to handle the complexities of modern life. The region needs technology and science, farm equipment and creative agricultural scientists, wholesale literacy programs and advanced university research institutions, administrative reform and social science research.*” “Information Paper: The FF's Activities in Latin America...”, set.1967; pp.1-2; cr, FF; RAC.

e a fornecer pesquisa básica e profissionais treinados para agências governamentais”.²⁸

O principal foco da Fundação Ford na América Latina passaria, então, a visar o fortalecimento de instituições que a Fundação percebia como as capazes de não apenas gerar, mas também absorver a mudança social — preteridas seriam as instituições vistas como ultrapassadas e presas a procedimentos datados.

Em toda a parte [na América Latina], algumas instituições tradicionais obstinadamente perduram mesmo depois de terem perdido sua utilidade. Algumas delas estão sucumbindo sob a pressão de novas demandas; outras estão sendo rejeitadas antes mesmo de que novas formas possam ser inventadas.²⁹

Mas nem tudo era terra arrasada. Ou, como Kalman Silvert diria mais adiante, “estamos navegando na crista de uma onda, e não tentando criar uma”.³⁰ Havia algumas iniciativas latino-americanas interessantes e particularmente atrativas aos olhos da Fundação Ford. Não se trata aqui de dizer que a Fundação adotou uma postura relativamente reativa, acolhendo iniciativas nas ciências sociais que já estavam em desenvolvimento. Pelo contrário, a identificação desses critérios demonstra que os funcionários da Ford tinham um roteiro definido com diretrizes que os guiavam a tomar decisões.³¹ O perfil de instituição — e de indivíduos responsáveis por essas

²⁸ No original, em inglês: “As we help develop capacities within governments, we are also encouraging the stronger academic centers to focus on public policy issues and to provide government agencies with basic research and trained staff.” Peter Bell, “Sectoral Programs: Social Sciences”, set.1967; p.20; cr, FF; RAC.

²⁹ No original, em inglês: “Some traditional institutions everywhere [in Latin America] stubbornly persist after they have lost their usefulness. Some are cracking under the strains of new demands, and others are being rejected before new forms can be invented.” Peter Bell, “Sectoral Programs: Social Sciences”, set.1967; p.17; cr, FF; RAC.

³⁰ No original, em inglês: “We are riding the crest of a wave, not attempting to create one”. Kalman Silvert, “Draft Statement of Policy Guidelines for Social Sciences in Latin America”, Inter-Office Memorandum para country representatives e social science program advisors, cópia para NY OLAC, 27.jan.1969; p.17; #008774, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³¹ A ver o que diz Sergio Miceli (2012, p. 17), que também estudou a Fundação Ford e as ciências sociais, em depoimento de história oral: “Eu acho que eles criaram a demanda e o dinheiro para os temas que eles queriam que fosse investido”. Miceli comenta ainda sobre os centros privados conveniados com a Fundação, como Cebrap, Cedec, Idesp e Iuperj. “Só que eu acho que isso que nós acreditávamos como uma coisa nossa e que nós estávamos fazendo era, na verdade, uma tendência objetiva. (...) Então, eu acho que tem uma coisa, um gancho, que nos colheu nesse espaço institucional e que nós não controlávamos completamente. Eu acho que... Entendeu? O que eu estou querendo dizer é o seguinte: é claro, você pode ter sempre um relato e dizer: ‘Eu fiz! Eu fiz a instituição. Eu ajudei a

instituições — deveria possuir alguns elementos que, segundo a Fundação, fossem representativos do projeto de médio e longo prazo ao qual o investimento filantrópico buscava atingir.

Concentrado nesse esforço de identificar e apoiar esses *modernizers*, a Fundação Ford optou conscientemente por uma abordagem com foco nas elites. Esse era o *modus operandi* do OLAC na estratégia de intervenção da Fundação na América Latina no final dos anos sessenta e ao longo da década seguinte. A Ford acreditava que seus recursos seriam usados mais eficientemente se aplicados à formação de lideranças e grupos de elite localizadas em instituições que estivessem buscando um olhar mais moderno para sua estrutura e suas operações. Esta opção significou um maior volume de investimento nas áreas de docência e pesquisa, por exemplo, nas ciências sociais aplicadas. Mas, por outro lado, menos atenção dada a grupos comunitários locais em bolsões de pobreza — apesar dos “apelos insistentes”.³²

Essa estratégia *elite-centered* foi melhor elaborada por Kalman H. Silvert, *program advisor* do Social Science Program do OLAC da Ford. Em janeiro de 1969, Silvert iniciou uma discussão sobre quais seriam as diretrizes para a atuação da Fundação na área de ciências sociais na América Latina. Silvert queria estimular um debate com as demais pessoas envolvidas nos programas da Ford na área — tanto os funcionários dos escritórios da Fundação em cada país (representantes e assessores), quanto os cientistas sociais que prestavam consultoria para a Ford (como, por exemplo, Werner Baer e Frank Bonilla, que acompanhavam os programas no Brasil). Silvert esperava receber as reações desses colegas, externando conceitos e debatendo as sugestões, para que, então, pudessem “decidir conscientemente” sobre quais tendências e rumos a Fundação “iria perseguir” nos próximos anos.

“Vocês vão notar”, advertiu Silvert a esses interlocutores, que o tom da abordagem

criar.’ Mas, vendo retrospectivamente, eu acho que nós fomos colhidos para criar...”

³² No original, “*insistent appeals*”. “Information Paper: The FF's Activities in Latin America...”, set.1967; p.2; cr, FF; RAC.

contida neste relatório “é elitista”. Silvert queria dizer que a opção em seu texto era a de que a forma mais apropriada de atuar nas ciências sociais na América Latina era “focar os recursos em algumas poucas instituições de alta e crescente qualidade”. Silvert reconheceu que, caso fosse adotada essa estratégia — a de concentrar a atenção e os investimentos em alguns poucos centros de pesquisa e formação em pós-graduação —, a tendência seria aumentar ainda mais a distância entre as instituições avançadas e as de menos qualidade. No entanto, a expectativa era de que estes centros mais avançados pudessem agir como “régua” para os padrões de qualidade que deveriam ser alcançados, além de também se tornarem “grandes fornecedores” (“*breeders*”) de mão de obra qualificada (corpo docente) e literatura profissional a ser consumida pelas instituições menos avançadas. Com essa estratégia, a Fundação buscava um “efeito multiplicador” no longo prazo; isto é, ajudar a fortalecer ou a criar instituições pioneiras que pudessem, com o passar dos anos, formar seus próprios quadros. Universidades e centros de pesquisa onde pudessem ser fomentados programas de pós-graduação de ponta, em um curto período de tempo (entre cinco e dez anos), eram o alvo adequado dessa abordagem filantrópica. O objetivo da Fundação — não só na América Latina, mas também na Ásia e África — era erguer esses “centros de excelência”, que funcionariam como pontos nodais (“*academic hubs*”) da comunidade acadêmica, irradiando influência intelectual e mobilizando profissionais a partir de países e instituições estratégicas (Parmar, 2014, p. 7). Portanto, o fortalecimento desses centros tanto teria mais chances de prosperar quanto menos isoladamente atuassem.

A título de comparação, na documentação sobre o cientista social Alex Inkeles, de quem falaremos mais adiante neste capítulo, há registros de uma discussão, em termos semelhantes, que ele teve, a pedido da Fundação Ford, com jovens cientistas sociais peruanos interessados em abrir um programa de mestrado em sociologia na Facultad de Ciencias Sociales da PUCP (Pontificia Universidad Católica del Perú), em Lima. “Encorajados” pela Fundação Ford, esses intelectuais peruanos, liderados por Jorge Capriata — que havia passado um semestre em Belo

Horizonte em 1967 ministrando a disciplina de “Cultura Política e Desenvolvimento” no recém-lançado mestrado do DCP-UFMG —,³³ faziam um tour pelos EUA visitando algumas universidades para conhecer melhor o funcionamento da pós-graduação, coletar ementas de disciplinas e bibliografias e conversar com pessoas que entendessem tanto de América Latina quanto dos rumos da sociologia norte-americana. Afinal, a intenção deles não era criar “uma imitação peruana” dos programas de mestrado nos EUA, mas tampouco estavam dispostos a “reinventar a roda”. Alex Inkeles foi uma das pessoas que os recebeu, em Cambridge, Massachusetts, em dezembro de 1970. Em um dos documentos enviados a Inkeles para contextualizar o encontro, há uma exposição de motivos que, em dado momento, oferece uma justificativa das vantagens para as ciências sociais peruanas de se desenvolver o mestrado na PUCP: “O programa iria elevar o nível de ensino em Ciências Sociais e gerar um *efeito multiplicador* no resto das universidades e instituições dedicadas às Ciências Sociais no país”.³⁴

O caráter transnacional das políticas de intervenção nas ciências sociais emerge, aqui, a partir do próprio arquivo documental. Os termos, vocabulário e ideias discutidas são comuns tanto no nível regional e hemisfério, quanto nos casos específicos, aqui e ali, em diferentes países. Não foi um casuísmo a estratégia, por exemplo, de centrar foco em elites — tanto pela via da formação de quadros, quanto pela escolha direcionada a centros de ponta, de excelência. Pelo contrário, era parte de uma política planejada para fomentar o desenvolvimento das

³³ O histórico completo das disciplinas oferecidas pelo DCP-UFMG pode ser visto em: PPGCP/FAFICH/UFMG, “Oferta de disciplinas - Histórico”; disponível em: http://ppgcp.fafich.ufmg.br/oferta_historico.php [acesso em 14.dez.2020]. Acompanha o seguinte aviso: “As informações são oriundas do próprio sistema da UFMG, mas também de fontes documentais. Nesse último caso é possível que sejam encontradas inconsistências, o que requer parcimônia em eventuais usos dessas informações para fins de pesquisa ou consulta direta ao Arquivo da Secretaria do PPGCP-UFMG.”

³⁴ No original, em inglês, grifo nosso: “*The program would raise the level of teaching in Social Sciences and have a multiplying effect in the rest of the universities and institutions dedicated to Social Sciences in the country.*” Nita Manitzas para Alex Inkeles, “Translation. Request for Technical and Financial Support for the Development of a Master's Program in Sociology”, 24.nov.1970; p.5; Alex Inkeles papers, box 466, folder title 'Ford Foundation: Luncheon with Visitors from Catholic University of Peru'; Hoover Institution Library & Archives.

ciências sociais na América Latina de *um determinado jeito*. Havia outros, mas optou-se por esse. Aliás, a preocupação em formar elites intelectuais e políticas em áreas “não desenvolvidas” estava no topo das preocupações da Ford desde as formulações iniciais da Fundação (Chaves, 2018, p. 44), ainda no início dos anos cinquenta.³⁵ Entre suas características principais: treinamento em ciências sociais básicas, predominantemente no exterior; experiência em pesquisa empírica, de grande abrangência e volumosa base de dados, frequentemente transdisciplinar; fortalecimento dos centros de excelência, com recursos para desenvolver essas pesquisas e fixar os recém-doutores que voltavam do estrangeiro; fomento à colaboração interinstitucional e integração das redes acadêmicas de investigação. Em larga medida, foi uma estratégia introduzida por meio das fundações filantrópicas — entre as quais, a Ford foi a principal no campo das ciências humanas. Esse modelo foi perseguido aqui no Brasil, especificamente com o Iuperj, objeto desta pesquisa, mas também com outras instituições e disciplinas ³⁶.

Em outros países da região, a opção da Fundação Ford também foi por uma abordagem com foco nas elites (Altman, 2006; Plotkin, 2008; Fajardo, 2015; Iber, 2017; Jannello, 2018; Ravecca, 2019; Grondona and Pryluka, 2020; Markarian, 2020b), como, por exemplo, no caso peruano descrito acima, da PUCP. Também foi assim no Chile (Parmar, 2014, cap. 7), como mostra o relato de um funcionário do escritório da Fundação em Santiago, em um processo interno de avaliação anônima conduzido por Francis X. Sutton, *assistant* do vice-presidente da

³⁵ O objetivo de formar elites aparece no Relatório Gaither (1949), documento fundacional para fixar as bases para a atuação da Ford no estrangeiro, a partir de três eixos: internacionalizar as atividades da FF, impacto disso na política externa norte-americana e relações internacionais; e definição de quais deveriam ser os compromissos de longo prazo. Investir na educação de elites (sendo as ciências sociais a maior beneficiária), por meio de uma estratégia que Chaves (2018: 44) chama de “mobilização intelectual”, fazia parte dessa ação de longo prazo, que deveria visar: “influir em dinâmicas universitárias, econômicas e governamentais, orientar o debate público sobre o combate à pobreza e sobre a modernização social no sentido dos princípios de bem-estar defendidos pela Fundação e alastrar a defesa da chamada ‘agenda democrática’, isto é, da centralidade da livre concorrência, da igualdade de oportunidades e da elevação do padrão de vida como valores políticos em todas as sociedades”.

³⁶ Conferir: (Schlickmann, 2016; Fernandez and Suprinyak, 2017; Trindade, 2018; Merkel, 2020).

International Division, em 1972: “Nós não somos muito conhecidos. Somos apenas conhecidos por um grupo muito limitado e somos considerados elitistas, trabalhando com quem está no topo, os mais competentes”.³⁷ Também na Argentina, o diagnóstico era de que o escritório da Ford em Buenos Aires estava buscando identificar e apoiar os “modernizers”, mais jovens, que se opunham à geração mais velha que persistia nas universidades do país. Essa, pelo menos, era a impressão do sociólogo Gino Germani,³⁸ um dos “modernos” e que foi entrevistado pelo autor de um relatório comissionado pela Fundação Ford para apurar o papel das ciências sociais no desenvolvimento latino-americano.³⁹

O mesmo se estende ao Uruguai, onde, no ano de 1965, a Fundação Ford, juntamente

³⁷ No original, em inglês: “*We are not well-known. We are known only to a very limited group, and we are considered elitists, working only with the top people and the most competent.*” Logo na sequência, Sutton relata que funcionários lotados no Rio de Janeiro compartilham da mesma sensação: “*In a similar discussion in Brazil there was general agreement that most people ‘don’t know what we are or what we do’.*” Francis X. Sutton para The Self-Study Committee, “Interviews with Overseas Staff in Latin America”, Inter-Office Memorandum, 15.mai.1972; p.4; #010942, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³⁸ Além de interlocutor da Fundação Ford nesse relatório, o sociólogo Gino Germani (tal como o uruguaio Aldo Solari) foi uma peça importante na reformulação pela qual passou o CCF no início dos anos sessenta (Cancelli, 2012; Iber, 2015; Saunders, 1999). O ítalo-argentino era uma figura atrativa particularmente pela sua trajetória pessoal: antifascista na juventude, antiperonista na Argentina. Após o golpe contra Perón, em 1955, Germani assume a direção do Instituto de Sociologia da Universidade de Buenos Aires e passa, então, a fazer empreendimentos muito semelhantes aos que Candido Mendes faria uma década depois. Firmou convênios com Unesco e Fundação Ford, viajou muitas vezes aos EUA, estabeleceu diálogos com acadêmicos perseguindo trabalhos sob o enquadramento das teorias de modernização. Sua obra clássica, *Política y sociedad en una época de transición*, de 1962, defende que o peronismo distorceu e contaminou o processo de modernização da sociedade argentina (Iber, 2015, p. 193). Germani, como outros de sua geração também enquadrados pelas teorias de modernização, acreditava que as ciências sociais, por meio de estudos racionais rigorosos da sociedade, seria muito útil para apaziguar conflitos sociais, podendo vislumbrar, inclusive, guiá-los para processos políticos mais desejáveis (Chaves, 2015).

³⁹ William Lewis Reese era professor de filosofia na SUNY (State University of New York), em Albany, e foi selecionado para produzir um relatório para a Fundação Ford sobre artes e humanidades na América Latina. Por cerca de um ano, ele e a família passaram por diversos países do hemisfério e Reese se reuniu com intelectuais, artistas, professores e gestores acadêmicos no continente. Em dezembro de 1967, entregou um relatório de 87 páginas para o OLAC, da International Division da Fundação Ford. No original, em inglês: “*I agree with Dr. Gino Germani that within the universities, as in other aspects of the cultural community, one needs to make a distinction between new men and old men. In educational matters we must find the modernizers within the universities and support them. Clearly, this tactic is employed by Foundation offices in Latin America. (...) This has been the position of the Foundation office in Buenos Aires both before, during, and after the university intervention.*” William L. Reese, “The Role of the Humanities in Desarrollo: The Latin American Case”, International Division, OLAC, dez.1967; p.67; #003729, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

com o Congresso pela Liberdade da Cultura (CCF, na sigla em inglês), patrocinou a realização do seminário internacional “Elites e Desenvolvimento na América Latina” (Cancelli, 2012, pp. 78–9; Markarian, 2020a; Iber, 2015), depois transformado em livro (Solari & Lipset, 1967), organizado conjuntamente pelo norte-americano Seymour Martin Lipset (UC, Berkeley) e pelo uruguaio Aldo Solari (ICS-Udelar).⁴⁰ Participaram do evento intelectuais como Fernando Henrique Cardoso, Gláucio Ary Dillon Soares, Darcy Ribeiro, Aparecida Joly Gouveia, Frank Bonilla e Irving Louis Horowitz. “A hipótese básicas deste livro”, escrevem os editores na introdução do livro publicado pela Oxford University Press (1967: p. viii), “é de que os fatores que afetam a propriedade das elites desempenham um papel grande para determinar a propensão que diferentes países têm ao crescimento econômico e à estabilidade política”.⁴¹ O interesse e o esforço para a realização do evento representam a aceitação conceitual da autonomia das elites (Cancelli, 2012, p. 78), em rejeição às análises marxistas, de que as elites poderiam impulsionar as sociedades tradicionais latino-americanas em direção ao modelo

⁴⁰ Vania Markarian (2020a) afirma que o seminário de 1965 foi um marco do processo de distanciamento de Aldo Solari dos chamados “*terceristas*” (setor da intelectualidade uruguaia que rejeitava os dois polos da Guerra Fria) até que se consumasse sua saída da direção do Instituto de Ciencias Sociales da Universidad de la República (ICS-Udelar), no final do ano seguinte. Tal qual Germani, Aldo Solari tinha o mesmo perfil acadêmico que interessava às fundações (moderno em oposição aos ensaístas anteriores, com algum trânsito internacional, posição institucional de destaque). Segundo Markarian, entende-se que a maior parte da comunidade acadêmica uruguaia — discente, especialmente — rejeitou qualquer vínculo da classe com a filantropia norte-americana. Não só o CCF, que protagonizaria o escândalo de envolvimento com a CIA um ano mais tarde, mas com as próprias fundações e, em certa medida, também com a Flacso. Em um concurso para uma vaga no ICS-Udeplar, o nome de Carlos Filgueira, egresso da Flacso e partícipe de primeira hora do convênio da Ford com o DCP-UFGM, foi rejeitado pela militância estudantil e lideranças discentes (Markarian, 2020a, p. 42). Aliás, a questão do financiamento das pesquisas era um tópico que dividia os cientistas sociais uruguaiois de esquerda a tal ponto que o assunto foi tema de um seminário acadêmico e um debate institucional dentro da universidade por ocasião do retorno de Filgueira ao Uruguai para assumir a posição. Cobrado pela comunidade intelectual por organizar um evento com o apoio de uma instituição (CCF) acusada de ter ligações diretas com a CIA, Solari respondeu com firmeza, reivindicando sua liberdade intelectual e o direito dos intelectuais de receber financiamento de qualquer fonte. Disse que aceitaria o auxílio mesmo se (no original, em espanhol) “*los rusos o los chinos o los cubanos me ofrecen dinero para organizar un Congreso, con las mismas garantías de absoluta independencia*” (Solari *apud* Markarian, 2020a, p. 36).

⁴¹ No original, com grifo nosso, em inglês: “A basic assumption of this book is that factors affecting the calibre of the elites play a major role in determining the propensity of different countries for economic growth and political stability.” (Solari & Lipset, 1967: p. viii).

moderno dos EUA e da Europa. Essa primazia conceitual sobre as elites contrastava com concepções que enxergavam poder de mudança, de transformação social, na força da ação popular (Iber, 2015, p. 195). Saídas para impasses e conflitos políticos poderiam se materializar mediante a “vontade política de planejar o desenvolvimento” por meio de “mudanças estruturais” mas que estavam “ao alcance” da sociedade uruguaia. Era tarefa dos “técnicos”, de cientistas sociais, convencer as “elites políticas” da relevância da empreitada (Markarian, 2020a, p. 40).

Desenvolvimento social e transição

Além de ajudar a fomentar um ambiente de excelência na educação superior e na pós-graduação, investir nas ciências sociais latino-americanas, sob o ponto de vista da Fundação Ford, também era considerado instrumental para o desenvolvimento — um tipo particular de desenvolvimento, o social — das nações latino-americanas.

Kalman Silvert, em seu documento de janeiro de 1969, explicou que um dos critérios a ser levado em consideração na busca por excelência acadêmica na cena intelectual latino-americana deveria identificar quais tipos da produção em ciências sociais eram “relevantes e significativos para o desenvolvimento social”. Essa formulação traz um impacto significativo na abordagem filantrópica que a Ford propunha para a área das chamadas “ciências sociais aplicadas” — nomeadamente, os seguintes subcampos: planejamento, ciências da administração e direito. Estas três áreas eram de interesse da Fundação Ford apenas se “conectadas aos problemas do desenvolvimento”.⁴² O sociólogo do desenvolvimento, segundo

⁴² Kalman Silvert explica, no original, em inglês: “*Thus, we should be concerned not with law instruction in itself, for example, but with law as it is related to the development process. To assume that improved law instruction will automatically lead to developmental consequences begs even more*”

outro executivo da Ford escrevera mais cedo, deveria identificar os pontos de tensão que emergiam em meio a esse processo de desenvolvimento acelerado pelo qual os países latino-americanos estavam passando. As instituições existentes não tinham capacidade para absorver as demandas desses pontos de tensão (Parmar, 2014, p. 188). Por isso, a tarefa do sociólogo do desenvolvimento era: identificar os pontos de tensão, isolar os fatores (variáveis) que contribuem para tal; propor métodos para aliviá-los; e estimar os possíveis custos dessas estratégias de alívio e combate das tensões. “A tarefa do cientista social não é oferecer julgamentos normativos, mas indicar as soluções disponíveis e alertar os tomadores de decisão a respeito dos custos envolvidos”.⁴³

A crítica que aparece nesta documentação do OLAC ao termo “desenvolvimento”, no seu sentido econômico, de crescimento em direção à industrialização, é feita, àquela altura dos anos sessenta, por considerá-lo muito restrito e insuficiente para descrever o objetivo a ser perseguido na América Latina. Impulsionar, portanto, o processo de desenvolvimento de determinado país tinha como expectativa a ocorrência de uma série de mudanças que levariam uma sociedade não industrializada (tradicional) a transformar-se em uma sociedade industrializada (moderna). Na leitura dos funcionários da Fundação, bem como nas primeiras críticas ao *mainstream* das teorias de modernização, a expectativa de desenvolvimento econômico era insuficiente para descrever o processo de mudança em curso nos países do hemisfério. “Sob o nosso ponto de vista, a tarefa na América Latina é a ‘modernização’ mais

questions than the also somewhat vague belief that studying law and development together will have direct relevance to ongoing problem-solving.” Kalman Silvert, “Draft Statement of Policy Guidelines...”, 27.jan.1969; p.14; cr, FF; RAC.

⁴³ No original, em inglês. “*The task of a social scientist is not to offer normative judgments but to indicate the available solutions and to alert the decision-makers of their respective costs.*” Reynold E. Carlson, “The Development of the Social Sciences in Latin America”, nov.1965; p.13; #000100, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center. Dois anos depois, Peter Bell escreveria de forma muito semelhante (original, em inglês): “*The social sciences should serve not only for general description and explanation but also for sharper identification and analysis of problems and discovery of alternative solutions.*” Peter Bell, “Sectoral Programs: Social Sciences”, set.1967; p.18; cr, FF; RAC.

do que o ‘desenvolvimento’”, afirmava a frase de abertura do relatório do OLAC da Fundação Ford de 1967.⁴⁴

A “modernização”, muito mais apropriada, envolvia, por sua vez, a construção de instituições capazes de viabilizar processos racionais de produção de decisões políticas, de gerar certo consenso público em meio a uma população bem informada e participativa. Esse retrato social da região mostrava que o problema era muito mais complexo do que apenas atingir desenvolvimento econômico. A preocupação latente da Ford, como o trecho já citado do mesmo relatório do OLAC explicava, era com a instabilidade política. Modernização, nesse sentido, consistia em mudar de forma estável, sem solavancos, sem riscos. E, para tanto, apenas desenvolvimento econômico não era suficiente. O desenvolvimento *social* com estabilidade política passaria a ser a “nova fronteira”⁴⁵ no hemisfério, como Reynold E. Carlson, *associate director* do OLAC da Ford, escreveu em 1965.

A integração ou a participação total (social, política e econômica) de todas as classes na vida nacional é a essência do desenvolvimento social. Os países latino-americanos estão agora envolvidos em uma difícil transição de uma sociedade fechada para uma aberta. Em termos mais precisos, os países estão se movendo de uma sociedade tradicional (agrária, hierárquica, oligárquica e paternalista) para uma sociedade mais urbana, industrial, contratual e, com sorte, mais democrática. O verdadeiro desafio, portanto, está em encontrar maneiras pelas quais a Fundação poderá participar nesse processo e, talvez em um pequeno grau, acelerar essa transição.⁴⁶

⁴⁴ No original, em inglês: “As we see it, the task in Latin America is ‘modernization’ more than ‘development’.” “Information Paper: The FF’s Activities in Latin America...”, set.1967; p.1; cr, FF; RAC.

⁴⁵ O termo “novas fronteiras” foi usado pelo presidente John F. Kennedy num discurso, que se tornou célebre, proclamado ao receber da convenção do Partido Democrata a nomeação de candidato às eleições presidenciais de 1960. Kennedy ganharia de Nixon no pleito meses depois e assumiria a presidência até ser assassinado em 1963. O termo virou uma espécie de *slogan* do seu governo e foi até o título de uma força-tarefa criada por ele que sistematizou, ainda antes de tomar posse, parte de seu programa de governo. Trecho no original, em inglês: “We stand today on the edge of a New Frontier — the frontier of the 1960s, the frontier of unknown opportunities and perils, the frontier of unfilled hopes and unfilled threats. (...) Beyond that frontier are uncharted areas of science and space, unsolved problems of peace and war.” John F. Kennedy, “Acceptance of Democratic Nomination for President”, 15.jul.1960; disponível em: <https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/historic-speeches/acceptance-of-democratic-nomination-for-president> [acesso 3.dez.2020].

⁴⁶ No original, em inglês: “Integration or the full participation (social, political, and economic)

Transição, processo de mudança; esse era o principal objetivo de investigação nas ciências sociais (Chaves & Cattai, 2019). E, dentre essas, havia uma disciplina em especial que podia oferecer ferramentas úteis para compreender e, na medida do possível, direcionar esse processo em curso nos países em desenvolvimento para um percurso mais *estável*. A ciência política — e sua subárea: política comparada. Huntington, que seria, com seu *Ordem política nas sociedades em mudança* (1968), o bastião desse campo de estudos explicaria mais tarde:

Finalmente, a mudança política tendia a ser ignorada porque a política comparada tendia a ser ignorada. (...) Em títulos de livros e de cursos, governo comparado dizia respeito a governo estrangeiro. O estudo da mudança política está, entretanto, intimamente ligado ao estudo da política comparada. O estudo da mudança envolve a comparação de similaridades e diferenças através do tempo; a política comparada, por sua vez, envolve a análise de similaridades e diferenças através do espaço. (...) Dessa forma, a análise da mudança política não deverá progredir a não ser que o estudo da política comparada também floresça. (Huntington, 1971, pp. 284–5)⁴⁷

Projetada para investigar os processos de mudança, fronteira do pensamento a ser explorada nas humanidades, a disciplina de ciência política adquire novos contornos de interesse. A política comparada, então, como explica Huntington, faria a sua contribuição apoiando-se no amplo uso de ferramentas estatísticas, como os *surveys*, com o objetivo de extrair das bases de dados comparadas (de diferentes sociedades não desenvolvidas)

of all classes in the national life is the essence of social development. The Latin American countries are now engaged in a difficult transition from a closed to an open society. In more precise terms, the countries are moving from a traditional agrarian, hierarchical, oligarchical, and paternalistic society into one which is urban, industrial, contractual, and, hopefully, democratic. The real challenge, therefore, is to find ways whereby the Foundation may participate in the process and perhaps to a small degree accelerate the transition.” Reynold E. Carlson, “The Development of the Social Sciences in Latin America”, nov.1965; p.12; cr, FF; RAC.

⁴⁷ Vale pontuar que o termo “governo” (“*Government*”) aqui empregado quer significar, creio, a disciplina de ciência política. Huntington era professor afiliado ao Department of Government de Harvard. No original, em inglês: “*Finally, political change tended to be ignored because comparative politics tended to be ignored. (...) In book titles and course titles, comparative government meant foreign government. The study of political change is, however, intimately linked to the study of comparative politics. The study of change involves the comparison of similarities and differences through time; comparative politics involves the analysis of similarities and differences through space. (...) Thus, the analysis of political change is not likely to progress unless the study of comparative politics is also booming.*” (Huntington, 1971, pp. 284–5).

explicações generalizantes que pudessem permitir a assimilação dos processos de mudança que ocorriam nas sociedades tradicionais, como o Brasil. A ciência política, então, adquire centralidade no portfólio da Fundação Ford a partir de meados dos anos sessenta.⁴⁸ É o momento em que a filantrópica passa por um processo de reorientação que também afetou seus programas de intervenção em outras áreas, como o direito (Cattai, 2018) e a economia (Penholato, 2017). Intelectuais e pensadores sociais brasileiros “tradicionais” não conseguiam lidar com “os problemas das culturas transicionais”, como assinalou o rascunho do projeto de mestrado do Iuperj, que seria lançado em 1969.⁴⁹

Alguns meses após o início do convênio Ford-Iuperj, em 1967, Candido Mendes escreveria uma carta de agradecimento ao cientista político Samuel Huntington pelo seu empenho durante o processo de negociação do convênio, compartilhando sua satisfação em ver que “algumas das nossas esperanças” estavam “se materializando”.⁵⁰ Para o ano seguinte, então, Candido “gostaria de ter um programa concebido sobre os problemas do Desenvolvimento Político”.⁵¹ Candido Mendes se refere ao ciclo de seminários internacionais que o Instituto desenvolvia.⁵² Huntington seria um dos convidados a vir ao Rio de Janeiro, além de Georges

⁴⁸ A mineira e professora do Iuperj Elisa Reis (1993, p. 119) afirma que o modelo de intervenção da Fundação Ford “expressava uma opção por ‘novas’ disciplinas”, como a ciência política e a antropologia — em vez de tentar reformar a área mais consolidada na academia brasileira, a sociologia. Formada no curso de Sociologia e Política da UFMG, Elisa Reis diz, em tom anedótico, que “nos idos de 1966, eu achava que a Ciência Política era uma invenção da Ford Foundation”.

⁴⁹ No original, em inglês: “*In the process, the inability of the traditional political scientists to handle the problems of transitional cultures has been underlined.*” Iuperj, sem título, 28.nov.1968; p.6; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁵⁰ No original, em inglês: “*It is good, moreover, to start feeling that some of our hopes are being materialized, and since the very beginning ever supported with your friendship and cooperation.*” Candido Mendes para Samuel Huntington, 21.nov.1967; Alex Inkeles papers, box 461, folder title “Trip do Rio de Janeiro (Mendes, Dec.13-20)”; Hoover Institution Library & Archives.

⁵¹ No original, em inglês: “*I am telling you that I would like having the program entered around Political Development problems. In this respect, I am extremely indebted to you for the suggestions you have put forward about the theme of Political Development and Political Decay. It is also thinking about this that I deem as very important you’re coming down here.*” Candido Mendes para Samuel Huntington, 21.nov.1967; b.461, f.“Trip to Rio”; HIA.

⁵² Aqui, cabe trazer o que Aspásia Camargo (2012, p. 19) diz sobre Candido Mendes e o ciclo de conferências internacionais por ele idealizado no Iuperj: “Isso eu queria dizer e registrar como uma coisa, talvez, das mais importantes que eu possa dizer hoje. É que o Candido Mendes produziu a globalização do Rio de Janeiro pela via das Ciências Sociais. A primeira coisa que globalizou nessa

Lavau, Karl Deutsch e um quarto nome a ser indicado pelo próprio Huntington. A carta tinha também o objetivo de convidar Huntington a atuar como consultor informal, em espírito de colaboração e acompanhamento da implementação do convênio e do desenvolvimento das atividades do Iuperj.⁵³ Candido Mendes convida, então, Huntington, “um dos dois grandes amigos que a nossa instituição possui nos EUA e que mais trabalharam pelo projeto”.⁵⁴ O outro “grande amigo” era Alex Inkeles.⁵⁵

cidade, depois do Pão de Açúcar e do Corcovado, foi o Candido Mendes. Porque o Cândido trouxe todos os intelectuais de peso nas Ciências Sociais para o Brasil, na década de 60, nos anos 60. Todos! Lipset, Parsons, Karl Deutsch, Huntington, Toynbee.”

⁵³ Durante as negociações entre o Iuperj e a Ford que antecederam a assinatura do convênio, houve uma proposta para a criação de um grupo de consultores formais — brasileiros e estrangeiros — para acompanhar o desenvolvimento do Instituto. Três nomes são mencionados (Alex Inkeles, Samuel Huntington e Ronald Schneider) para compor o tal grupo ao lado de Candido Mendes, Almir de Castro, ambos do Iuperj, e dos brasileiros Padre Fernando Bastos de Ávila e Navarro de Brito, externos ao instituto. A ideia do conselho consultivo, porém, foi abandonada pouco depois.

⁵⁴ No original, em inglês: “*To fit within the spirit of the general framework elaborated with the Ford Foundation, we agreed to ask the two great friends our institution has in the U.S., and who worked more for the project, Alex and you, to be, although informally, our main consultants for the project implementation.*” Candido Mendes para Samuel Huntington, 21.nov.1967; b.461, f.'Trip to Rio'; HIA.

⁵⁵ Samuel Huntington, assim como Inkeles (que será descrito com mais profundidade no capítulo seguinte) foi um apoiador de primeira hora do convênio Ford-Iuperj. Em novembro de 1966, em meio ao processo de negociação entre o Instituto e a Fundação, Huntington — a pedido de Inkeles — escreve uma carta a Peter Bell fazendo lobby pró-Candido Mendes. No original, em inglês, “*As you know he is an old friend of mine, and I am quite aware of his limitations and difficulties. Yet he is, I think, one of the most dynamic and energetic social scientists on the Brazilian scene, and his efforts to develop programs for changing his university from a trade school into a respectable research and educational center certainly merit support. In particular I think it would be most useful to encourage his efforts to build closer ties between American and Brazilian social scientists. He now has a foot in both the Brazilian and U.S. social science worlds and he is, I think, extremely well qualified to play an important role in facilitating contact between these worlds.*” Samuel Huntington para Peter Bell, 29.nov.1966; grant files, PA67-492, reel 5351 ou reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center. Alex Inkeles para Samuel P. Huntington, 4.nov.1966; folder 38, box 1, HUM 178, Samuel P. Huntington personal archive; Harvard University Archives.

Aspectos sociais do desenvolvimento, consenso e dissenso no convênio Ford-Iuperj

Cambridge, Massachusetts, 17 de março de 1965.

Caro Harry [Wilhelm].

*Meu objetivo em lhe escrever é sobretudo para apresentá-lo ao Dr. Candido Mendes de Almeida, que atualmente é visitante no nosso Center [for International Affairs, da Universidade de Harvard]. Estou muito impressionado pelo seu livro *Nacionalismo e desenvolvimento* [Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 1963] e temos todos sido estimulados pelas apresentações dele aqui no Center a respeito dos aspectos sociais do desenvolvimento brasileiro. Dr. Almeida crê que há agora oportunidades especiais para estender o escopo e a profundidade das pesquisas sobre os problemas sociais no Brasil. E eu tomo aqui a liberdade de sugerir a ele que procure entrar em contato com você para discutir esses planos. Se você puder dedicar-lhe um tempinho, penso que você vai achar o encontro interessante e as propostas dele dignas de mérito.*

Atenciosamente, Alex Inkeles.¹

A carta acima é o documento mais antigo presente nos arquivos da Fundação Ford referentes ao convênio com o Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro). Em março de 1965, Alex Inkeles, um cientista social da Universidade de Harvard, escreveu a Harry Wilhelm, então diretor do OLAC, para agendar uma reunião na sede da Fundação Ford em Nova York com Candido Mendes de Almeida, um jurista e pensador social brasileiro. Candido e Inkeles haviam se conhecido no CFIA (Center for International Affairs) da Universidade de Harvard, onde Candido Mendes fora pesquisador-visitante em meio à onda de

¹ No original, em inglês, grifo nosso: “My purpose in writing is mainly to introduce Dr. Candido Mendes de Almeida who is currently visiting our Center [for International Affairs, at Harvard University]. I have been impressed by his book on *Nationalism and Development*, and we have all been stimulated by his presentations at the Center on the social aspects of Brazilian development. Dr. Almeida feels that there are now special opportunities for extending the scope and increasing the depth of research on social problems in Brazil. And I took the liberty of suggesting he should contact you to discuss these plans. If you can spare him a little time, I think you will find the encounter interesting and his proposals of merit. Sincerely, Alex Inkeles.” Alex Inkeles para Harry E. Wilhelm, 17.mar.1965; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

êxodo intelectual de brasileiros após o golpe de 1964.² Candido é descendente dos “Mendes de Almeida”, uma família de elite do Rio de Janeiro com laços na Igreja Católica desde o século XIX (Santirocchi, 2014). Em 1962, Candido Mendes tornou-se reitor do grupo universitário, com faculdades na área do direito e da economia, que havia sido fundado por seu avô, o conde Candido Mendes de Almeida, sessenta anos antes. Em 1965, Candido, que havia fundado o Iuperj anos antes, procurou a Fundação Ford com auxílio do seu colega de Harvard.³ Nos anos seguintes, os dois desenvolveriam uma amizade próxima e Inkeles acabaria sendo contratado pela Fundação Ford como consultor externo do convênio Ford-Iuperj. Entre 1967 e 1971, Inkeles produziria cinco relatórios para a Fundação, realizados a partir de viagens periódicas ao Rio de Janeiro para acompanhar de perto os desenvolvimentos do Instituto, ter acesso a materiais e conduzir entrevistas com seus pesquisadores.

Em sua breve carta de apresentação, Alex Inkeles menciona especificamente os “aspectos sociais do desenvolvimento brasileiro”. Essa categoria apareceria com frequência ao longo do arquivo documental do convênio Ford-Iuperj. A abordagem contida no emprego desse termo era bem similar à forma por meio da qual o OLAC conduzia internamente suas discussões sobre

² Em correspondência com Inkeles, Candido Mendes parece dizer que quem articulou a ida dele, de Jaguaribe e de Luiz Alberto Bahia para o CFIA após o golpe de 1964 foi o então embaixador norte-americano Lincoln Gordon (1961-1966). Bahia não pôde concretizar a ida naquele momento, mas, após o AI-5, ele se demitiu de seu cargo na gestão de Negrão de Lima no governo do estado da Guanabara (1965-1971). Candido, então, aciona Inkeles para viabilizar uma estadia em Harvard, que acaba acontecendo. Disse Candido: “Bahia, comigo e Hélio, constituímos, como você se lembra, aquele primeiro grupo à época iniciado pelo então Embaixador Gordon, para participar como Associate Researcher dos trabalhos do Center for International Affairs. Na ocasião, com os seus trabalhos jornalísticos e, depois, com a sua atividade de planejamento político, Bahia não pôde ir para Harvard.” Candido Mendes para Alex Inkeles, 11.jun.1969; p.3; Alex Inkeles papers, box 463, folder title ‘Trip to Rio de Janeiro, Brazil (Correspondence - trip cancelled) SP - 1969’; Hoover Institution Library & Archives.

³ Elisa Reis (1993: 118) situa de forma mais precisa que o “Iuperj surgiu em 1963 como uma associação privada para fins de pesquisa sobre a realidade social brasileira, dentro da estrutura institucional da SBI”. Nos primeiros anos, porém, nada de muito concreto aconteceu e o Instituto “era mais um ideal de pesquisa com estatuto jurídico”, que, aos poucos “começou a funcionar como ponto de convergência de jovens cientistas sociais”. O projeto institucional inovador do Instituto, segundo Reis, que seria a combinação de pesquisa e ensino em nível de pós-graduação, só ganhou forma, de fato, em 1966 e 1967, com as negociações com a Fundação Ford em andamento e, depois, em agosto de 1967 com a assinatura do convênio, válido para o período de 1967-69. Sobre o papel de Samuel Huntington na intermediação entre Candido e a Ford, ver a última nota do capítulo anterior.

o caráter da intervenção filantrópica nas ciências sociais latino-americanas. No caso específico do Brasil, a Fundação Ford tinha a impressão de que as ciências econômicas e administrativas — às quais financiamento filantrópico era anterior, desde os anos de 1950 — haviam atingido um nível relativamente elevado de qualidade acadêmica. Ainda assim, esses campos precisavam “eles próprios serem incutidos pelas ciências sociais”.⁴ Era chegada a hora de providenciar recursos para as ciências sociais. E o Iuperj de Candido Mendes de Almeida parecia um caso atraente.

O diagnóstico da Ford a respeito do cenário acadêmico brasileiro era de alguma forma análogo à maneira como a Fundação interpretava, de forma mais ampla, o processo de desenvolvimento das sociedades latino-americanas. Em ambos os casos, o foco excessivo na disciplina econômica e no detalhado e esquemático planejamento econômico como um receituário para impulsionar o crescimento estava sob ataques. “Se os estudos nas áreas da economia e da administração, conduzidos pela FGV, são por vezes considerados muito limitados e ‘tecnocráticos’, tais críticas se devem em parte à ausência da dimensão social”.⁵ Uma onda de críticos à ortodoxia e ao etapismo das teorias de modernização considerava que esse raciocínio era falho. Em outras paragens onde ocorria reflexão sobre pensamento econômico na América Latina, como a Cepal,⁶ também se deparavam com um momento de

⁴ O termo empregado no original, em inglês, é “*infused*”. Peter Bell, “Brazilian Society for Instruction: Social Science Research and Training (L66-566)”, Inter-Office Memorandum, 2.mai.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁵ A Fundação Getúlio Vargas foi uma das primeiras instituições da área de humanidades no Brasil a receber aporte financeiro da Fundação Ford. A FGV estabeleceu-se como um centro renomado de economia e administração pública, como o relatório de Peter Bell indica, em inglês: “*The Center for Economics at the Vargas Foundation has attained a level of quality whereby its research is fed into policy-making by the Ministries of Finance, Planning, and Agriculture and its professors are sought for collaboration (...). EBAP itself [Escola Brasileira de Administração Pública, da FGV] has gained a national reputation for its teaching and research program in public administration, and is used by the Government not only for advisory services but also for teacher training. (...) If the economic and administrative studies of the FGV are sometimes criticized as narrowly ‘technocratic’, such criticism is due in part to their lack of social dimension.*” Peter Bell para Stacey Widdicombe, 2.mai.1967; p.3; gf, r.5351, FF; RAC.

⁶ O diagnóstico dos cepalinos era muito semelhante ao que a Fundação Ford se apoiava para planejar sua estratégia de intervenção nas ciências sociais na América Latina. Margarita Fajardo (2019,

crise de um determinado modelo desenvolvimentista (Fajardo, 2019, p. 183). Diante da sensação de esgotamento, houve espaço para novas abordagens cepalinas, cujos termos muito se assemelhavam ao que estava sendo discutido pelo OLAC da Fundação Ford, materializados na negociação do convênio Ford-Iuperj:

Dentro da instituição [Cepal], ganhava força um ímpeto por análises sobre o desenvolvimento que superassem o campo econômico. Pela primeira vez, cepalinos colocavam sob escrutínio o projeto de industrialização. Enquanto economistas revisitavam a trajetória do pós-guerra, um grupo de sociólogos e seu projeto sobre os aspectos e agentes sociais do desenvolvimento ganhavam *momentum*. (Fajardo, 2019, p. 183)⁷

O uso espalhado, por diversas instituições, disciplinas e países, do termo “aspectos sociais do desenvolvimento econômico”, indica que estava em curso um processo de revisão de políticas desde o início dos anos 1960. A preocupação central era com o esvaziamento de um projeto de desenvolvimento para as sociedades latino-americanas que podia até ter trazido algum grau de bem-estar, medido por meio de indicadores sociais animadores, mas que não propiciava a estabilidade política esperada — temor confirmado com o golpe que depôs João Goulart, em 1964. Na Cepal, conforme retraça Fajardo, houve mais espaço para sociólogos e cientistas sociais, como o espanhol republicano José Medina Echavarría (1903-1977), que foi diretor da Flacso (1958) e membro da Cepal (1952-1977), e é a figura mais associada à expressão mencionada (Lopez, 2016). Além dele, Fernando Henrique Cardoso seria quem obteria maior destaque, ao partir para o estudo do empresariado (elites) e o papel da burguesia no desenvolvimento nacional.

p. 194) assim descreve o processo de revisão do modelo cepalino de substituição de importações, no original, em inglês: “*Though the industrialization process in the large Latin American countries had advanced considerably, a profound malaise haunted them. Population was increasing rapidly and the growth in income barely caught up to make for real per capita increases. The modern, industrial sector was not expanding fast enough to absorb the growing labour force; instead, it was creating a 'marginal population' in the outskirts of the large industrial cities.*”

⁷ No original, com grifo nosso, em inglês: “*Within the institution, a thrust for an analysis of development that surpassed the economic domain was intensifying. For the first time, cepalinos were putting the project of industrialization under scrutiny. While economists revisited the post-war trajectory, a group of sociologists and their project on the social aspects and agents of development gained momentum.*” (Fajardo, 2019, p. 183)

Entre economistas que também se dedicaram a refletir sobre a crise do modelo cepalino, estariam Carlos Lessa, Maria da Conceição Tavares e Celso Furtado — tendo este último sentido na pele as pressões sociais da instabilidade política ao enfrentar resistências de todos os lados possíveis ao seu Plano Trienal (Loureiro, 2017). Em FHC, a força motriz do desenvolvimento era uma *intelligentsia* nacional moderna, com visão ampliada para buscar inovação técnica e atingir resultados no longo prazo. Passam a se organizar como classe e buscar melhores condições junto a uma burocracia governamental especializada, também moderna. Trata-se de um estudo sobre elites, tema candente, como vimos acima, nas ciências sociais do período. Possui traços muito similares ao primeiro grande projeto de pesquisa do convênio Ford-Iuperj, descrito mais adiante, que buscava compreender as aspirações de determinados grupos de elite, como o empresariado nacional, e a postura desses grupos diante de questões postas pelo contexto de instabilidade e acelerado desenvolvimento.

Na solicitação formal de auxílio que Candido Mendes enviou à Fundação Ford, “a compreensão dos aspectos não-econômicos do desenvolvimento” foi um tópico central perseguido. Uma das características que demonstravam “as condições de atraso relativo” das ciências sociais no Brasil — como assim caracterizava o documento do Iuperj — era justamente o fato de que investigações sobre “os aspectos não-econômicos do desenvolvimento” ainda estavam em um estágio muito inicial de pesquisa no Brasil. Dessa forma, o Iuperj afirmava que uma das “atividades fundamentais” do eventual convênio com a Fundação Ford seria:

c) Suplementação dos fundos para pesquisas (...) numa linha que permitisse a relativa homogeneização dos métodos de observação e análise da realidade social dos países subdesenvolvidos, ou a generalização de algumas experiências pioneiras no esforço de adicionar a dimensão sociológica e política ao planejamento econômico.⁸

Essa ênfase nos aspectos não econômicos do desenvolvimento por parte do Instituto não

⁸ “Linhas Gerais do Projeto de Cooperação Entre a Fundação Ford e o Grupo Universitário da Sociedade Brasileira de Instrução”, 10.fev.1967; p.4; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

foi algo episódico e isolado.⁹ O *release* de imprensa que foi redigido para fazer o anúncio público do convênio Ford-Iuperj também reconhecia que o Iuperj vinha “desenvolvendo esforços no sentido de expandir na Guanabara moderno centro de investigação dedicado ao estudo dos múltiplos aspectos das mudanças sociais acarretadas pelo desenvolvimento”.¹⁰

Alex Inkeles, produto da Guerra Fria

Essa nomenclatura — a dos *aspectos sociais do desenvolvimento* — tão frequente em textos, projetos e conjunto epistolar do arquivo do convênio Ford-Iuperj, traz consigo uma série de significados e usos diversos. Do termo empregado por José Medina Echavarría nos relatórios preparados para a Cepal no fim dos anos cinquenta, às críticas de matizes diversas que as teorias de modernização vinham enfrentando, mas também sobre uma linha de pesquisa que unia sociologia e psicologia social para estudar a mentalidade e o comportamento do indivíduo moderno. Alex Inkeles, diga-se, era um dos principais adeptos dessa corrente.¹¹ Então professor

⁹ Além de aparecer nas solicitações oficiais que o Iuperj envia à Fundação Ford, o próprio Candido Mendes parece já haver ele próprio adotado o termo. Em uma correspondência com Inkeles, por exemplo, diz: “Talvez a melhor coisa fosse manter no momento o Projeto A dos dois pensados, (...) o programa do diálogo e o do começo do treinamento dos meus estudantes para o planejamento das dimensões sociais do desenvolvimento.” Candido Mendes para Alex Inkeles, 5.nov.1965; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

¹⁰ Não fica claro exatamente quem redigiu este comunicado, intitulado “*News From the Ford Foundation*”, se o Iuperj ou se a Fundação. Mas, nos arquivos, há uma versão em inglês, com papel timbrado da Ford, e uma versão em português, com marca d’água da SBI. A versão em inglês do trecho citado aparece da seguinte forma: “*has been endeavoring to develop in the State of Guanabara a modern center for the investigation of the manifold aspects of social changes brought about by development*”. “*News From the Ford Foundation*”, set.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

¹¹ Anos antes, em correspondência entre Inkeles e Samuel Huntington, os dois colegas discutem os planos futuros do centro do qual faziam parte. Concordam que Harvard precisa “entrar na competição” para coletar e armazenar dados em massa de surveys e que o CFIA talvez precisasse de um caminho de pesquisa mais homogêneo. No original, ênfase nossa, em inglês: “*In other words, at least some of the work will have to be more ‘directed’ and less autonomous. Your plans for a seminar on political development sound sensible. You should, I think, plan not only to provide home for refugee Africanists, but also for those interested in the socio-political aspects of development. Indeed, much of*

de sociologia (1957-1971) do interdisciplinar Department of Social Relations, fundado por Talcott Parsons em 1946 na Universidade de Harvard (Gilman, 2003, cap. 3; Engerman, 2012; Isaac, 2012; Cohen-Cole, 2014, cap. 3), mas que também tivera funções no Russian Research Center e no Center for International Affairs da mesma universidade, Alex Inkeles liderava um grande projeto de estudos comparados denominado “Harvard University Project on the Sociocultural Aspects of Development”,¹² cujo objetivo era conseguir apontar quais características psicossociais — ou “psico-sociológicas”, como Inkeles preferia (Smith, 2012, p. 239) — definiam “o homem moderno”. O livro derivado desse projeto, *Becoming Modern* (1974, em coautoria com David Horton Smith), foi sua grande obra.¹³ A pesquisa submetia as hipóteses das teorias de modernização a uma espécie de “testagem quantitativa” (Gilman, 2003, pp. 95–6), com base na coleta massiva de dados de seis países que vivenciavam processos de industrialização: Paquistão Oriental (atual Bangladesh), Nigéria, Chile, Índia, Argentina e Israel.

A partir de 5.600 entrevistas com homens jovens (tal qual McClelland, ele entrevistou apenas homens), Inkeles acreditava possuir evidências de que o processo de industrialização resultava em transformações psicossociais amplamente similares em cada um desses países. De fato, um aspecto marcante do livro é que não há qualquer discussão sobre eventuais diferenças entre as experiências desses homens em países tão diversos. Da parte de Inkeles, ‘o que define um homem como moderno em um país também o define como moderno em outro’. Em outras palavras, a experiência da modernidade era uma experiência universal.¹⁴ (Gilman, 2003, p. 96)

the work of Deutsch and Almond should be so classified.” Alex Inkeles para Samuel P. Huntington, 21.fev.1964; folder 38, box 1, HUM 178, Samuel P. Huntington personal archive; Harvard University Archives.

¹² Mais tarde, o projeto acabou migrando para a Universidade de Stanford, para onde Inkeles se transferiu em 1971, rebatizando a iniciativa para “Harvard-Stanford Project” (Smith, 2012, p. 239).

¹³ No mesmo ano da publicação nos Estados Unidos pela Harvard University Press, o livro foi traduzido e publicado em português pela Editora da Universidade de Brasília (Inkeles & Smith, 1974).

¹⁴ Trecho original, em inglês: “*Based on interviews with 5,600 young men (like McClelland, he interviewed men), Inkeles believed he had evidence that the process of industrialization resulted in broadly similar psychosocial transformations in each country. Indeed, a striking feature of the book is that there is no discussion of any differences between the experiences of the men in these disparate countries. As far as Inkeles was concerned, ‘what defines man as modern in one country also defines him as modern in another.’ The experience of modernity, in other words, was a universal one.*”

Inkeles havia desenvolvido uma escala quantitativa para medir o grau de modernidade psicológica dos indivíduos — “OM (*Overall Modernity*) scale” — parâmetros que, conforme a leitura contemporânea de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1970), apontava na direção inescapável da ocidentalização. Os dados dessas longas entrevistas eram então tabulados para gerar um índice. Alguns dos atributos e atitudes típicas da modernidade eram as seguintes: abertura a novas experiências; postura de independência da autoridade das figuras “tradicionais”; crença na eficiência da ciência e da medicina; abandono da “passividade”; ambição profissional; apreço por pontualidade; interesse elevado em participação ativa na política e nos assuntos cívicos da comunidade; esforço em acompanhar as notícias, especialmente o noticiário internacional (Gilman, 2003, pp. 95–6). “A fábrica pode ser uma escola — uma escola para a modernização” (Inkeles and Smith, 1974 *apud* Gilman, 2003: 97). Era uma espécie de slogan de Inkeles, que estava interessado em explicar esse processo de mudança — ou transição — do homem *tradicional*, pré industrial, ao homem *moderno*.¹⁵ Algumas instituições eram cruciais para incutir na população as “experiências da modernidade”. A planta industrial era a principal delas,¹⁶ mas havia outras, como as escolas, os meios de comunicação de massa e as cooperativas agrícolas.

¹⁵ Em uma entrevista ao jornal O Globo, em agosto de 1968, durante uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, há uma aspas de Alex Inkeles dizendo o seguinte: “Muitos economistas modernos descreve o processo de desenvolvimento como a consequência lógica de apenas dois fatores: recursos naturais abundantes, ou, ao menos, relativamente razoáveis em quantidade, e planejamento objetivo. (...) Há várias, talvez mesmo numerosas nações que possuem apreciável quantidade de recursos naturais — ferros, petróleo, carvão, manganês, etc. — e que têm sua economia planificada e no entanto ainda não podem ser considerados afluentes.” Isso comprovaria que haveria fatores sociais e psicológicos que serviriam como indicadores mais precisos da modernidade, como “espírito empresarial, estruturas sociais relativamente abertas e capazes de proporcionar comunicabilidade entre si, e o desejo de investir em indústrias de base, mesmo sabendo que os retornos serão lentos”. Jornal *O Globo*, “Fatores Psicológicos Têm Ação no Desenvolvimento”, 5 ago. 1968; Alex Inkeles papers, box 463, folder title ‘Trip to Rio de Janeiro, Brazil (Mendes) SP - 1968’; Hoover Institution Library & Archives.

¹⁶ No original, em inglês: “*Sustained development seems to depend on the wide diffusion through the population of certain attitudes, values, dispositions to act, and habits of doing things (...). Our working assumption is that experience in a modern industrial enterprise will induce changed attitudes which, on the whole, will make men better adapted and more effective citizens of a modern society.*” (Inkeles, 1969).

Para conseguir desenvolver esse projeto, de larguíssima escala, em diferentes países, Inkeles contou com aportes da Fundação Rockefeller, como relembra seu principal colaborador, David Horton Smith:

Provavelmente por conta dos trabalhos anteriores de Inkeles sobre a relação entre personalidade e estrutura social, a Fundação Rockefeller o abordou por volta de 1960 com uma verba milionária para que ele estudasse ‘os aspectos não econômicos do desenvolvimento econômico’.¹⁷ (Carnoy, 2019, cap. 4).

Os referidos “trabalhos anteriores” de Inkeles tinham que ver com uma experiência comum desses *defense intellectuals*, durante e imediatamente após a Segunda Guerra Mundial.¹⁸ Alex Inkeles foi parar em Harvard após ter servido no Exército durante a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente na divisão de pesquisas sobre a União Soviética do OSS (Office of Strategic Services), órgão de inteligência norte-americano do período de guerra e antecessor da CIA (Weiner, 2007; Wilford, 2009). Após ter aprendido a língua russa por meio dos programas nacionais, financiados com recursos do governo norte-americano, Inkeles produziu relatórios sobre assuntos internos do país baseados em leituras diárias da imprensa soviética.¹⁹ Terminada a guerra, Inkeles concluiu a pós-graduação entre as universidades de Cornell e Columbia e, em seguida, foi para Harvard. Logo se associou ao Russian Research Center (RRC), fundado em 1948 pelo antropólogo Clyde Kluckhohn, que dirigiu o centro até 1954. No RRC, Inkeles foi colega de intelectuais que ganhariam projeção dentro e fora da academia,

¹⁷ No original, em inglês: “*Probably based on Inkeles’ prior work on the relationship between personality and social structure, the Rockefeller Foundation approached him circa 1960 with a million-dollar grant if he would study the ‘noneconomic aspects of economic development’.*” (Carnoy, 2019, cap. 4)

¹⁸ Conferir: (Bessner, 2018; Oren, 2003; Robin, 2003; Guillhot, 2005; Solovey, 2013; Gilman, 2016; Schrum, 2019; Simpson, 1998; Isaac & Bell, 2012).

¹⁹ No original, em inglês: “*They [the American military] made a sort of a world map. One of the foundations did it for them, I forget whether it was the Carnegie or the Rockefeller. They in fact produced a document with a fancy-sounding name; I think it was called the Evernormal Granary of Language Experts. The idea was to try to use national resources to train people who already were trained in scientific disciplines in these more or less rare languages, so that in case of a national emergency we wouldn’t suddenly find ourselves with the problem of lacking that kind of expert combination.*” (Inkeles, 1985, p. 47)

como Barrington Moore e Zbigniew Brzezinski. Inkeles foi um dos responsáveis pelo mais importante projeto de pesquisa da área de *Soviet studies* naquele início de Guerra Fria, o “Refugee Interview Project”, que recebeu cerca de US\$ 1 milhão da Força Aérea dos EUA para desenvolver um modelo do sistema social soviético usando como fonte entrevistas com emigrados da URSS que estavam na Alemanha Ocidental.²⁰ O historiador David C. Engerman, que escreveu sobre o projeto, relembra que, apesar de a patrocinadora do projeto ser uma das armas militares norte-americanas mais notórias por suas “convicções sobre a agressividade soviética”, as conclusões acadêmicas do projeto entraram em choque com a visão que talvez se esperasse sobre o projeto.²¹

A experiência dos primeiros anos do RRC, que inclui o Refugee Interview Project, representa o protótipo do que se almejava para as ciências sociais na década de 1940, a partir da experiência da Segunda Guerra Mundial, e também para a primeira década da Guerra Fria. Isto é, um modelo coletivo e interdisciplinar de projetos de pesquisa feitos em colaboração próxima com os organismos de segurança nacional dos Estados Unidos (Engerman, 2012, p. 26). Inkeles participou ativamente dessa empreitada, lidando rotineiramente com essa dupla paternidade do RRC (Diamond, 1992, p. 100), o que por vezes causava ruídos e requeria esclarecimentos, como a vez em que Inkeles escreveu a um general-brigadeiro, diretor de inteligência, para explicar que pesquisa em ciências sociais era algo distinto, embora não antagonista, de um levantamento de inteligência:

Embora a nossa operação seja, primeira e fundamentalmente, uma investigação das ciências sociais, tendo como objetivo final a construção

²⁰ Quantia equivalente, em 2011, a \$ 9,2 milhões de dólares. (Engerman, 2012, p. 26).

²¹ O projeto chegou à conclusão de que o regime soviético tinha, sim, amplo e profundo apoio de seus cidadãos e que, portanto, não iria implodir — “*American forces attacking the Soviet Union, in short, would not be greeted as liberators*” (Engerman, 2010, p. 399). Considerações semelhantes ocorrem sobre o Smolensk Archive — uma coleção de documentos do Partido Comunista da URSS que foi capturada pelos nazistas em 1941 na cidade soviética de Smolensk e, quatro anos depois, passou para a tutela dos EUA. A pesquisa foi conduzida por um cientista político de Harvard, contratado pela RAND Corporation, e chegou a conclusões que contrariavam algumas teses a respeito do inimigo soviético sustentadas pela comunidade militar, que patrocinou o projeto (Engerman, 2010, 2012).

de um modelo de trabalho do funcionamento da sociedade soviética, nós naturalmente também esperamos poder desvelar um volume considerável de material que pode ser direta e imediatamente relevante para as operações de inteligência da Força Aérea. Sendo este o caso, gostaria de indicar que nós estamos totalmente preparados para fazer todo esforço possível para que essas informações possam ser disponibilizadas para você e sua equipe o quanto antes e da forma mais aplicável.²² (Diamond, 1992)

Naquele momento de virada para a década de 1950, centenas de cientistas sociais e pesquisadores voltavam ao universo da academia convencidos e orgulhosos de que o trabalho intelectual nos órgãos de guerra havia se provado nada menos que decisivo para o desfecho do conflito armado mundial. Seja no Office of War Information, ou no Office of Strategic Services, os pesquisadores das humanidades — área rotulada genericamente de “*behavioral sciences*”, “*social relations*” ou “*human relations*” — atuaram, por exemplo, para: compreender melhor a mente dos soldados norte-americanos;²³ cuidar de planejamento e distribuição de propaganda. Ao voltar para as universidades, levaram consigo o entendimento de que era necessário tensionar e transpassar as fronteiras disciplinares, apostar em projetos amplos e colaborativos, de larga escala e em ciências humanas aplicadas.

Inkeles e seus ex-alunos e colaboradores mais próximos lembrariam com orgulho os frutos que o trabalho do “Harvard-Stanford Project” rendeu. Relevância social e utilização no planejamento governamental eram elementos que atestam a qualidade da pesquisa acadêmica. Talvez por isso, David Horton Smith, coautor do *Tornando-se moderno*, assevere que o livro, objeto de duas traduções chinesas, tenha “desempenhado um papel significativo no rápido

²² Alex Inkeles escreve, em julho de 1950, ao general-brigadeiro M. Lewis, diretor de inteligência da Força Aérea dos EUA na Europa. No original, em inglês: “*Although our operation is defined as being primarily a fundamental social science investigation, having as its final purpose the construction of a working model of the functioning of Soviet society, we naturally expect to uncover a considerable amount of material which may be of immediate and direct relevance to Air Force Intelligence operations. This being the case, I should like to indicate that we naturally stand fully prepared to make every effort to make such information available to you and your staff in the shortest possible time and in the most useable form.*” (Diamond, 1992: p. 101)

²³ Um dos marcos dessas produções é o projeto “*The American Soldier*” (1949-1950), que, ao fazer uso de *surveys* com soldados alistados para descrever o funcionamento do Exército e propor mudanças na estrutura organizacional, tornou-se referência para como aplicar as ciências sociais a assuntos militares (Engerman, 2012: p. 27).

desenvolvimento econômico da China desde os anos oitenta” (Smith, 2012, p. 241). A opção do governo de Pequim por subsidiar as fábricas “seguiu diretamente” as conclusões do livro²⁴. Em outra anedota, Alex Inkeles também relembra o episódio em que deu uma palestra e, no coquetel do evento organizado por seus ex-alunos de Stanford, foi convidado para um cargo no “ministério da educação de um país do Sudeste Asiático”:

Ele ficou muito impressionado com o que eu tinha para dizer. No jantar, me perguntou se eu consideraria viajar ao seu país para, sob seus auspícios, assumir a organização de todo o setor de formação de professores. (...) Foi um elogio e tanto.²⁵

A forma como Alex Inkeles concebia a relação entre pesquisa acadêmica de ponta e a agenda de interesses estratégicos de governos nacionais ficou clara em um episódio subsequente à denúncia do Projeto Camelot. Concebido no final de 1963 pelo Departamento de Defesa do Exército dos EUA em colaboração com a American University, em Washington, o Projeto Camelot, orçado em US\$ 6 milhões, tinha como objetivo compreender as causas das turbulências, revoluções e revoltas nos países em desenvolvimento, sobretudo na América Latina. Logo no início das atividades, no Chile, o projeto foi denunciado por pesquisadores como ingerência norte-americana em assuntos internos, o que trouxe à tona um clima de muita desconfiança sobre a presença de pesquisadores norte-americanos nos países latino-americanos²⁶. Uma rede de latino-americanistas criada em 1965 após a intervenção militar dos EUA na República Dominicana, a UCLAP (University Committee on Latin American Policy), estava

²⁴ No original, em inglês: “*Becoming Modern has played a significant role in the rapid economic development of China from 1980 to the present — the “China Miracle.” It is no coincidence that our book was translated into Chinese twice, independently — once in 1981 and again in 1992. The basic Chinese economic development strategy of subsidizing factories followed directly the conclusions of our book.*” (Smith, 2012, p. 241)

²⁵ No original, em inglês: “*Actually the minister of education of a country in Southeast Asia came to a little presentation that some of my former students at Stanford organized (and they gave a dinner for him). He was very impressed with what I had to say. At dinner, he asked me would I consider coming to his country and, under his auspices, taking charge of all teacher training of the country. (...) It was quite a compliment.*” (Inkeles, 1985, p. 41)

²⁶ Conferir, sobre Projeto Camelot: (Silvert, 1965; Levine, 1966: intro; Horowitz, 1969; Robin, 2003, pp. 206–25; Abreu, 2010).

preparando uma nota de repúdio abordando os danos à “liberdade acadêmica” e às “obrigações éticas e humanas de cada pesquisador independente”.²⁷

A resposta de Inkeles ao contato da UCLAP vale ser reproduzida quase que integralmente:

Cambridge, Massachusetts, 18 de outubro de 1965.

Caro Dr. David Epstein:

Embora eu considere deplorável a intervenção americana na República Dominicana, que trouxe danos incalculáveis para as boas relações da América com a América do Sul, estou muito longe de poder me juntar a você no apoio à declaração sobre responsabilidade profissional na América Latina (...).

O mais importante para mim é o seu pressuposto de que o patrocínio militar de um estudo sobre mudança social na América do Sul é, de algum modo, inerentemente errado, se não for completamente perverso. Eu não posso de forma alguma concordar com essa noção. Claramente, é importante para os militares dos EUA compreender os assuntos internos de outros países. E para fazê-lo, eles precisam estudar esses assuntos. Na verdade, quanto mais os estudem, menos provável é que deem conselhos estúpidos aos nossos presidente, como por vezes ocorreu.

Mas, você pode indagar, ‘por que eles próprios é que deve conduzir a pesquisa? Por que não usar o que há disponível em fontes acadêmicas?’ Muito bem, eu diria, exceto que muitas vezes as fontes existentes são inadequadas. Para compreender melhor os outros países, então, os militares precisam ou mandar outras agências governamentais coletar a informação — e correr riscos de serem acusados novamente de fazer operações ‘secretas’, ou eles devem, eles próprios, apoiar diretamente a coleta de dados. Foi isto que tentaram fazer por meio de Camelot, e eles estão sendo trucidados por conta disso.

Além disso, um dos elementos do seu texto que me incomoda é a suposição de que a pesquisa deve ser julgada por quem a patrocina, em vez de quem a conduz — ou, mais importante, se foi bem feita ou não e a que conclusões chega. Essa posição me parece um insulto gratuito e injustificável a centenas dos melhores acadêmicos dos EUA em todos os campos em que pesquisa básica foi realizada com a ajuda de convênios com agências militares do Governo dos Estados Unidos. (...) Conforme

²⁷ No original, em inglês: “Such projects compromise academic freedom and violate the ethical and human obligations of the independent scholar.” David Epstein (UCLAP) para Alex Inkeles, “Draft Declaration of Latin American Specialists on Professional Responsibility”, 11.out.1965; Alex Inkeles papers, box 460, folder title ‘Harvard Univ. Latin American Policy (SP - 1965)’; Hoover Institution Library & Archives.

pode atestar a experiência de tantos cientistas e universidades, o apoio militar dos EUA não compromete a liberdade acadêmica. Quanto mais, nesse caso em que não há qualquer evidência de que os militares tenham imposto — ou, mesmo, solicitado — que os patrocinados encobrissem a origem dos recursos.

A nossa lealdade tem de ser com os padrões da verdade objetiva do conhecimento. Acadêmicos privados podem, tanto quanto governos, distorcer os fatos para seus propósitos especiais. Na verdade, o fato de a coleta de dados ser algo tão público e conhecido torna muito mais difícil para agências do governo, em uma sociedade aberta, distorcer as informações sobre ciências sociais básicas da América Latina.

Eu posso estar enganado sobre os fatos de Camelot, e eu posso ter mal interpretado a sua posição. Se foi esse o caso, ficarei feliz em ser corrigido e também contente em receber qualquer resposta às minhas reações sobre as suas propostas.

Atenciosamente, Alex Inkeles²⁸

²⁸ No original, em inglês: “Although I deplore the American intervention in the Dominican Republic and feel it did incalculable damage to America’s good relations in South America, I fear I am very far from being able to join you in support of the declaration about professional responsibility in Latin America (...). Most important for me is your assumption that military sponsorship of a study of social change in South America is somehow inherently wrong, if not downright evil. I cannot in the least agree with that idea. It clearly is important for the U.S. military to understand the internal affairs of other countries. To do so, they must study those affairs. The more they study them indeed, the less likely they are to give the foolish advice they have on occasion given our presidents. But, you may argue, why should they themselves do the research — why not use what is available from scholarly sources? Quite right, I would reply, except that so often the existing sources are inadequate. To understand other countries better, therefore, the military must either get other government agencies to collect the information — hence run risks of being charge again with ‘covert’ operations, or they must themselves directly support the collection of data. The latter is what they sought to do through Camelot, and they are being excoriated for it. Further, one of the elements in your statement which troubles me is the implication that research is to be judged by who sponsors it rather than by who does it — or more important, by how well it is done and what it concludes. This position seems to me a gratuitous and unwarranted insult to hundreds of the best scholars in the United States in all fields who have done basic research with the aid of grants from military agencies of the United States Government. (...) Academic freedom is not compromised by military support in the United States as the experience of so many scientists and universities will testify. This is all the more so since there is no evidence that the military required — or even asked — those they sponsored to in any way disguise their sources of support. Our allegiance must be to the standard of objective truth in knowledge. Private scholars no less than governments may distort the facts for their special purposes. Indeed, the fact that its data collection is so public makes it all the more difficult for government agencies in an open society to distort basic social science information on Latin America. I may be wrong about the facts on Camelot, and I may be misreading your position in the ‘draft declaration’. If so, I will be happy to be corrected, and also pleased to have any response to my reactions to your proposals. Yours truly, Alex Inkeles.” Alex Inkeles para David Epstein, 18.out.1965; Alex Inkeles papers, box 460, folder title ‘Harvard Univ. Latin American Policy (SP - 1965)’; Hoover Institution Library & Archives.

Projeto 'Consenso & Dissenso' do Iuperj

A atenção especial às questões do desenvolvimento seria observada em um dos primeiros esforços coletivos de pesquisa levados a cabo pelo Iuperj sob os auspícios do convênio com a Ford. A partir de 1967, o projeto “Consenso & Dissenso no Desenvolvimento Brasileiro” foi o carro-chefe do Instituto em seus anos iniciais, pelo menos em termos de fundos alocados e equipe mobilizada. O Iuperj solicitaria US\$ 35 mil em recursos apenas para o projeto “Consenso & Dissenso” (equivalente a cerca de US\$ 273 mil, em dinheiro de 2020), o que representava cerca de 25% dos US\$ 137 mil que seriam aprovados e repassados pela Fundação Ford quando oficializado o convênio, válido para o biênio 1967-1969.²⁹ Os outros quatro projetos de pesquisa que constam no plano do Instituto entregue à Fundação em janeiro de 1967 teriam apenas US\$ 25 mil.³⁰

Descrito como uma contribuição de peso à literatura dos “estudos atitudinais” das ciências sociais, o projeto pretendia utilizar a metodologia das *surveys* para coletar as percepções que grupos de elite brasileiros tinham sobre o processo de desenvolvimento em curso no país. Em uma primeira etapa, focava-se nas elites empresariais e nas lideranças universitárias; posteriormente, também seriam investigados os setores militar e sindicalista.³¹ Partia-se do pressuposto de que a sociedade brasileira, devido a um “acelerado processo de industrialização

²⁹ Para os valores detalhados do convênio Ford-Iuperj ao longo dos anos, conferir o Anexo 3.

³⁰ Os demais projetos são os seguintes: “II - Retrospecto e condicionamento das ideologias brasileiras” (US\$ 3 mil); “III - Comportamento sócio-político das legislaturas da Guanabara” (US\$ 7 mil); “IV - Estereótipos da memória social brasileira” (US\$ 10 mil); e, “V - A resistência dos sistemas de clientela à racionalização do aparelho público federal no país” (US\$ 5 mil). Iuperj, “Programa de Pesquisas e Conferências Vinculáveis ao Projeto de Cooperação entre a Fundação Ford e o Grupo Universitário da Sociedade Brasileira de Instrução”, jan.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³¹ A atenção primeira da pesquisa ficaria restrita a “líderes estudantis” e “empresários econômicos”, conforme a justificativa a seguir: “A escolha específica dessas duas elites deve-se a que têm sido elas sistematicamente identificadas como os maiores focos de demanda do desenvolvimento econômico, através da defesa de programas distintos entre si”. Iuperj, “Consenso & Dissenso, DP-1”, jan.1967; p.4; gf, r.5351, FF; RAC.

e urbanização”, experienciava um elevado grau de dissenso. Isso era verdade, argumentava o projeto, desde a queda do Estado Novo (1937-1945). Dessa forma, o consenso e a acomodação política eram impossibilidades na sociedade brasileira, conforme mostrava a história política recente do país:

(...) não foram poucas as tentativas de se resolver o impasse de um jogo ‘virando a mesa’. Em 1964 essa intervenção fez-se presente com uma profundidade até então não experimentada: agravando a baixo grau de institucionalização do sistema político nacional, os conflitos que marcaram os últimos meses do Governo Goulart superaram as possibilidades tradicionais de conciliação³².

Como se vê, algumas das premissas teóricas da pesquisa fazem lembrar aquelas fixadas por Samuel Huntington. Assume-se que a sociedade brasileira vivenciava elevado grau de dissenso, o qual é acompanhado pelo processo acelerado de desenvolvimento, o que dificulta ainda mais o consenso e a conciliação. Note-se que uma divergência sintomática que Huntington traça em relação às teorias de modernização era de que, para ele, a velocidade do processo de desenvolvimento econômico importava; isto é, produzia efeitos sociais determinantes nos sistemas políticos — inviabilizando a lógica modernizante de que a industrialização leva à democracia. Para Huntington, quanto mais rápido o desenvolvimento econômico, maior será a instabilidade do sistema: surgirão na sociedade novas demandas sociais as quais o sistema político, pouco desenvolvido e institucionalizado, não tem capacidade para absorver. Esse descompasso — ou melhor, dissenso — entre expectativas de um grupo social em ascensão e (a falta de) respostas institucionais providenciadas pelo sistema político é que gera tensão social e, portanto, produz risco de rupturas. Huntington coloca da seguinte maneira, em seu livro de 1968:

A instabilidade política na Ásia, África e América Latina decorre precisamente do insucesso em preencher essa condição: a igualdade de participação política está crescendo muito mais rapidamente do que a arte da associação. As mudanças social e econômica — urbanização, aumento

³² Iuperj, “Consenso & Dissenso, Documento Preliminar DP-1: Objetivos”, jan.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

da alfabetização e da educação, industrialização e expansão dos meios de massa — estendem a consciência política, multiplicam as demandas políticas e ampliam a participação política. Essas mudanças minam as fontes tradicionais de autoridade política e as instituições políticas tradicionais; complicam imensamente os problemas de se criar novas bases de associação política e novas instituições políticas que combinem legitimidade e eficiência. As taxas de mobilização social e de expansão da participação política são altas; as taxas de organização política e institucionalização são baixas. O resultado é instabilidade política e desordem. O problema fundamental da política é o atraso no desenvolvimento de instituições políticas em relação às mudanças social e econômica. (Huntington, 1975, p. 17 (1968))

A etapa empírica do projeto seria feita a partir da montagem de uma equipe de pesquisadores para realizar entrevistas com membros representativos dos grupos sociais em questão, por meio da elaboração de *surveys*. Nesse sentido, o projeto tinha como proposta investigar as percepções das elites em relação a: quais deveriam ser as prioridades do processo de desenvolvimento; quais seriam os sacrifícios marginais toleráveis por essas elites diante de políticas de redistribuição de renda; quais eram os planos e aspirações futuras desses grupos; capacidade de descrever como processos de desintegração ou de consenso se manifestaram no interior desses grupos de elite.³³

O roteiro para a realização dos questionários começava com uma carta de apresentação explicando aos entrevistados os objetivos da pesquisa e garantindo discrição e anonimato nas respostas. Seguia-se uma série de perguntas de “história pessoal”, colhendo informações básicas como idade, sexo, estado civil, ocupação, escolaridade, origem familiar, poder aquisitivo, etc. Em seguida, o entrevistador procuraria saber a opinião dos entrevistados a respeito de questões ligadas ao desenvolvimento, de forma ampla. Quais seriam as “atitudes” dos entrevistados frente a temas como: intervenção estatal, nacionalização de empresas, inflação, participação do capital estrangeiro, estabilização e reformas agrária, universitária e administrativa. Por fim, temas mais ligados à política seriam a pauta do questionário, como:

³³ Iuperj, “Programa de Pesquisas e Conferências Vinculáveis...”, jan.1967; p.2; gf, r.5351, FF; RAC.

nacionalismo, experiência de participação política, alienação política, “avaliação de seu próprio papel dentro do sistema político, bem como [o papel] de outras elites”.³⁴

Vale registrar que, com o intuito de sublinhar a importância do projeto “Consenso & Dissenso”, Candido Mendes tratou de mencionar, nas correspondências com os executivos da Fundação Ford durante o processo de negociação que antecedeu a assinatura do convênio, que algumas seções deste projeto de pesquisa teriam sido encomendadas pelo Ministério do Planejamento, por meio do Ipea (Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada), a agência pública especializada em fornecer suporte técnico ao governo federal em áreas de planejamento nacional e política pública. Na verdade, o Iuperj informa que o Ipea já teria se comprometido a financiar pesquisas com aporte de NCr\$ 40 mil (cruzeiros novos), dividido em quatro parcelas iguais ao longo de 1967. Um ano depois, contudo, Candido Mendes informaria, no relatório financeiro anual que o Instituto deveria entregar periodicamente ao escritório da Ford no Rio de Janeiro, que esses contratos governamentais “não se materializaram, por circunstâncias várias, preponderantemente modificações de chefias administrativas daqueles órgãos [Ipea e MEC]”. Na primeira prestação de contas realizada pelo Iuperj, em setembro de 1968, Candido Mendes, o autor presumido do documento, explica que a SBI (Sociedade Brasileira de Instrução), o grupo universitário que controla o Iuperj e as Faculdades Candido Mendes, tem injetado recursos para socorrer o Iuperj, que vinha “enfrentando as óbvias vicissitudes” comuns às instituições acadêmicas da área e “lutando por todos os meios para sobreviver”. Assim, a SBI cobria a ausência do Ipea e, somado ao auxílio da Ford, procurava aumentar o “prestígio e reconhecimento” necessários para que os “órgãos oficiais responsáveis” pela educação no país tomassem a decisão de “passar a prestar-lhe apoio financeiro de que necessita para empreender as relevantes tarefas que se propõe a cumprir.”³⁵

³⁴ Iuperj, “Consenso & Dissenso, Documento Preliminar DP-3: Estrutura do Questionário”, jan.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³⁵ Candido Mendes para William D. Carmichael, “Relatório Financeiro referente ao primeiro

A expertise do Iuperj em providenciar dados científicos para as agências governamentais brasileiras era de importância crucial no marco do convênio celebrado entre o Instituto e a Fundação.³⁶ Os padrões utilizados pelos filantropos para identificar as tais instituições “*modernizers*” incluíam, como já citado anteriormente nas diretrizes que Kalman Silvert redigiria em 1969, a capacidade que o conveniado teria em, a partir das pesquisas em ciências sociais, produzir resultados que fossem “relevantes e significativos para o desenvolvimento social”. Esse elemento foi enfatizado no requerimento oficial que o Iuperj submeteu à Fundação Ford em janeiro de 1967 e que receberia sinal verde meses depois.³⁷ A primeira linha desse documento afirmava o seguinte:

1. O presente projeto se insere dentro do quadro de iniciativas pioneiras visando a sistematizar e estruturar o estudo das ciências sociais no país e a cooperação que possam emprestar ao planejamento nacional³⁸.

Em um documento de apoio também enviado à Fundação Ford, o Iuperj reforçava a ideia de que a eficiência e a qualidade de seus projetos de pesquisa deveriam ser mensuradas em termos da sua utilização para a formulação de políticas públicas. Na seção “Critérios de Performance”,

a.) sua utilização como suporte de uma atividade de planejamento ou de

período (1.9.67 a 31.8.68) de aplicação da doação feita pela Fundação Ford à SBI, para o desenvolvimento de um programa de pesquisas e treinamento em Ciências Sociais, através do Iuperj”, 25.set.1968; pp.6-7; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³⁶ Não era só o Iuperj que possuía essa visada direcionada ao planejamento público. Outro importante centro de ciência política, o primeiro a receber financiamento da Fundação Ford, o DCP-UFMG (Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais) também adotou direcionamento semelhante. “A implicação básica dessa visão é a de dever o DCP orientar-se não apenas para a formação de cientistas políticos que atuem nos campos acadêmicos — ensino e pesquisa básica — como também para a formação de profissionais capazes de atuar em organismos públicos e privados de algum modo articulados com a tomada e implementação de decisões.” (RBEP, 1971, p. 227)

³⁷ Desde os primeiros contatos de Candido Mendes com a Fundação, ainda em 1965, esse elemento sempre foi ressaltado, a *expertise* em produzir pesquisas aplicáveis e comissionadas por órgãos do governo federal. No original, em inglês: “*He [Candido Mendes] emphasized the survey research work that he performed for Goulart’s Minister of Education, and the new survey which he is undertaking for the Branco government.*” Stacey Widdicombe para Reynold E. Carlson, “Dr. Candido A. Mendes de Almeida”, 13.abr.1965; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³⁸ “Linhas Gerais do Projeto de Cooperação...”, 10.fev.1967; p.1; gf, r.5351, FF; RAC.

política governamental setorial, oficialmente realizável em qualquer das suas órbitas (Federal, estadual ou municipal);

b.) pela utilização na programação do setor privado, e no plano da empresa;

c.) pela utilização nas condutas públicas e sociais significativas no país, na manifestação de seu concurso para a racionalização e imposição concreta de motivações ou novas expectativas para a sua ação. (Impacto, por exemplo, na ordenação da atividade institucional dos sindicatos, das universidades, dos partidos políticos ou das associações de classe do país³⁹).

Essa eficiência se manifestava no que, na documentação, aparece em diversos momentos apelidado genericamente de “*Man power studies*”, um conjunto de diferentes pesquisas que vinham sendo desenvolvidas desde 1964. Comissionadas por órgãos públicos, as pesquisas tinham em comum o objetivo de produzir dados e análises sobre as demandas do mercado de trabalho, especialmente para profissionais com formação universitária.⁴⁰ O Iuperj, diz Candido Mendes à época, “já se transformou em órgão auxiliar do planejamento da educação no país”.⁴¹ — e reforça em entrevista de história oral décadas depois: “Nos anos sessenta, o Iuperj funcionou basicamente como instituto de pesquisa. Começamos a trabalhar com pesquisas interessantes ao governo” (Heymann and Alberti, 2002, p. 166). Prova disso seriam as pesquisas já concluídas,⁴² encomendadas por diferentes órgãos do poder público pelo valor total

³⁹ Grifos no original. Iuperj, “Programa de Pesquisas e Conferências Vinculáveis...”, jan.1967; gf, r.5351, FF; RAC.

⁴⁰ Num estágio mais inicial das negociações, inclusive, Candido Mendes sugere à Ford a criação de um “Centro de ‘Man Power Studies’” para expandir essas pesquisas, como parte do convênio com a Fundação. A ideia não é desenvolvida. No original: “O grupo das Faculdades Candido Mendes, no intuito de criar condições para o desenvolvimento das ciências sociais no país não poderia deixar de se orientar pelos mercados laborais da aplicação desses estudos e competências, especialmente naquela dimensão em que as ligassem as atividades de planejamento nacional. Neste particular deu-se conta da importância e do vácuo que ainda apresenta a situação brasileira no pertinente aos estudos de oferta e demanda profissional, inclusive aos níveis mais altos, de aplicação de ‘know how’ representado pelo ensino universitário. Esses trabalhos têm dependido, no momento, de convênios intermitentes com a CAPES e com a Diretoria de Ensino Superior, sofrendo necessariamente das soluções de continuidade que as administrações brasileiras possam apresentar.” Iuperj, “Proposta de Cooperação”, 25.set.1966; pp.5-6; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁴¹ Iuperj, “Programa de Pesquisas e Conferências Vinculáveis...”, jan.1967; p.1; gf, r.5351, FF; RAC.

⁴² Iuperj, “Programa de Pesquisas e Conferências Vinculáveis...”, jan.1967; pp.4-6; gf, r.5351, FF; RAC.

ao que seria equivalente hoje a cerca de R\$ 1,7 milhão.⁴³ As pesquisas comissionadas eram: uma sobre a demanda por profissionais químicos no país (realizada entre outubro de 1964 e julho de 1965, no valor de NCr\$ 50 mil e publicada pelo MEC); uma sobre demanda por engenheiros e perspectivas para expansão de unidades produtivas (em convênio com a Direção de Ensino Superior da Capes, no valor de NCr\$ 36 mil, realizada entre maio de 1965 e agosto de 1966); uma sobre “análise do comportamento familiar na fixação dos inputs sociais”, com o intuito de elaborar um modelo que ajudasse a planejar a alocação de recursos federais destinados à educação (em convênio com a Direção de Planejamento da Capes, no valor de NCr\$ 28 mil, realizada entre novembro de 1964 e março de 1966); e uma quarta com o objetivo de “verificar as correlações entre a mobilidade social dos focos de urbanização metropolitana” e “sua estimativa social”, almejando medir as alterações no “nível e aspirações” das massas urbanas⁴⁴ (“encomendada”, em 1963 pelo MEC, para servir de suporte à implementação dos “programas de educação de base” do ministério, que estimou em NCr\$ 24 mil, mas pagou apenas metade antes de interromper o trabalho, depreende-se, por conta do golpe de 1964).⁴⁵

⁴³ Somando os valores das quatro pesquisas mencionadas chega-se à soma de NCr\$ 126 mil que o Iuperj teria recebido do MEC até 1966 — cerca de R\$ 1,7 milhão, atualizados segundo a correção dada pelo IGP-DI em ferramenta disponibilizada pelo BACEN.

⁴⁴ A redação da síntese dessa proposta de pesquisa, desenvolvida em 1963, traz algumas semelhanças com o projeto “Consenso & Dissenso”, descrito mais acima, o que pode indicar um traço de continuidade entre as duas empreitadas — ou uma tentativa de produzir uma sensação de continuidade, já que o título (“Estereótipos da memória social brasileira”) não se associa de forma tão direta à descrição do projeto de pesquisa.

⁴⁵ Há também indicativos de que pesquisas desse tipo foram feitas para as áreas de enfermagem e serviço social, também em convênio com o MEC. Os contatos de Candido Mendes com o MEC já vinham desde o governo João Goulart (1961-64), mas se mantiveram no gabinete formado por Castello Branco (1964-66), especialmente na figura do ministro Muniz de Aragão (1966-67), que é citado nominalmente por Candido Mendes em entrevista de história oral concedida em novembro de 2000 (Heymann & Alberti, 2002).

Integração das ciências sociais no Rio e além

A narrativa convencional sobre a história da ciência política no Brasil apresenta o surgimento da disciplina como uma função da criação, no final dos anos sessenta, de programas de pós-graduação pioneiros no Rio de Janeiro (Iuperj) e em Belo Horizonte (DCP-UFMG). É uma narrativa que, num primeiro momento, foi marcada pela ruptura: emancipação e autonomia disciplinar distinguindo a nova ciência política, que passa a existir a partir de meados da década de sessenta, do que se fazia antes, que não era ciência e estava mais para “ensaísmo” — seja a produção do Iseb, politicamente comprometida com o nacional-desenvolvimentismo, sejam as análises sociologizantes dos paulistas.¹

Essa narrativa predominante de consolidação do campo é por vezes questionada: por equiparar o desenvolvimento das ciências sociais à construção institucional de centros ligados à estrutura universitária, majoritariamente no sudeste; ou também por sobrevalorizar a ruptura em detrimento dos traços de continuidade existentes entre essa “nova ciência política” e o que se fazia no país desde a década de 1930².

O traço mais distintivo dessa narrativa historiográfica liga a modernização da ciência política a uma geração distinta de jovens intelectuais, quase todos homens cariocas e mineiros (conhecidos como “os pais fundadores” da disciplina), a quem se atribui grande peso por ter conduzido o processo de dar forma e conteúdo à ciência política como se conhece hoje no Brasil. A forma corresponde a criação dos centros de pós-graduação em ciência política, primeiramente em nível de mestrado, depois de doutorado. Já o conteúdo significa, grosso

¹ Conferir, especialmente: (Lamounier, 1982; Forjaz, 1997; Miceli, 2001; Trindade, 2005; Keinert and Silva, 2010; Lessa, 2011; Avritzer, Milani and Braga, 2016; Limongi, Almeida and Freitas, 2016; Lynch, 2016; Mano, 2016; Reis, 2016; Canêdo, 2018; Candido, 2020).

² Ver: (Moreira, 2012; Lynch, 2020)

modo, a capacidade de enxergar os acontecimentos da política como não tributários de processos socioeconômicos; o que se convencionou em chamar de “autonomia do/da política”, fenômeno que só poderia ser observado e estudado a partir de um conjunto de normas e condutas metodológicas baseado em observação científica rigorosa e coleta sistemática de dados, a partir dos quais seria possível extrair generalizações que serviam para explicar — também, mas não apenas — a realidade das instituições políticas brasileiras.

Quanto aos elementos distintivos dessa geração — que, exceção feita a alguns poucos, esteve em algum momento de passagem pelo Iuperj —, atribui-se maior ou menos ênfase a: formação inovadora em Minas Gerais; contato com bibliografia, currículo e processos de pesquisa utilizados pela matriz canônica da disciplina, praticada especialmente nos Estados Unidos; passagem por centros de treinamento onde esse contato foi proporcionado, seja na Flacso (Reis, 2004; Trindade, 2018), seja nos programas de PhD em universidades estrangeiras, por meio de financiamento em grande medida proporcionado pela Fundação Ford.

Essa história disciplinar da ciência política e das ciências sociais em geral está muito colada à construção da história institucional de algumas dessas casas pioneiras, que, por sua vez, está empiricamente apoiada na trajetória, na memória e nos depoimentos de história oral de seus fundadores.

Diagnóstico das ciências sociais brasileiras

Wanderley Guilherme dos Santos preparou um documento para discussão interna no Iuperj em 1966 que se propõe a fazer um diagnóstico das ciências sociais brasileiras. A “moderna” teoria social brasileira — aquela que começa a se constituir, para Wanderley, nos primeiros anos da década de cinquenta — merece, sim, elogios. Sem nomear a bibliografia com

a qual dialoga, o ex-isebiano diz haver boas pesquisas sobre temas tais como a relação entre vida política e movimentos econômicos (ou, de outra forma, as que enxergam a vida política como influenciada por ideologias ou por projeções da psicologia social). Haveria, também, boas hipóteses sobre os mecanismos que operam mudanças políticas (seja por meio da “conciliação”, das “revoluções consentidas” ou das “fissuras operadas na classe política”). Também teriam espaço na elaboração teórica nacional os estudos sobre relações de raça *versus* relações de classe, sobre “populações indígenas autóctones” e sobre “relações interétnicas”. Wanderley faz menção ainda às pesquisas sobre a natureza do Estado brasileiro, “a significação da Revolução de 30”, o processo de industrialização nacional, as fontes do radicalismo político e a relação das lideranças políticas com as massas. Todo esse conjunto de tópicos teria formado o “estoque” — “amplo” e de “boa qualidade” — de “hipóteses sobre os problemas do desenvolvimento”, o que comprova que a comunidade acadêmica brasileira já se “liberto[u] das formas arcaicas de percepção dos processos sociais”.³

O diagnóstico mais acintoso é feito por Robert Packenham, jovem cientista político, então professor assistente da Universidade de Stanford, na Califórnia. Para ele, que passara os anos de 1964 e 1965 no Brasil fazendo pesquisa de campo, no país inexistia ciência política moderna, nos padrões norte-americanos. Mais precisamente, Packenham apontava para a “ausência de uma tradição em ciência política no Brasil”,⁴ o que explicava a dificuldade de indicar trabalhos de análise sistemática sobre política brasileira que fossem feitos por brasileiros. Esse relato faz parte de uma coletânea de artigos, editada em livro pelo ILAS (Institute of Latin American Studies), da Universidade de Columbia, sob o título *Brazil: Field Research Guide in the Social*

³ Wanderley Guilherme dos Santos, Iuperj, “Estratégia para o progresso das ciências sociais no Brasil”, out.1966; p.1; Alex Inkeles papers, box 460, folder title “Trip do Rio de Janeiro (Mendes)”; Hoover Institution Library & Archives.

⁴ Packenham diz que encontrou apenas uma pessoa no país inteiro com doutorado em ciência política. Ele não cita o nome da pessoa, mas menciona que foi treinado em Paris, orientado por Maurice Duverger, e que “ocupava uma alta posição no governo brasileiro”. Outro que merece menção, embora não fosse formalmente da área de ciência política, era Gláucio Ary Dillon Soares, que fizera o doutorado em sociologia na Washington University, em Saint Louis, Missouri (Packenham, 1966, pp. 120–1).

Sciences, para a qual contribuíram alguns jovens pesquisadores que mais tarde virariam brasilianistas conhecidos.⁵

Embora inexistisse ciência política propriamente dita, Packenham identifica quatro matizes de estudos políticos: a formalista-legalista; a jornalística-memorialística; a neo-marxista e uma última mais eclética, macro-sociológica.⁶ Sobre o primeiro tipo, “*formalista-legalista*”, estão localizados os estudos que assumem que a política é tributária de fatores de ordem jurídica e formais, como cartas constitucionais, regimentos parlamentares, códigos civis e criminais. Praticada especialmente por catedráticos da área de teoria geral do direito, esta abordagem seria a dominante no país e ainda muito influente nas universidades brasileiras, embora nada satisfatória para explicar ou descrever a política brasileira, segundo Packenham. No segundo tipo de estudos políticos, o “*jornalístico-memorialístico*”, o cientista político norte-americano consegue encontrar fontes de qualidade para entender o país, mencionando os nomes de Alberto Dines, Fernando Pedreira e Antonio Callado. O terceiro tipo, “*neo-marxista*”, é o mais problemático para Packenham, especialmente os que realizam análise que mais se aproximam de uma história econômica, como Caio Prado Júnior. São trabalhos por demais ensaísticos, com pouco rigor no trato de dados estatísticos ou fontes documentais e “sempre informados por um rígido e estridente determinismo econômico”.

Alguns argumentam que esse tipo de trabalho pode ser útil a cientistas políticos; mas eu não consigo enxergar de que forma. Os poucos fatos encontrados nesses trabalhos estão tão entrelaçados de ideologia e

⁵ O livro foi organizado pelo historiador Robert Levine (1966) e contou artigos de: Shepard Forman (antropologia); Werner Baer (economia); Charles Daugherty (relações internacionais); Paul I. Mandell (geografia); John D. Wirth, Joseph Love e Ralph della Cava (história); Riordan Roett e Robert Packenham (ciência política); Peter Bell (administração pública). Eram jovens em início de carreira, fluentes em português e que haviam feito pesquisa de campo no Brasil, muito deles financiados pelos chamados *foreign area programs*. Os textos são um misto de balanço do campo e dicas de pesquisa para futuros pesquisadores, interessados em Brasil.

⁶ No original, em inglês: “*Thus the overwhelming majority of serious political writings in Brazil may be gathered together under the loose headings legal-formal, journalistic and/or biographical, neomarxist, and ‘grand sociological,’ the name we shall give to the fourth group of eclectics.*” (Packenham, 1966, pp. 123).

polêmicas que acabam por anular sua utilidade para um acadêmico sério.⁷

Para Packenham, havia, porém, outras variedades (mais “antropológica e sociológica”) de trabalhos de tipo “neo-marxistas” que poderiam, sim, ser mais bem aproveitados, como os de Florestan Fernandes e seus pupilos Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni. Especialmente estes dois últimos, em cujos trabalhos seria possível identificar uma concepção de classe na interpretação da política, embora os “dados” contidos na pesquisa pudessem ser extraídos e utilizados por cientistas políticos com diferentes premissas.

O quarto e último tipo de “estudos políticos” elencado por Packenham, “*macro-sociológico*”, é mais eclético, por combinar elementos de história, economia, antropologia, sociologia e filosofia, em proporções diversas. “Algumas das melhores (e também das piores) interpretações em português sobre o sistema político brasileiro”, diz Packenham, são oriundas dessa vertente, resistente a classificações disciplinares. Ele menciona Oliveira Vianna e Vitor Nunes Leal como bons exemplos, embora datados no tempo. Os maiores expoentes contemporâneos seriam três isebianos — Candido Mendes de Almeida, Guerreiro Ramos e Helio Jaguaribe —, que, embora muito diferentes entre si, se aproximam “por seu ecletismo, suas qualidades não-dogmáticas e amplos interesses e *insights*”.⁸ Sobre trabalhos empíricos dignos de menção, Robert Packenham cita Gláucio Ary Dillon Soares, pioneiro na realização

⁷ No original, em inglês: “*The form is essentially essayist, devoid of rigorous statistical material or often of documentation of any kind, and always informed by a strident and rigid economic determinism. Some argue that such writings can be useful to political scientists; I fail to see how. The few facts to be found in such works are so intertwined with ideology and polemic as to all but negate their utility for the serious political scholar.*” (Packenham, 1966, pp. 122)

⁸ No original, em inglês: “*They differ widely in their points of view and style, but they are similar in their eclecticism, undogmatic qualities and wide-ranging interests and insights. (...) Candido Mendes' most important work is Nacionalismo e desenvolvimento (1963). Unfortunately (for our purposes) he tends to theorize about all developing systems and has not applied very much of his work specifically to Brazil. Guerreiro Ramos, the more empirical of the three, has written many books about various Brazilian problems; for the North American probably the best introduction is A crise do poder no Brasil (1961). Helio Jaguaribe is best at systematizing, categorizing, typologizing; the constant stream of categories and abstract concepts is is wearisome but be wearing. See his Nacionalismo na atualidade brasileira (1958), and Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político (1962).*” (Packenham, 1996: p. 123)

de *surveys* no país,⁹ e os estudos sobre eleições realizados por Orlando de Carvalho na mineira *Revista Brasileira de Estudos Políticos (RBEP)*.

Nesse mesmo livro, o artigo de Peter Bell, que na época era *assistant representative* no escritório da Fundação Ford no Rio de Janeiro, vai pelo mesmo caminho ao dizer que “quase não existe” ciência política no Brasil, “pelo menos no sentido moderno e behaviorista que é usado nos EUA hoje”. Haveria, para Bell, uma nova geração de jovens interessados na moderna ciência política, mas a hegemonia no campo de estudos políticos ainda estaria nas mãos dos juristas das cadeiras de teoria geral do direito, de um lado, e, do outro, na tendência a análises sociológicas das ciências sociais. Bell (1966, pp. 155–6) descreve de modo mais pilhérico o estado de arte dos estudos políticos no país:

Tradicionalmente, os estudos políticos brasileiros consistem em teorias ou ideias projetadas das mentes de seus autores na forma de: metafísicas, histórias entrecortadas de citações literárias, exegeses de leis e constituições e jornalismo. Excursões especulativas ainda detêm mais prestígio na tradição acadêmica brasileira do que investigações empíricas.¹⁰

Pouco mais de um ano depois da publicação do livro *Brazil: Field Research Guide in the Social Sciences*, o mesmo Peter Bell produziria nova avaliação sobre o estado das ciências sociais brasileiras. Dessa vez para a Fundação Ford, Bell redige um *background report* que serve de suporte às instâncias da Fundação em Nova York, fazendo um resumo do conteúdo da

⁹ No original, em inglês: “His hypotheses are explicit and unambiguous; his methodology for testing the hypotheses is sound; and he successfully integrates his middle-range hypotheses into the broader framework of general theory. One very important contribution he makes is to show that concepts derived from social science research in other countries do have relevance in Brazil, notwithstanding the so-called ‘realidade brasileira’. Specifically, he offers impressive empirical support for this theory of ‘the politics of uneven social development.’ The general proposition is that ‘economic development being constant, the higher the social development, the lower the political radicalism’.” (Packenham, 1996: p. 124)

¹⁰ No original, em inglês: “Political science — at least in the modern behavioral sense the term is used in the United States today — scarcely exists in Brazil. Brazilian political studies traditionally consist of theories or ideas spun out of the minds of their authors like metaphysics, histories woven together with literary citations, exegeses on constitutions and laws, and journalism. Speculative excursions are still accorded more prestige by Brazilian academic tradition than empirical investigations.” (Bell, 1966, pp. 155–6)

solicitação de auxílio enviada pelo Iuperj à Ford, ao mesmo tempo em que sintetiza e contextualiza o cenário das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro — então, o estado da Guanabara. Para Bell, a comunidade acadêmica carioca era dispersa, pouco integrada e pouco numerosa; ou seja, composta por “bolsões” (“*pockets*”) isolados de boa e moderna ciência política.¹¹

Agora, neste documento, Bell atribui nome e filiação aos tais jovens que se interessavam pela ciência social moderna, mas que ainda eram inexperientes e sem publicações no currículo.¹² Os “bolsões” identificados por Bell incluíam professores em várias instituições: Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), Instituto de Ciências Sociais e Museu Nacional, todos ligados à UFRJ; Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) e Instituto de Ciência Política (ICP, ex-IDPCP), ligados à FGV; e Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), da Unesco.¹³ Os jovens pesquisadores e pesquisadoras que constituíam esses bolsões se engajavam de forma “precária”, “ad hoc” e “sem orientação” dos catedráticos mais sêniores das suas instituições. Alguns dos centros citados tinham desenvolvido programas interessantes, apesar de mais voltados para o ensino, de acordo com Peter Bell. Era o caso do padre Fernando Bastos de Ávila e o curso de graduação em sociologia da PUC-Rio; de Roberto Cardoso de Oliveira e o projeto do departamento de antropologia no Museu Nacional; e de Manuel Diegues Jr. no CLAPCS. Em termos de projetos de pesquisa, Bell menciona: Luciano Martins e Nilda Martínez Pita, que desenvolviam uma pesquisa sobre elites empresariais e fuga de cérebros; uma pesquisa sobre as experiências de socialização dos membros da Alerj, levada a cabo também por Nilda Martínez Pita, mas no ICP (instituto

¹¹ Peter Bell, “Brazilian Society for Instruction: Social Science Research and Training (L66-566)”, Inter-Office Memorandum, 2.mai.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

¹² No original, em inglês: “*In recent years there has developed a growing but still spotty interest in modern political science; however, the new interest is mostly among young people who are still largely unpublished.*” (Bell, 1966: p. 156)

¹³ Peter Bell para Stacey Widdicombe, 2.mai.1967; p.2; gf, r.5351, FF; RAC.

descrito como “um tributo vazio” a Temístocles Cavalcanti, professor de teoria geral do direito, e palco de um embate na FGV entre esta vertente e a tentativa de “modernizar a ciência política” na FGV,¹⁴ por meio de Ana Maria Brasileiro e Paulo Roberto Motta.

Integrar os ‘bolsões’ de ciências sociais no Rio

A descrição do cenário acadêmico das ciências sociais na Guanabara era importante para as negociações que antecederam a celebração do convênio Ford-Iuperj justamente pelo fato de que a Fundação enxergava no Instituto uma possibilidade de estimular maiores e mais próximas conexões entre esses “bolsões” de ciência social moderna. Integrar os cientistas sociais era um elemento caro à Fundação Ford — e não só no Guanabara, mas também nos demais países em desenvolvimento.¹⁵ É parte do convênio Ford-Iuperj, portanto, criar “um foco de integração” para as ciências sociais na Guanabara, um “ponto de encontro” para unificar as diversas iniciativas isoladas na área e na região.¹⁶ Seria preciso acessar as documentações dos demais

¹⁴ Sobre esse embate dentro do IDPCP, que passaria a se chamar Indipo, diz Gláucio Ary Dillon Soares: “Comecei a trabalhar na Fundação Getúlio Vargas [em 1960 ou 1961], no Instituto de Direito Público e Ciência Política, com Temístocles Cavalcanti (...). Na Fundação, fiquei tentando organizar a *Revista de Direito Público e Ciência Política*. Achei que podia fazer uma revista moderna, mas Temístocles não quis deixá-la sob minha responsabilidade” (Gomes and D’Araújo, 2008, pp. 329–30). Sobre o IDPCP/Indipo, ver também: (Cattai, 2018, 2021).

¹⁵ Ver, por exemplo, o que estavam discutindo os funcionários da Ford na Índia em 1969, em relatório levado para discussão da International Division da Fundação (no original, em inglês): “*Where research competence is identified it is all too frequently isolated, bereft of proper communication with or knowledge about significant research efforts taking place in other parts of India within a particular discipline, let alone related research fields. Wherever possible, therefore, the Foundation must attempt to assist in building bridges or linkages between institutions. As an examination of many or most development problems of India would cut across academic disciplinary lines the attempt to build bridges should not however, be restricted to linkages within a particular discipline but should attempt to bring together research conglomerates which might effectively combine in analyzing certain developmental problems, issues and concepts.*” Douglas Ensminger, “A background paper on changing Problems of Development”, para *staff members*, 29.nov.1969; p.7; #018041, catalogued reports, Ford Foundation records, Rockefeller Archive Center.

¹⁶ “Linhas Gerais do Projeto de Cooperação Entre a Fundação Ford e o Grupo Universitário da Sociedade Brasileira de Instrução”, 10.fev.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation

convênios filantrópicos (com FGV, DCP-UFMG, PUC-Rio e Museu Nacional, por exemplo) para conferir se também esses convênios apresentaram o mesmo caráter. No entanto, no caso do Iuperj, tanto a Fundação, quanto seu principal interlocutor, Candido Mendes, projetavam como um dos objetivos a médio e longo prazo transformar o Instituto em uma espécie de centro aglutinador das ciências sociais no Rio de Janeiro, fomentando o diálogo entre profissionais das instituições vizinhas e, conseqüentemente, ajudando a consolidar as ciências sociais no país. Esse maior diálogo estimularia a troca de experiências entre os centros considerados pioneiros das humanidades, fomentaria o compartilhamento de projetos e caminhos de pesquisa e, assim, evitaria a repetição de estudos semelhantes sobre tópicos parecidos.

A modernização das ciências sociais no Brasil, dessa forma, passava necessariamente por uma maior articulação entre cientistas sociais e centros de estudo e pesquisa no país. Não é por acaso que parte das primeiras iniciativas e eventos que permitiriam o surgimento, na década seguinte, da Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) tenha sido viabilizada com recursos humanos e financeiros do convênio Ford-Iuperj. Candido Mendes sabia bem que esse ponto era um elemento importante para a Fundação Ford — o chefe do escritório no Rio de Janeiro havia falado sobre isso expressamente.¹⁷ Nessa conversa, Widdicombe aproveitou para contar a Candido sobre as iniciativas da Fundação na área da economia, especialmente sobre o patrocínio feito para a realização de um encontro de economistas brasileiros em Itaipava, região serrana do Rio, em 1966, que depois viria a ser reconhecido como o ponto de partida para a criação da Anpec (Associação Nacional de Centros de Pós-Graduação em Economia), em 1973 (Fernandez & Suprinyak, 2017, p. 317; 2018).

records; Rockefeller Archive Center.

¹⁷ No original, em inglês: “*We spent considerable time discussing the appropriate means to foster greater cooperation among Brazilian social scientists which, I indicated to him, was our second major concern.*” E a preocupação nº1 era: “*maintaining a dialogue between Brazilian social scientists and foreign social scientists*”. Stacey Widdicombe para Peter D. Bell, “Faculdade Candido Mendes, Social Science Project”, 11.nov.1966; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

Widdicombe ainda sugeriu que Candido “sem dúvidas iria querer” discutir com Peter Bell “a possibilidade de [organizar] uma série de encontros entre cientistas sociais brasileiros para discutir as prioridades e as questões relacionadas à docência e à pesquisa” na área.¹⁸ Pouco depois, Candido Mendes responde a Widdicombe e diz que “obedecendo à meta fundamental” exposta em conversas anteriores, o projeto de cooperação com a Ford “procurará mobilizar as várias áreas de interesse neste campo atualmente ativas na Guanabara”.¹⁹ Em seguida, passa a listar os contatos que fez com os representantes dos outros “bolsões” de ciência social na Guanabara: padre Fernando Bastos Ávila (PUC-Rio), Evaristo de Moraes e Nilda Martínez Pita (UFRJ), Manuel Diegues Jr. (CLAPCS) e Roberto Cardoso de Oliveira (Museu Nacional), este último “de modo a integrar a última força que poderia se encontrar ainda à margem da convocação dos cientistas sociais da Guanabara”.²⁰ O contato com esses intelectuais, frisa Candido, seria apenas para externar aos colegas o plano do Iuperj para a integração institucional, e não excluiria outras iniciativas da Fundação Ford na região, podendo o convênio Ford-Iuperj “perfeitamente concorrer com outros auxílios paralelos, concordantes, ou isolados” que a Fundação decidisse prestar aos demais centros do Rio de Janeiro.²¹

Alguns meses depois, Candido Mendes entregaria um documento apresentando as “Linhas Gerais”, uma versão quase final da solicitação de convênio à Fundação, elencando

¹⁸ No original, em inglês: “*I suggested that he will no doubt wish to discuss with you the possibility of a series of meetings of Brazilian social scientists to discuss the priorities and issues in both research and teaching in social sciences in Brazil (based on previously prepared background papers).*” Stacey Widdicombe para Peter D. Bell, “Faculdade Candido Mendes, Soc.Sci. Project”, 11.nov.1966; gf, r.5351, FF; RAC.

¹⁹ Candido Mendes para Stacey Widdicombe, 2.jan.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center. Além de Widdicombe, Candido também comunica sua intenção diretamente a Peter Bell: “Acredito que a participação de outros elementos ou forças das Ciências Sociais, na Guanabara, já se situa no plano e assegurará, tenho a certeza, bastante homogeneidade à sua realização.” Candido Mendes para Peter Bell, 3.jan.1967; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

²⁰ Candido Mendes para Stacey Widdicombe, 2.jan.1967; gf, r.5351, FF; RAC.

²¹ Candido Mendes para Stacey Widdicombe, 2.jan.1967; gf, r.5351, FF; RAC. Além do convênio com a FGV, que datava de anos antes, a Fundação Ford firmou com o Museu Nacional uma parceria tão longa quanto com o Iuperj (Forjaz, 1997).

algumas ações concretas na direção dessa integração regional:²²

Apoio logístico à realização, dentro do maior espírito informal, de uma primeira reunião dos cientistas sociais, no Rio de Janeiro, para debate dos problemas metodológicos e da agenda de prioridades no estado das nossas ciências sociais. Esta reunião, que poderia se realizar eventualmente, já, e em meados do segundo semestre de 67, contaria, inclusive, com a presença dos consultores americanos e com a participação, na assistência, de todos os estudantes de sociologia, ciência política e, eventualmente, economia, da Guanabara. A ideia básica seria uma apresentação conjunta dos problemas metodológicos de mensuração e análise do fato social à luz da realidade brasileira, de modo a se fixar uma plataforma rígida de exigências de rigor científico e de níveis de aceitação desses trabalhos, a partir da qual se possa ter, efetivamente, uma primeira base consensual, quanto às linhas de progresso do estudo das ciências sociais no Brasil.²³

Essa reunião, cujo objetivo era “a organização de um Conselho Brasileiro de Ciências Sociais”,²⁴ acabou por não ser realizada em 1967 e só aconteceria em 1974.²⁵ Passado o primeiro trimestre de vigência do convênio com a Fundação Ford, Candido Mendes elaborou um documento para sistematizar os objetivos que o Instituto pretendia alcançar com o auxílio da fundação filantrópica. Para remediar o que havia sido prometido e não cumprido (tendo sido alocados US\$ 10 mil no convênio para o encontro de cientistas sociais da Guanabara), Candido Mendes passou a detalhar que tipos de contatos e atividades foram feitas pelo Instituto com os demais centros de ciências sociais do Rio de Janeiro.²⁶ Com a PUC-Rio, havia uma

²² Na proposta orçamentária aprovada em agosto de 1967 pela Fundação Ford, este item (“5. Apoio logístico ao planejamento e à 1ª Reunião para organização de um Conselho Brasileiro de Ciências Sociais”, que, depois, na tradução, seria sintetizado como “*Meetings and conferences*”) foi alocado com US\$ 10 mil, ou 7,3% dos US\$ 137 mil concedidos no primeiro biênio do convênio Ford-Iuperj. “Linhas Gerais do Projeto de Cooperação...”, 10.fev.1967; p.6; gf, r.5351, FF; RAC. David E. Bell para McGeorge Bundy, “Request for Grant Action [BSI, \$ 137,000]”, 19.jul.1967; p.4; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

²³ “Linhas Gerais do Projeto de Cooperação...”, 10.fev.1967; p.5; gf, r.5351, FF; RAC.

²⁴ Candido Mendes para William D. Carmichael, “Relatório Financeiro referente ao primeiro período (1.9.67 a 31.8.68) de aplicação da doação feita pela Fundação Ford à SBI, para o desenvolvimento de um programa de pesquisas e treinamento em Ciências Sociais, através do Iuperj”, 25.set.1968; p.6; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

²⁵ Na documentação do convênio Ford-Iuperj, o registro da primeira reunião de cientistas sociais, a nível nacional, aparece no ano de 1974. Em depoimentos orais, há registro de uma reunião anterior, em 1973, em Fortaleza (Machado, 1993, pp. 103–4).

²⁶ Candido Mendes, “Linhas Fundamentais e Estratégia do Projeto Ford-Iuperj”, dez.1967; pp.2-5 (seção intitulada “Criação de um esquema funcional para a cooperação das entidades em ciências sociais na Guanabara”); grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive

colaboração contínua empregando no Iuperj egressos da Escola de Sociologia e Política (mais de dois terços dos pesquisadores do Iuperj, diz Candido Mendes, eram formados na Escola da PUC-Rio). Com o CLAPCS, havia o trabalho conjunto de desenvolver uma biblioteca de ciências sociais, além do centro de documentação (*data center*), que poderia, ainda, somar os esforços com a FGV, instituição com a qual o Iuperj também tinha uma parceria de compartilhamento de créditos com o curso de administração pública.²⁷ Com a FNFi e o ICS da UFRJ, Candido relata ter mantido conversas visando “o equacionamento dos focos de investigação da pesquisa sobre o consenso”, para, assim, evitar repetições desnecessárias em projetos de pesquisas com tópicos semelhantes.²⁸ Menção nominal é feita ao antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, “cujas colaboração é essencial”, e que no ano seguinte seria um dos responsáveis por criar o mestrado em antropologia social no Museu Nacional, em convênio com a Fundação Ford.²⁹ Ainda sobre integração, mas agora com centros latino-americanos, fora do Brasil, Candido Mendes afirma que a contratação do argentino Carlos Hasenbalg seria uma forma de estreitar laços com a Flacso, em Santiago do Chile. Além do argentino, o Iuperj estaria analisando trazer o brasileiro Pedro Castro, também ex-Flacso.

Os escolhidos da Ford: coesos e conectados

Fomentar a integração entre os diversos centros que praticavam ciência social moderna era um desdobramento da opção pela abordagem com foco em formação de elites, comentada

Center.

²⁷ Peter Bell para William D. Carmichael, “BSI, Social Science Research and Training [Background Report]”, Inter-Office Memorandum, cópia para Frank Bonilla, 23.jan.1969; p.6; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

²⁸ Candido Mendes, “Linhas Fundamentais e Estratégia...”, dez.1967; p.5; gf, r.5490, FF; RAC.

²⁹ Candido Mendes, “Linhas Fundamentais e Estratégia...”, dez.1967; p.5; gf, r.5490, FF; RAC.

anteriormente. Paralelamente a essa estratégia de intervenção, havia a convicção nos escalões do OLAC de que era preciso fazer os escolhidos da Ford conversarem entre si. Para assegurar um “efeito multiplicador”, Kalman Silvert sugeriu que a Fundação perseguisse “de forma concomitante” tentativas no sentido de fomentar a criação de uma verdadeira comunidade de acadêmicos, tanto nos níveis nacionais, quanto em níveis regionais mais amplos. “As disciplinas das ciências sociais precisam de integração e conexão entre elas”, escreveu Silvert.³⁰ Conselhos interinstitucionais, entidades profissionais, sociedades acadêmicas disciplinares, grupos de editores de periódicos seriam os fóruns que ajudariam a criar uma comunidade acadêmica, que mantivesse contato e discussões regulares. Esses dispositivos, pontuou Silvert, “ajudariam os mais fortes a auxiliar os mais fracos” e, portanto, reduziriam gradualmente esse “desenvolvimento assimétrico” acentuado pela estratégia de apostar em um grupo seleto de instituições.³¹ Silvert chegou a projetar que para anos futuros a Fundação Ford passasse a apoiar entidades profissionais disciplinares, “uma vez que os acadêmicos e suas instituições atinjam níveis aceitáveis de competência”.³²

Em certo trecho de seu documento, preparado em janeiro de 1969, Kalman Silvert lista a seus interlocutores, funcionários da Fundação ou cientistas sociais que atuavam como consultores externos, algumas diretrizes para auxiliar a escolha das instituições mais adequadas

³⁰ No original, em inglês: “*The asymmetrical development this policy will promote also strongly suggests that we should support concomitant attempts to create a community of scholars within and among the Latin American countries. The social science disciplines need integrating and linking among themselves.*” Kalman Silvert, “Draft Statement of Policy Guidelines for Social Sciences in Latin America”, Inter-Office Memorandum para country representatives e social science program advisors, cópia para NY OLAC, 27.jan.1969; p.5; #008774, catalogued reports, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³¹ Conforme a nota anterior, no original, “*asymmetrical development*”, e, para esta citação, “*these devices should help the stronger assist the weaker*”. Kalman Silvert, “Draft Statement of Policy Guidelines...”, 27.jan.1969; pp.5-6; cr, FF; RAC.

³² Após a criação da Anpocs, em 1977, a Fundação Ford auxiliou a associação com convênio que se estendeu de 1978 a 1989. No original, em inglês: “*Professional societies and their publications may well become an important area of Foundation endeavor once scholars and institutions reach acceptable levels of competence and concern with this problem.*” Kalman Silvert, “Draft Statement of Policy Guidelines...”, 27.jan.1969; pp.5-6; cr, FF; RAC.

a esse projeto, cujos eixos centrais eram a abordagem *elite-centered* e *integrada*. Deveriam ser evitadas solicitações de auxílio filantrópico de instituições que parecessem muito novas, de pequena escala, isoladas, alheias ou desconectadas do ambiente intelectual do país. Centros que fossem excessivamente especializados também não deveriam ser recipientes de bolsas. Mas, ao mesmo tempo, era um dever da Fundação “mitigar a dispersão” (“*scatteration*”) dentro dos departamentos de ciências sociais.

Por “dispersão”, aqui, compreende-se que Silvert (e outros funcionários da Ford que também utilizam esse termo) está se referindo ao fenômeno da profusão de diferentes subcampos paralelos ao *mainstream* da disciplina acadêmica. De uma forma geral, a Fundação Ford enxergava que centros mais homogêneos, mais coesos, tinham melhores chances de sucesso a longo prazo. Esses centros, por exemplo, teriam projetos de pesquisa maiores, envolvendo diferentes profissionais da casa; em vez de pequenos projetos de pesquisa, cada qual em uma linha ou subcampo diferente, desenvolvidos por profissionais diversos, que não dialogassem entre si. Uma ilustração dessa característica de coesão no corpo de pesquisas do Instituto pode ser conferida em um dos primeiros balanços sobre a produção do Iuperj, de autoria de Elisa Reis (1993: 118). A cientista política relembra que, nos anos iniciais após a criação do mestrado do Iuperj, em 1969, os temas das primeiras teses defendidas no Instituto “se vinculavam, em larga medida, aos projetos de pesquisa mais amplos em andamento na instituição”. A partir de meados da década de 1970, quando o auxílio da Fundação Ford diminuiu e o orçamento do Instituto ficou menos dependente da Fundação, Elisa Reis mostra (1993: 126-7) que ocorre uma “mudança de ênfase” no perfil das pesquisas perseguidas por membros do Iuperj — e pondera prós e contras dessa inflexão.

O redimensionamento da pesquisa se deu também em outro sentido: mais e mais os macroprojetos de investigação, envolvendo equipes numerosas e, muitas vezes, orientados para propósitos comparativos, cederam lugar aos projetos artesanais, de pequeno porte. Antes a incerteza ou simples inexistência de recursos para projetos de pesquisa de maior porte, a pesquisa no Iuperj assumiu um caráter muito mais ‘autoral’, mais

‘artesanal’, ou mesmo mais ensaístico. (...) Como é natural, essa mudança de ênfase no perfil das pesquisas produzidas pelo Iuperj apresenta custos e benefícios. (Reis, 1993, pp. 126–7)

O risco de “*scatteration*” era uma das poucas críticas feitas à empreitada de Candido Mendes no Iuperj antes ainda de se completar os dois anos iniciais do convênio. Peter Bell parece ser o funcionário que mais chamava a atenção para esse ponto, muitas vezes batendo de frente com Alex Inkeles, cujos relatórios de avaliação possuíam um tom mais elogioso.³³

No final desse ano de 1968, quando o Iuperj preparava seu programa de mestrado, essa questão da dispersão acadêmica foi abordada pelo Instituto. Contrário à ideia de reduzir o foco a uma única área específica, que era a intenção da Ford, o Instituto sugeriu o estabelecimento no seu futuro programa de mestrado de quatro linhas teóricas (metodologia; teoria; instituições e comportamento político; e política comparada e relações internacionais). A resposta ao risco da dispersão acadêmica (ou, no seu rótulo coloquial, das “igrejinhas”, como o documento menciona, seria a “institucionalização” dessas quatro áreas.³⁴

Nesse documento, cujo autor mais provável é Bolívar Lamounier,³⁵ o Iuperj externou resistência diante de duas ideias que a Fundação Ford gostaria de ver implementadas no futuro

³³ Sobre esse embate de Inkeles com Bell a respeito da (falta de) coesão do Iuperj, ver, no original, em inglês (ênfase adicionada): “*As you will note, I make some rather strong recommendations. Even so, I tempered my argument in this document for Peter Bell, since I had already pressed him in conversation, and did not wish to seem to insist beyond reason. Traditional, sound departments of political science are fine, but they are also remarkably vulnerable to decimation.*” Alex Inkeles para Harry E. Wilhelm, 3.jan.1968; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

³⁴ Iuperj, “Further Comments on the Master’s Program”, dez.1968; pp.2-3; grant files, PA67-492, reel 5486, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center. Conforme observaram argutamente Chaves & Cattai (2019, pp. 203–4), o emprego do termo “institucionalização” remete a uma analogia com o mesmo termo empregado por Huntington ao descrever o que seria uma sociedade moderna e madura: “condição alcançada quando ela se torna capaz de reformar-se a si mesma, modificando a composição do seu sistema político de maneira a fazer as mudanças serem sempre uma contribuição à estabilidade e à segurança de seus princípios de existência mais profundos”.

³⁵ Sobre a autoria presumida do texto, há uma referência a um memorando assinado por Lamounier e cujo objetivo era (no original, em inglês, com grifo nosso): “*commenting further on the Master’s program*”. Peter D. Bell para Harry E. Wilhelm, “BSI, Social Science Research and Training [Recommend Approval]”, Inter-Office Memorandum, cópia para Frank Bonilla e William D. Carmichael, 24.mar.1969; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

programa de mestrado da casa. Uma delas era a cobrança da Fundação para que o Instituto evitasse a dispersão acadêmica (“*scatteration*”) e implementasse um programa com forte coesão teórica, focado em uma só área da ciência política. A outra, diz respeito à ideia de estabelecer um “consórcio” multi-institucional com a colaboração de professores de diferentes instituições.

Reunião de esforços e colaboração interinstitucional no Rio

A partir de de 1968 e 1969, houve diversas iniciativas pontuais de integração multi-institucional, predominantemente fora do circuito das universidades públicas e compreendendo os centros parceiros da Fundação Ford no Rio de Janeiro: Iuperj, Museu Nacional, FGV e suas diferentes escolas e centros (Indipo/ICP, EBAP), PUC-Rio e CLAPCS.³⁶ Uma moderna e nova regulamentação da pós-graduação brasileira havia sido aprovada pelo Congresso Nacional em 1965. E as instituições de pesquisa e ensino estavam em plena expansão, projetando a criação de seus programas de pós-graduação.

As tratativas sobre a criação de programas de pós-graduação nas ciências sociais, não apenas no Rio de Janeiro, mas em outros centros do Brasil e de outros países latino-americanos, estavam na pauta de discussões dos funcionários responsáveis pelo Social Science Program da Fundação. Kalman Silvert comenta planos nesse sentido no Chile, na Argentina (com o Instituto Di Tella), no Colégio de México e no Brasil, onde a Fundação já tinha notícia de “uma proposta informal” para fazer algo parecido no Rio de Janeiro, referindo-se ao mestrado em ciência política e sociologia do Iuperj, que seria lançado em seguida.³⁷ Todas essas quatro

³⁶ Ressalva feita ao Museu Nacional, única dessas instituições que era formalmente ligada à estrutura universitária. No caso, a UFRJ.

³⁷ No original, em inglês, “*an informal proposal has come from Brazil to do the same in Rio de*

iniciativas, aliás, eram atrativas para a Fundação e, portanto, como assinalou Silvert, deveriam receber auxílio financeiro. Esse “algo parecido” dizia respeito a uma tentativa de conectar alguns centros modernos por meio de uma espécie de “consórcio” interinstitucional. Essas instituições deveriam estar dispostas a oferecer ferramentas tecnológicas e pedagógicas que pudessem ser aproveitadas por frequentadores (alunos e professores) de outras instituições. Por exemplo: *data centers* que colecionassem bases de dados agregados, arquivos documentais, equipamentos e computadores, bibliotecas bem equipadas. Além disso, também incluíam programas curriculares que oferecessem disciplinas, cursos, conferências e seminários em um esquema compartilhado por diferentes instituições, permitindo o aproveitamento de créditos e o emprego da mão de obra discente em projetos de pesquisa (essencialmente *surveys*).³⁸

Nesse sentido, um exemplo de iniciativa colaborativa, recuperada por Marcia Rangel Candido (2020, pp. 346–7), foi o curso coordenado por Fanny Tabak, da FGV, intitulado “Métodos e técnicas de pesquisa em ciências sociais” e oferecido pelo IDPCP inicialmente em 1967. Nas edições seguintes do curso, o IDPCP contou com parcerias com o próprio Iuperj, com a PUC-Rio e com o CLAPCS. Houve colaboração interinstitucional mediante o envolvimento de professores das quatro casas, compartilhamento dos serviços disponíveis em cada instituição, como o uso do Rio DataCentro e da Biblioteca Central, da PUC-Rio, e a consulta “às excelentes bibliotecas” do Iuperj e do CLAPCS (Tabak, 1971, p. 164). Fomentar um ambiente no Rio de Janeiro onde os centros das ciências sociais pudessem realizar constantes intercâmbios e aproveitamento conjunto da infraestrutura de cada uma dessas instituições era um elemento muito caro à Fundação Ford no planejamento da política de intervenção para as ciências sociais nos diferentes países da América Latina. Projetos conjuntos no sentido de construir colaboração, seja na parte mais acadêmica (organização de seminários,

Janeiro”. Kalman Silvert, “Draft Statement of Policy Guidelines...”, 27.jan.1969; p.7; cr, FF; RAC.

³⁸ Kalman Silvert, “Draft Statement of Policy Guidelines...”, 27.jan.1969; pp.7-9; cr, FF; RAC.

eventos diversos, aproveitamento de disciplinas), seja nos setores mais técnicos (bibliotecas, compra de livros estrangeiros, assinatura e acesso a periódicos, uso de ferramentas tecnológicas, computadores, acervos), eram constantemente encorajados pelos membros da Fundação.³⁹

Outra rede de colaboração institucional significativa no período foi a do Iuperj com o Museu Nacional. Ambas as instituições, no ano de 1968, estavam preparando o lançamento de seus mestrados. Nesse sentido, manifestaram “interesse comum” em cultivar algumas parcerias institucionais que pudessem ser aproveitadas pelos discentes da pós-graduação. Algumas ideias foram aventadas nesse contexto, como o oferecimento conjunto de disciplinas que abordassem “sistemas políticos primitivos” e a preocupação que ambos os programas tinham em promover cursos sobre modelos matemáticos e métodos quantitativos, dado o “crescente interesse” sobre o tema entre antropólogos e cientistas políticos.⁴⁰ Uma terceira possibilidade, caso os programas de mestrado fossem seguir o modelo norte-americano de áreas de concentração diversas, nas quais os discentes pudessem optar por uma formação mais ou menos especializada em determinada área (“*majors*” e “*minors*”), o Iuperj e o Museu Nacional funcionariam em um sistema quase que interinstitucional, compartilhando créditos que pudessem ser aproveitados

³⁹ A título de exemplo, conferir o comentário de Kalman Silvert, anos depois, diante de um pedido do Iuperj de remanejamento do orçamento do convênio. O pedido de alteração havia sido feito por conta de uma economia de custos (cerca de US\$ 11 mil) por parte do Instituto após cooperação com centro vizinho. “*These changes are made possible by IUPERJ’s employment of newly purchased equipment at PUC; in effect, they strengthen the basic purposes of the grant. Thus, I urge the modification be allowed with whatever enthusiasm the small sum may permit.*” Kalman H. Silvert para William D. Carmichael, “BSI, IUPERJ (67-492B) Interim Annual Financial & Narrative Reports for the period June 1, 1971 to May 31, 1972”, Inter-Office Memorandum, cópia para Peggy Greaves e “IR-6 UFMG”, 22.mai.1973; p.1; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁴⁰ No original, em inglês: “*A common interest in terms of what the Master’s program in Anthropology (offered at the National Museum) and our own program in Political Science and Sociology could give each other crystallized around two or three main ideas. First, we would be interested in having cross registration in courses dealing with primitive political systems. Second, we agreed on the enormous interest for both programs if we could promote courses on mathematical models, and quantitative methods generally, since this is a growing concern among anthropologists and political scientists alike.*” Iuperj, “Report on the Activities Developed at the IUPERJ Since August 1968 And Prospects For Their Expansion”, out.1968; p.8; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

para a obtenção de titulação multidisciplinar.

Ainda antes de os programas de mestrado do Iuperj e do Museu tomarem forma, chegou a ser aventada uma proposta de colaboração institucional mais próxima entre os dois centros. Mas a ideia não foi levada adiante — assim como aconteceria com o “consórcio interinstitucional” no nível de doutorado. Como justificativa, o Instituto cita o cenário recém imposto pelo Ato Institucional nº 5 e as cassações de intelectuais, que produziram um estado de “incertezas” sobre o cenário acadêmico das ciências sociais. “Como consequência disso, seria um tanto difícil tentar visualizar esse programa daqui a alguns anos.”⁴¹ Em contrapartida, o Instituto menciona a possibilidade de algum compartilhamento de créditos de disciplinas ministradas em outros centros no Rio de Janeiro — havia interesse de parte do corpo discente do Iuperj em acompanhar aulas no Museu Nacional, ministradas pelos professores David Maybury-Lewis⁴² (“Estrutura social brasileira: avaliações e modelos”) e Luiz Pereira (“Sociologia do desenvolvimento”).⁴³

Kalman Silvert oferece pistas do porquê da proposta interinstitucional ter fracassado em 1969. Talvez fosse uma iniciativa mais pessoal e voluntariosa de Candido Mendes. Silvert, refletindo sobre a proposta de renovação, diz:

Boa oferta em ciência política no Instituto seria de grande ajuda para o estabelecimento do programa de doutorado multi-institucional no Rio de Janeiro que está sendo sugerido informalmente por figuras como Candido e Helio [Jaguaribe]. Nós não sabemos, é claro, se a FGV estaria disposta a participar de uma *joint venture* como essa, que poderá incluir instituições

⁴¹ No original, em inglês: “*As a consequence, it would be quite difficult to attempt to visualize the program some years from now.*” Iuperj, “Further Comments...”, dez.1968; p.11; gf, r.5486, FF; RAC.

⁴² O antropólogo Maybury-Lewis, que passou um tempo no Rio de Janeiro ministrando cursos no Museu Nacional, convida o colega de Harvard Alex Inkeles para fazer uma participação em um de seus cursos no ano de 1969. Alex estaria de passagem no Rio de Janeiro como consultor externo da Ford para produzir um de seus relatórios de avaliação sobre o Iuperj. “*Would you be willing to speak to my seminar here on your research into modernization?*”. Inkeles aceita, desde que conseguisse arrumar um espaço na sua agenda, preparada por Candido Mendes e pela Ford. David Maybury-Lewis para Alex Inkeles, 10.mar.1969; Alex Inkeles papers, box 463, folder title ‘Trip to Rio, Brazil (Mendes) (March 30 - April 6) SP - 1969’; Hoover Institution Library & Archives. E a resposta de Inkeles: 21.mar.1969. Sobre Maybury-Lewis no Brasil, conferir Laraia (2008).

⁴³ Iuperj, “Further Comments...”, dez.1968; p.10; gf, r.5486, FF; RAC.

carregadas de ‘inconvenientes’ políticos. (Esse assunto terá, é claro, que ser apurado pela nossa equipe no Rio se esse programa de doutorado começar a sair do papel.)⁴⁴

Embora o projeto de colaboração institucional no nível de mestrado entre os conveniados da Fundação fosse bem visto pelos gestores da Ford, um relatório comissionado pela Fundação a consultores externos chamou a atenção para o fato de que, embora o planejamento do programa dos futuros mestrados em algumas dessas instituições tivesse objetivos semelhantes, não havia muito diálogo, em termos concretos, entre seus proponentes, no caso o Iuperj e a FGV. Em outubro de 1968, os cientistas políticos Warren E. Miller e Philip Converse, ambos da Universidade de Michigan, acompanhados da *program officer* da Ford Nita Manitzas, visitaram algumas cidades latino-americanas onde havia programas da Fundação na área de ciência política. Passaram também pelo Rio de Janeiro, onde se reuniram com Candido Mendes, Bolívar Lamounier e Carlos Hasenbalg e trataram do convênio Ford-Iuperj. Discutiram os projetos de pesquisa e os planos futuros do Instituto, que preparava o lançamento do programa de mestrado. Miller, que já havia se reunido com Aluizio Pinto, da FGV, se espantou com a semelhança entre os dois programas de pós-graduação — a FGV também estava trabalhando para lançar o curso.

Ambas as instituições contemplavam um programa interdisciplinar de formação em pós-graduação, com ênfase nas ciências behavioristas. Ambas expressaram compromisso para desenvolver um banco de dados, com arquivos computadorizados de dados quantitativos. Em ambos os casos, houve ênfase substancial no desejo maior de fixar-se como uma base de um esforço *cross-national* e comparado para a pesquisa e o ensino.⁴⁵

⁴⁴ No original, em inglês: “*Good political science offerings in the institution under consideration would be of great help in the establishment of the multi-institutional doctoral program for the Rio de Janeiro area that is being suggested informally by such persons as Candido and Helio. We do not know, of course, whether Vargas would be willing to participate in a joint venture that might include institutions loaded with political liabilities. (This matter is one that the Rio staff will, of course, look into if such a doctoral program moves closer to reality.)*” Kalman H. Silvert para Harry E. Wilhelm, “University Institute of Research”, 10.fev.1969; gf, r.5351, FF; RAC.

⁴⁵ No original, em inglês: “*Both institutions were contemplating graduate training with an interdisciplinary, behavioral science emphasis. Both places expressed a commitment to the development of data bank resources in computer-oriented archives of quantitative materials. In both*

Apesar das similaridades, não houvera contato direto entre Aluizio e Candido, o que também causara surpresa a Warren Miller, que assina o relatório. Agravava o fato de que tanto a FGV quanto o Iuperj pretendiam manter algum laço de parceria com a instituição de Warren Miller, o Survey Research Center (SRC), da Universidade de Michigan, em Ann Arbor.

Michigan, que já era uma referência na área de estatística e amostragem, foi um ponto de apoio muito importante no esforço de modernização da ciência política da Fundação Ford no Brasil. A Universidade de Michigan teve destaque como centro formador e difusor das técnicas de amostragem, “especialmente em países em desenvolvimento”, por onde passaram cerca de quatrocentos estatísticos ao longo de trinta anos do curso “Sampling Program for Foreign Statisticians”, planejado por Leslie Kish em 1961 (Alves, 2006). Diversos quadros da universidade tiveram passagens por centros da ciência política no Brasil — DCP-UFMG, Iuperj e FGV, pelo menos. Miller atuou como consultor da Ford e Renato Raul Boschi, que faria a revisão técnica da tradução brasileira do livro de Huntington (1975), obteve seu doutorado em Ann Arbor, orientado por Philip Converse, que deu aulas no Iuperj, assim como Warren Miller.

A ideia que não foi: consórcio para a pós-graduação

A ideia mais ambiciosa de integração institucional nas ciências sociais do Rio de Janeiro não saiu do papel. O projeto consistia no lançamento de um programa de pós-graduação conjunto, em nível de doutorado, oferecido por Iuperj (ciência política), Museu Nacional (antropologia social) e FGV (economia e administração pública). Entre 1969 e 1970, anos das

instances substantial emphasis was given to the ultimate desirability of a comparative, cross-national base for their research and teaching.” Warren E. Miller para Harry E. Wilhelm, “Situation report on Brazil: a summary of the visit by Philip Converse, Nita Manitzas and Warren Miller with personnel of the Candido Mendes Institute and the FGV”, 2.dez.1968; p.1; #008493, catalogued reports, Ford Foundation records, Rockefeller Archive Center.

primeiras turmas de mestrado no Iuperj e no Museu (na FGV, o mestrado foi lançado em 1967), discutiu-se muito, no âmbito do convênio Ford-Iuperj, que o passo seguinte para a consolidação da moderna ciência social no Rio de Janeiro seria o oferecimento de cursos de doutorado.⁴⁶ Aos olhos da Fundação Ford e também do CNPq,⁴⁷ alternativa que parecia a mais viável — ou, pelo menos, a única discutida pelos interlocutores nesse momento — era o modelo de cooperação interinstitucional. Peter Bell dá indícios de quais eram os planos, a médio prazo, para a intervenção da Fundação Ford nas ciências sociais da cidade do Rio de Janeiro:

Ao longo dos últimos anos, nós trabalhamos inicialmente para erguer as disciplinas básicas das ciências sociais nessas três instituições [Iuperj, Museu e FGV], todas as quais agora oferecem pós-graduação em nível de mestrado. Ao longo dos próximos anos, nós precisaremos seguir trabalhando com esses três programas disciplinares de forma separada, mas nós também podemos esperar cada vez mais fornecer auxílio a projetos tanto no nível interdisciplinar (como o caso do *manpower study* na FGV), quanto no nível interinstitucional (como nos casos da FGV e da Faculdade Candido Mendes no que toca à proposta de Michigan).⁴⁸

Em 1971, a ideia do programa conjunto, multi-institucional, de doutorado nas ciências sociais voltou a ser discutida no âmbito do convênio Ford-Iuperj. Desta vez, o projeto apareceu como uma ideia “proposta pela” Clacso (Conselho Latino-Americano de Ciências),

⁴⁶ No original, em inglês: “*Foundation strategy would be well served by this grant [renovação do convênio Ford-Iuperj] should we decide to go ahead with our plans to work toward doctoral level institutions in Latin America.*” Kalman H. Silvert para Harry E. Wilhelm, “University Institute of Research”, Inter-Office Memorandum, cópia para Nita Rous Manitzas, 10.fev.1969; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁴⁷ No original, em inglês: “*Our middle-range goal for the social sciences in Rio de Janeiro, now apparently coincident with the aim of the National Research Council, continues to be the development of a coordinated program for graduate training and research (e.g., social anthropology at the National Museum, political science at the Faculty Candido Mendes, and economics and public administration at FGV).*” Peter D. Bell para William D. Carmichael, “BSI, Social Science Research and Training [Background Report]”, Inter-Office Memorandum, cópia para Frank Bonilla, 23.jan.1969; p.7; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁴⁸ No original, em inglês, com grifo nosso: “*Over the last several years, we have worked primarily toward building up the basic social science disciplines at these three institutions, all of which now provide training to the Master’s level. Over the next several years, we will need to continue working within the separate disciplinary programs, but we would also expect increasingly to assist interdisciplinary (as in the case of the manpower study at the FGV) and interinstitucional (as in the case of the FGV and Faculty Candido Mendes re the Michigan proposal) projects.*” Peter D. Bell para William D. Carmichael; [Background Report], 23.jan.1969; p.7; gf, r.5351, FF; RAC.

organização criada por iniciativa da Unesco em 1967.⁴⁹ Embora o enfoque multi-institucional no auxílio às ciências sociais povoasse as discussões dos executivos da Fundação desde o fim dos anos sessenta, foi a partir de meados da década seguinte que essa abordagem iria adquirir centralidade. Essa mudança foi parte de uma inflexão maior nas políticas de intervenção da Fundação para as ciências sociais no Brasil na qual optou-se por promover gradualmente uma desvinculação dos convênios com instituições individuais, ajustando o foco para “concentrar-se em necessidades multi-institucionais”. Nesse momento, a Fundação Ford repetiu o que já havia sido feito com a área de economia, alguns anos mais cedo.⁵⁰ O programa de *fellowships*, por exemplo, um dos principais da Fundação, por meio do qual era feito o financiamento de bolsas de estudo para doutoramento no exterior, sofreu uma mudança no ano de 1973. Antes, cada convênio institucional, como o Ford-Iuperj, tinha uma previsão orçamentária alocada para esse tipo de bolsa.⁵¹ O Instituto discutia com os funcionários do escritório da Fundação no Rio e, então, escolhia entre os quadros de seu próprio corpo docente quem seria o bolsista a receber o auxílio. Em 1973, a Fundação mudou de estratégia e passou a financiar as *fellowships* no exterior por meio de uma espécie de concurso nacional unificado. A Fundação estabelecia uma competição, avaliava as candidaturas e decidia quem seriam as pessoas que receberiam as bolsas — tanto para fazer o doutorado no exterior, quanto para conduzir projetos de pesquisa em instituições brasileiras. “Esse mecanismo de competição nos permitiu alocar fundos de forma mais seletiva e atingir acadêmicos e disciplinas que nós não conseguiríamos apoiar por meio dos convênios institucionais.”⁵²

⁴⁹ Steven P. Quarles para William D. Carmichael, “Information on the Financial Position of IUPERJ”, Inter-Office Memorandum, cópias para Stanley A. Nicholson e Frank Bonilla, 20.mar.1971; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁵⁰ No original, em inglês: “*As in the case of economics, the Foundation expects to move away from grants to individual centers during the next few years and concentrate on multi-center needs.*” Ford Foundation, “Brazil Field Office briefing book”, International Division, OLAC, mar.1976; #011981, catalogued reports, Ford Foundation records, Rockefeller Archive Center.

⁵¹ Para os valores detalhados do convênio Ford-Iuperj ao longo dos anos, conferir o Anexo 3.

⁵² Esse tipo de abordagem, não-institucional, é chamado de bolsa DAP (Delegated-Authority Project). No original, em inglês: “*The competitive mechanism allows us to place funds more selectively*

Somado a esse ajuste de foco na direção de iniciativas interinstitucionais, havia ainda a avaliação de que, apesar do progresso conquistado pelos programas de pós-graduação em ciências sociais (Iuperj, Museu Nacional, FGV e PUC-Rio) no Rio de Janeiro, a avaliação da Fundação Ford era de que esses centros ainda precisavam de maturidade para conseguir lançar programas de doutorado sólidos. Em 1973, quando o Iuperj negociava com a Fundação a renovação do convênio por mais dois anos, período durante o qual a criação do doutorado seria o objetivo principal, o Instituto encontrou resistência por parte da filantrópica. Na visão de Peter Reichard, funcionário da Ford no Rio, os centros de ciências sociais conveniados com a Fundação “ainda estavam a vários anos das pré-condições necessárias para um bom programa de doutorado”.⁵³ Um programa “decente” de PhD requeria, para Reichard, docentes com dedicação em tempo integral, todos titulados e com teses defendidas, além de “alguns anos de sólida experiência de pesquisa”. No Iuperj, muitos dos acadêmicos que tinham feito, ou estavam fazendo, o treinamento em programas de PhD no exterior, retornavam ao Brasil e assumiam diversas funções (administrativas, de docência e também de pesquisa) no Instituto — mas demoravam ainda vários anos para finalizar as teses e, portanto, obter a titulação. Além disso, Peter Reichard também enxergava a necessidade de estabelecer dedicação exclusiva para os doutorandos (por meio de bolsas de estudo), “uma boa biblioteca de pesquisa” e “várias outras coisas que ainda estão dolorosamente em falta e provavelmente permanecerão em falta nos próximos anos”.⁵⁴ Por isso, Reichard desaconselhava a Fundação a apoiar o lançamento do

and to reach scholars and disciplines we do not support through institutional grants.” FF, “Brazil Field Office briefing book”, mar.1976; seção “Social Sciences”, p.2; cr, FF; RAC.

⁵³ No original, em inglês: “*I also said that in my view we were still several years away from the preconditions for a good doctoral program.*” Peter J. Reichard para Stanley A. Nicholson, “BSI: IUPERJ (67-492): Request for ‘A’ Status”, Inter-Office Memorandum, 11.abr.1973; p.8; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁵⁴ No original, em inglês: “*A decent doctorate requires full time teachers who have not only completed their own degrees but also accumulated some solid research experience. And it requires full time students. And a good research library. And a viable institutional structure. And a variety of other things which are in painfully short supply now and probably the next few years as well.*” Peter J. Reichard para Stanley A. Nicholson, “BSI: IUPERJ (67-492): Request for ‘A’ Status”, Inter-Office Memorandum, 11.abr.1973; p.8; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller

programa de doutorado no Iuperj, que “quase inevitavelmente” seria de “de segunda classe”.⁵⁵ Na reunião em que Reichard expôs isso aos funcionários mais sêniores do Instituto, a notícia de que o apoio ao doutorado “não seria automático” foi recebida com “indignação e desânimo”. Os iuperjianos disseram que o Instituto “tinha” que começar a oferecer turmas de doutorado e que esse era o objetivo para o qual estavam se preparando havia anos.⁵⁶

Após essa negativa firme de Peter Reichard, os docentes do Iuperj ouviram do funcionário da Ford que, dado o cenário em que se encontravam os centros de ciências sociais do Rio de Janeiro, o mais provável era que a Fundação, naquele momento, pudesse auxiliar algum “mecanismo” ou “arranjo” que envolvesse mais de um conveniado ao mesmo tempo, “lançando mão dos pontos fortes de cada um desses centros”.⁵⁷

A repercussão dessa conversa entre Reichard e o Iuperj não agradou os funcionários da Ford em Nova York. James Gardner, *program officer* do Social Science Program da Fundação, não gostou do que ele chamou de “os pré-julgamentos implícitos” de Reichard. Este, segundo Gardner, não deveria ter dado detalhes ao Iuperj sobre o que seria a política da Fundação a respeito dos futuros programas de doutorado nas ciências sociais brasileiras. Para Gardner, que, inclusive, estava mais inclinado a um tipo de política diferente da veiculada por Reichard,

Archive Center. Peter J. Reichard para Stanley A. Nicholson, “Request for ‘A’ Status”, 11.abr.1973; p.8; gf, r.5351, FF; RAC.

⁵⁵ No original, em inglês: “*But I think it would be unfortunate if IUPERJ were really to begin offering a PhD in two or three years, because it would almost inevitably be a second rate degree.*” Peter J. Reichard para Stanley A. Nicholson, “Request for ‘A’ Status”, 11.abr.1973; p.9; gf, r.5351, FF; RAC.

⁵⁶ No original, em inglês, grifo original: “*In my discussions with the staff after their first grant proposal I cautioned them that they could not expect automatic support for a doctoral program from the Foundation. This damper was greeted with indignation and dismay. It was said that IUPERJ had to start offering doctorates, that this was the goal they had all been working for, and it had always understood that the Foundation supported them in this effort.*” Peter J. Reichard para Stanley A. Nicholson, “Request for ‘A’ Status”, 11.abr.1973; p.8; gf, r.5351, FF; RAC.

⁵⁷ No original, em inglês: “*Instead, we would probably favor a mechanism which involved most of the social science centers we now support, drawing on the strengths of each (...), we were likely to eventually promote an arrangement which included other centers.*” Peter J. Reichard para Stanley A. Nicholson, “Request for ‘A’ Status”, 11.abr.1973; pp.8-9; gf, r.5351, FF; RAC. Ver também: Peter J. Reichard para Staff of IUPERJ, “The Proposal for a Supplementary Grant”, 21.mar.1973; Inter-Office Memorandum, 21.mar.1973; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

parecia “inapropriado” direcionar ou “conduzir” as solicitações de auxílio dos conveniados da forma como Reichard fizera no Rio de Janeiro.

Por exemplo, eu não sei se estamos em uma posição de dizer a um conveniado que somos mais favoráveis a auxiliar um programa de PhD multi-institucional, em oposição a um programa institucional (eu suspeito que esta última abordagem [institucional] seja, em última instância, mais convincente e duradoura).⁵⁸

Embora essa empreitada multi-institucional não tenha vingado no caso de um programa conjunto de pós-graduação nas ciências sociais, houve outra tentativa, que chegou a ser, de fato, executada. Por meio do convênio chamado “Urban Consortium”, formalmente ligado à PUC-Rio, a Fundação Ford forneceu US\$ 180 mil em 1972 como auxílio para “juntar diversos dos cientistas sociais, de diferentes instituições, com interesse em questões urbanas”. O projeto, entretanto, teve vida curta, dado a “dificuldades iniciais na gestão” do convênio e à “baixa qualidade do processo de tomada de decisão do grupo”.⁵⁹ O convênio durou apenas dois anos e tanto não foi considerado exitoso que a Fundação optou por encerrá-lo, de forma meio abrupta, com recursos alocados mas que não haviam sido gastos e tiveram que ser redistribuídos por meio de uma “competição aberta” para bolsas de mestrado entre as instituições envolvidas.⁶⁰

⁵⁸ No original, em inglês: “Concomitantly, there seems to be more prejudice implicit in the background memorandum than we should casually endorse. For example, I don’t know that we are in a position to tell grantee we are more likely to support a multi-institutional Ph.D. program, as opposed to an institutional program (I rather suspect the latter approach will ultimately prove more persuasive and durable). In any event, if we are in a position to state our position on this issue, I would like to know more of our thinking. (...) To my eyes this ‘leading’ of the grantee’s request seems inappropriate in principle and, at least in the IUPERJ situation, in reality.” James A. Gardner para William D. Carmichael, “BSI, IUPERJ (PA67-492)”, Inter-Office Memorandum, cópia para Kalman H. Silvert, 9.mai.1973; pp.1-2; grant files, PA67-492, reel 5351, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁵⁹ No original, em inglês: “This grant [PUC-Rio, Urban Consortium] brought together a number of social scientists with urban interests from various Brazilian institutions. Difficulties in its early administration and the low quality of decision-making by the group forced reorganization In 1974. Unspent funds were distributed through an open competition for research support at the master’s level held in August. The program will not be refunded.” FF, “Brazil Field Office briefing book”, mar.1976; cr, FF; RAC.

⁶⁰ As atividades do convênio ‘Urban Consortium’ poderiam ser objeto de maior investigação. Por um lado, parece ser uma nova forma da preocupação manifestada no capítulo 1 desta dissertação a

Embrião da Anpocs

No ano de 1974, começaram a tomar forma os planos para realizar um encontro nacional de cientistas sociais pelo convênio Ford-Iuperj. O encontro seria o embrião da Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais). A Associação, fundada oficialmente em 1977, segundo depoimentos orais, era fruto de uma série de reuniões e seminários realizados em anos anteriores (Machado, 1993, pp. 103–4; Almeida, 2015, pp. 44–5; Vannucchi & Vilarouca, 2018, p. 315) ⁶¹

O elemento mais marcantes desse projeto teve e tem como eixo a construção de uma

respeito da instabilidade política nos países em desenvolvimento e um de seus elementos mais preocupantes, o processo de rápida urbanização. Por outro, é a materialização de um esforço de longa data da Fundação Ford, o de integrar cientistas sociais e instituições acadêmicas modernizadas, na maioria das vezes já parceiras da Ford, no Rio de Janeiro e no país. Por outro, ainda, traça conexões expressas com um movimento mais amplo deflagrado nos altos escalões da Fundação, preocupado com o processo de urbanização em nível doméstico, nos EUA, e ao redor do mundo. As discussões para levar adiante o programa no Rio têm início em 1971, mesmo ano em que o escritório do vice-presidente da Fundação Ford comissiona uma pesquisa extensa, intitulada “International Urbanization Survey”, com o objetivo de elencar os “problemas de urbanização dos países em desenvolvimento” e propor linhas de ação futuras para a Fundação. Quem conduz a pesquisa é Jack Robin, recrutado pela Ford após sua experiência como diretor de um programa de renovação urbana do pós-guerra na cidade de Pittsburgh, nos EUA. Alguns dos nomes citados como interessados no programa nas primeiras discussões do Urban Consortium: Artur Rios e Isaac Kerstenetzky (PUC-Rio), Paulo R. Haddad e Antonio Octávio Cintra ou Fábio Wanderley Reis (UFMG), Roberto DaMatta (Museu Nacional), Candido Mendes e Amaury de Souza (Iuperj), Álvaro Pessoa (Faculdade de Direito da UCAM), Fernando Henrique Cardoso e Manuel Tosta Berlinck (Cebrap). Documento: James A. Gardner para William D. Carmichael e Stanley Nicholson, “An Urban Social Science Consortium in Brazil”, Inter-Office Memorandum, Ford Foundation, cópia para “Discussants of an ‘Urban Consortium’”, 21.jun.1971; Alex Inkeles papers, box 469, folder title ‘Trip: Vienna Conference (Mendes)’; Hoover Institution Library & Archives. Conferir: (Immerwahr, 2015; Neumann, 2016; Offner, 2019; Schrader, 2019; Ollivier, 2020; Subramanian, 2020).

⁶¹ Em um trecho no qual apresenta reservas à importância da figura de Kalman Silvert na criação da Anpocs, Mário Brockmann Machado (1993: 103-4) diz que a ideia de fundar a associação “surgiu, pela primeira vez” durante um seminário organizado por Candido Mendes (“Seminário sobre Indicadores Sociais do Desenvolvimento Nacional na América Latina”), em maio de 1972, no Rio de Janeiro. No segundo semestre do mesmo ano, ele próprio “redigiu a minuta do estatuto da futura associação”, que foi discutida em janeiro de 1973, em Fortaleza, durante o “1º Encontro Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais”.

Associação centrada na filiação institucional, via programas de pós-graduação, e não individual de pesquisadores. Uma associação de programas “era mais fácil de coordenar, era mais fácil de você criar exigências” (Santos, 2011, p. 41). Neste ponto, seguiu-se o modelo, considerado exitoso, da associação da disciplina vizinha, a economia. A Anpec, fundada em 1973, serviu de inspiração, ou “referência”, nas palavras de Fábio Wanderley Reis (Reis, 2015, p. 42). O formato dos encontros da Anpocs, da divisão em grupos temáticos, que segue até hoje, foi uma sugestão de Fernando Henrique Cardoso, a partir do modelo da Clacso (Almeida, 2015, p. 45). Assim, ficava estabelecida na Anpocs a dimensão institucional de filiação, somada às discussões acadêmicas dos encontros, não segmentadas por instituições, mas constituídas em torno dos grupos temáticos, privilegiando a figura individual acadêmica. Um terceiro elemento característico da Anpocs seria a separação entre a presidência e a secretaria-executiva da Associação. A primeira, mais simbólica e política, com papel pequeno nas tarefas diárias, é “cargo mais de representação externa” (Almeida, 2015, p. 45). A segunda, de fato, geria a Associação.

O episódio durante o processo de criação da Anpocs lembrado pela maior parte dos depoentes diz respeito às disputas de política acadêmica que dificultaram o processo e a absorção, em especial, da USP nesse concerto. Segundo os depoimentos (Santos, 2011; Cohn, 2013; Almeida, 2015), foi uma estratégia dos organizadores incluir os profissionais da Universidade de São Paulo em uma fase mais avançada, quase final do processo, quando o conteúdo central já estava decidido e a maior parte dos programas de pós-graduação já havia aderido (Santos, 2011, pp. 40–2). A “resistência” dos pesquisadores da USP à criação da Anpocs, segundo rememora Gabriel Cohn, teve algo de motivação “ideológica”

no sentido que se temia que a Anpocs ia ser tábula rasa de tudo o que se tentava fazer e impusesse um padrão que era basicamente um padrão americano. A Anpocs se revelou mais flexível (...). Mas de fato deve-se reconhecer que o risco existia e o contexto de certo modo justificava receios dessa ordem, porque era época em que os americanos estavam jogando rios de dinheiro pelo mundo afora para criar um padrão acadêmico

deles e combatendo um inimigo óbvio, não é? (Cohn, 2013, p. 8)

Com a “percepção de que a USP poderia atrapalhar” (Almeida, 2015, p. 45), mas com o entendimento de que não seria possível criar uma associação nacional desse porte “sem a participação dos programas de São Paulo” (Santos, 2011, p. 42), a fórmula de conciliação encontrada foi abordar a USP apenas no final do processo e oferecer a presidência da Associação. A primeira diretoria da Anpocs, escolhida para o biênio 1977-1978, teve Francisco Weffort na presidência e Olavo Brasil de Lima Jr., do Iuperj, na secretaria-executiva. O grupo do Iuperj foi identificado como a força motriz, responsável pelo impulso inicial no processo de fundação da Anpocs (Santos, 2011, pp. 41–2; Nunes, 2013, p. 51; Almeida, 2015, pp. 44–5; Trindade, 2017, p. 29; Vannucchi & Vilarouca, 2018, p. 315); e Olavo Brasil, o principal articulador, quem apresentou o projeto “já pronto” (Almeida, 2015: p.45) e quem costurou, “com uma estratégia bastante mineira” (Santos, 2011: p. 42), a entrada de paulistas. Em 1977, então, com a ideia de “difundir um certo padrão de trabalho científico” (Santos, 2011: p. 43), a Anpocs foi fundada e seria responsável, na opinião de boa parte dos cientistas sociais dessa geração, por aprofundar o processo de institucionalização das ciências sociais e por criar, de fato, uma rede nacional de pesquisadores (Reis, 1993, 2015; Santos, 2011; Almeida, 2015). O protagonismo inicial dessa rede, amalgamada na Anpocs, foi da ciência política, se comparada com as demais disciplinas da área. “A ciência política foi durante anos o esteio da Anpocs, em pleno contexto de transição”, disse Lourdes Sola ⁶². Fábio Wanderley Reis (2015, p. 42) fala em um primeiro período de “hegemonia” da ciência política. Hélgio Trindade — que foi o quarto presidente da Anpocs (1985-1986), depois de Weffort (1977-1978, 1979-1980), Fábio Wanderley Reis (1981-1982) e Wanderley Guilherme dos Santos (1983-1984) — também explica a centralidade da disciplina pela via das contribuições acadêmicas daquele período: “Porque no período da discussão da transição, da redemocratização, a Política tinha

⁶² Depoimento de Lourdes Sola em evento da ABCP realizado em São Paulo, em 2015. Disponível em: <youtu.be/NYoo3rdIW_g?t=1065>.

instrumentos e tinha teorizações que a Sociologia não tinha. Ela só pensava no Brasil em temas muito tópicos, e a Antropologia ainda estava muito jovem” (Trindade, 2017, p. 25).

Como lembram os depoimentos orais dos intelectuais envolvidos no processo, a disciplina da ciência política teve certo papel de protagonismo na constituição da Anpocs, nas discussões temáticas a respeito da transição democrática, e no exercício das primeiras gestões diretivas da Associação. Anos antes, foi por meio do Iuperj que ocorreram os encontros preparatórios que culminariam na Anpocs. No início do ano de 1974, chegou ao escritório da Fundação Ford no Rio um pedido do Iuperj para que a Fundação ajudasse a cobrir os custos da “Realização de um Seminário Sobre Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil”, previsto para ocorrer em julho daquele mesmo ano. O evento de quatro dias seria realizado em um prédio da SBI no bairro de Ipanema a um custo de Cr\$ 90 mil,⁶³ estimando a participação de 30 pessoas, vindas de Porto Alegre, São Paulo, Campinas, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza. O orçamento foi entregue à Fundação em formulário com papel timbrado da Capes/MEC e assinado por Renato Raul Boschi, como representante da Comissão Organizadora do Iuperj, que iria promover o evento em parceria com o “Mestrado em Administração Pública - EBAP-FGV”. A programação dos quatro dias de evento estava voltada mais para a discussão sobre conteúdos curriculares e gestão dos programas de mestrado: “I - Objetivos do Mestrado em Ciências Sociais, II - Formação proporcionada pelos programas de mestrado e o mercado de trabalho, III - Conteúdo dos programas de pós-graduação: avaliação do trabalho passado e perspectivas e IV - Problemas administrativos e organizacionais diversos”.⁶⁴

Os funcionários da Ford primeiro receberam esse pedido de ajuda com alguma desconfiança, pois tinham receio de a empreitada tratar-se de mais uma das promessas vazias

⁶³ O valor de Cr\$ 90 mil (cruzeiros) corresponde a cerca de R\$ 395 mil, atualizados segundo a correção dada pelo IGP-DI em ferramenta disponibilizada pelo BACEN.

⁶⁴ Renato Raul Boschi, “Programa Interuniversitário, Subprograma Reuniões: Realização de um Seminário Sobre Pós-Graduação em Ciências Sociais no Brasil”, 28.fev.1974; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

de Candido Mendes — lembrando, talvez, que desde 1967 os convênios Ford-Iuperj previam algum tipo de recursos para reuniões de cientistas sociais brasileiros. “Dado seu histórico até hoje”, diz Bruce Bushey, *assistant representative* do escritório da Ford no Rio, “seria tolice de nossa parte apostar novamente em Candido Mendes”. Bushey recomendou a seus colegas Stanley Nicholson e Richard Morse que investigassem o teor da empreitada — se Candido estivesse pessoalmente envolvido “de modo substancial” na organização do evento, Bushey então recomendava que a Ford se abstinhasse de auxiliar.⁶⁵ No entanto, como a ideia parecia vir dos escalões mais jovens do Instituto, a Fundação poderia, sim, apoiar o evento, desde que de forma “limitada” e “com certas condições”.⁶⁶ Afinal, era do interesse da Fundação Ford participar desse tipo de projeto. Mais do que isso, sinalizar esse interesse aos organizadores do evento, por meio de uma contribuição filantrópica, ainda que limitada, era importante, já que funcionários da Ford, como Morse e Nicholson, há algum tempo “já vinham encorajando [Simon] Schwartzman e cia.” a perseguir algo do tipo, “uma reunião informal com pessoas selecionadas” para discutir “a marcha e as perspectivas” das ciências sociais no Brasil.⁶⁷ Entre as condições que Bruce Bushey colocaria para oferecer apoio financeiro à reunião:

os coordenadores das conferências devem entregar para nós uma agenda indicando que o evento vai gerar o mesmo tipo de discussão proveitosa sobre problemas comuns/compartilhamento de dados que ocorre nos centros de economia por meio da Associação [Anpec] que apoiamos. Nós devemos saber quais tópicos serão discutidos e quem irá coordená-los — esta é uma forma de decidir se a conferência é ou não mais um dos jantares

⁶⁵ No original, em inglês: “*Given his track record to date, I think it would be foolish to place another bet on Candido Mendes, and if he is personally involved in the conference organization in any substantial sense, I do not recommend we support it.*” Bruce Bushey para Stanley A. Nicholson e Richard M. Morse, “IUPERJ Conference on Graduate Programs in the Social Sciences”, Inter-Office Memorandum, 15.abr.1974; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁶⁶ No original, em inglês: “*I favor limited support if certain conditions are met.*” Bruce Bushey para Stanley A. Nicholson e Richard M. Morse, “IUPERJ Conference...”, 15.abr.1974; gf, r.5490, FF; RAC.

⁶⁷ No original, em inglês: “*Stan, You will recall that we have been encouraging S. Schwartzman & Co. to consider a small, informal meeting of select persons to discuss issues such as those raised in Balan’s paper and, in general, the march and prospects of social science in Brazil.*” Richard Morse para Stanley Nicholson, 25.mar.1974; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

sociais de Candido.⁶⁸

Após algumas tratativas, chegou-se a um acordo, com um orçamento mais enxuto, em uma reunião em que estiveram presentes, além de Bruce Bushey e Renato Boschi (Iuperj), Gilberto Velho (Museu Nacional), Alexandre Barros e “um Oliveira” (ambos da EBAP-FGV).⁶⁹ Seria realizado, então, no Rio de Janeiro, entre os dias 25 e 27 de setembro de 1974 o “Seminário Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais”, com três eixos de discussão: “I - Conteúdo dos cursos de mestrado; II - Pós-Graduação em Ciências Sociais e Mercado de Trabalho, III - Problemas administrativos”.⁷⁰ O seminário seria “promovido conjuntamente” pelos três programas de pós-graduação conveniados da Fundação Ford, o Iuperj, o Museu Nacional e a EBAP-FGV, de certa forma, repetindo — certamente não no escopo, mas talvez na intenção — a ideia aventada muitos anos antes do consórcio multi-institucional formado por essas três casas, cada uma representando uma disciplina: ciência política, antropologia social e administração pública.

⁶⁸ No original, em inglês: “*First, conference leaders should give us an agenda that suggests the meeting will produce the same kind of useful discussion of common problems/data exchange/et al. that we support among economic centers through the Association [Anpec]. We should know what topics will be discussed and who will be discussing them — this is one way of deciding whether the conference is anything more than another of Candido’s high teas.*” Bruce Bushey para Stanley A. Nicholson e Richard M. Morse, “IUPERJ Conference...”, 15.abr.1974; gf, r.5490, FF; RAC.

⁶⁹ Bruce Bushey para Files, “IUPERJ Social Sciences Conference”, 17.jun.1974; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

⁷⁰ Renato Boschi, Gilberto Velho e Alexandre Barros para Richard Morse e Bruce Bushey, 26.ago.1974; grant files, PA67-492, reel 5490, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

Considerações finais

A principal contribuição desta dissertação se dá ao inserir a história do Iuperj — e da institucionalização da disciplina de ciência política no Brasil — na história dos projetos de modernização para o país, em atravessamento com a história da Guerra Fria na América Latina. A partir desse eixo, as reflexões que este trabalho se propõe a apresentar apresentam também contribuições para outras histórias.

Trata-se de uma *história das ciências sociais*, pois se utiliza do método histórico — através da delimitação de um arquivo documental — para investigar o convênio da Ford com o Iuperj. Ao fazê-lo, adiciona outra nova camada ao entendimento que as ciências sociais têm sobre sua própria história. Um entendimento cuja narrativa foi delimitada por resgates memorialísticos da trajetória daqueles que são considerados pelo próprio campo como os principais expoentes e modernizadores da disciplina. A trajetória pessoal dessas figuras é, de alguma forma, celebrada por seus pares ao sublinhar a genialidade, inventividade, vanguarda, resiliência e resistência diante do autoritarismo e das velhas e obsoletas estruturas intelectuais. A essa memória, esta dissertação apresenta uma nova camada; histórica, por excelência. A camada da documentação do convênio Ford-Iuperj. Das negociações que antecederam a celebração do convênio, das correspondências trocadas, das viagens feitas, dos projetos oferecidos e rejeitados, dos projetos redesenhados e aceitos, das correções de rota, dos diagnósticos feitos, das consultorias contratadas, das ajudas solicitadas, da fixação de objetivos, do planejamento a curto, médio e longo prazos.

É também uma *história intelectual*, pois identifica personagens importantes, protagonistas do processo de construção disciplinar, e que não tiveram a oportunidade de ser

objeto de investigação anterior. Esta nova camada de história intelectual apresenta outras redes intelectuais, distintas das abordadas convencionalmente. Nesta dissertação, no íntimo do texto extraído por meio da investigação do arquivo documental, é possível ver como algumas dessas redes (e seus personagens) atuaram e como deixaram suas marcas no processo de construção da disciplina de ciência política no Brasil. Três deles, incógnitos na narrativa convencional, tiveram protagonismo nesta história intelectual do convênio Ford-Iuperj: Candido Mendes, Alex Inkeles e Samuel Huntington.

É, ainda, uma *história transnacional*, porque, a partir do próprio arquivo documental, des-regionaliza a história da ciência política de um instituto criado no centro da cidade do Rio de Janeiro. Os futuros possíveis para esse Instituto eram discutidos no próprio Rio, mas também em Nova York, em Cambridge (Massachusetts), em Washington, em Santiago, em Belo Horizonte. Em português, mas também em inglês e em espanhol. O Iuperj foi um local de pouso de redes transnacionais de intelectuais, mas também foi um polo de formação a partir do qual outras redes intelectuais ganharam o mundo. É uma história transnacional, também, porque esta pesquisa histórica levanta a seguinte reflexão: esses “futuros possíveis” para o Iuperj foram concebidos e discutidos como parte de “futuros possíveis” para as ciências sociais do Brasil e de países da América Latina. O convênio Ford-Iuperj, dessa forma, fazia sentido dentro de uma estratégia de intervenção filantrópica para as ciências sociais latino-americanas. As decisões tomadas no âmbito do convênio Ford-Iuperj, também diziam respeito a uma série de outras siglas — UFMG, FGV, Museu Nacional, ICS-Udelar, Instituto Di Tella, PUCP, PUC-Rio, Anpocs.

É, por fim, uma *história política*, pois descreve as fontes (intelectuais e políticas) dessa estratégia de intervenção nas ciências sociais latino-americanas; porque situa as preocupações fundamentais que deram o impulso para que se projetasse essa estratégia de intervenção. E as posiciona como intimamente conectadas ao rol de preocupações políticas de seu tempo. De um

mundo em Guerra Fria; de um mundo pós-Revolução Cubana, do mundo da Aliança para o Progresso e do Projeto Camelot; do mundo após o golpe militar; do mundo durante o Ato Institucional nº5. Havia preocupações candentes entre as elites políticas, militares e intelectuais desses mundos que, a partir desta pesquisa histórica, passa a ser possível indagar se também não eram as preocupações que embasaram a construção e a celebração do convênio Ford-Iuperj.

Em meio a esse desenrolar de fios que percebemos a história da modernização da ciência política no Brasil como manifestação, também, da história dos projetos de modernização do Brasil do pós-guerra.

* * *

Passado um ano da assinatura da dotação ao instituto de Candido Mendes, o escritório da Fundação no Rio produz, em dezembro de 1968, um documento relembrando os objetivos do convênio Ford-Iuperj, sintetizados em três elementos: produzir dados sobre os problema do desenvolvimento brasileiro, fomentar “esforços de pesquisa conjuntos” entre cientistas sociais no Rio de Janeiro e promover treinamento avançado para jovens intelectuais brasileiros. Em seguida, o documento explica brevemente como cada elemento se articular com as metas mais amplas do Social Science Program do OLAC:

Sociedade Brasileira de Instrução, desenvolvimento social, pesquisa e ensino

Objetivos:

1. Fornecer importantes dados sociais sobre os problemas do desenvolvimento brasileiro, que serão úteis aos atores políticos.
2. Encorajar esforços conjuntos de pesquisa por cientistas sociais brasileiros na região da Guanabara (...).
3. Selecionar jovens cientistas sociais brasileiros para promover treinamento avançado

Relação com os Objetivos do Programa.

1. Relação direta com a nossa preocupação em fornecer análises e dados

sobre política a lideranças do Brasil.

2. É uma expansão do nosso trabalho anterior com economia e ciência política, quando relacionadas com o desenvolvimento.

3. É uma expansão ainda mais profunda das nossas preocupações em desenvolver quadros mais amplos de nossos cientistas sociais capacitados voltados para os setores público e privado.¹

No primeiro e no segundo capítulos desta dissertação exploramos as fontes, discussões e personagens intelectuais que articularam e perseguiram, especialmente o “objetivo nº1”. No terceiro capítulo, trouxemos as implicações e tentativas para promover integração nas ciências sociais brasileiras, conforme o “objetivo nº 2”.

¹ No original, grifo original, na íntegra, em inglês: “*Objective: 1. To provide important social data on Brazil’s development problems which will be of use to policy makers. 2. To encourage joint research efforts by Brazilian social scientists in the Guanabara area (...). 3: To provide advanced training for selected younger Brazilian sociologists. Relation to Program Objectives: 1. Relates directly to our concern to provide policy data and analysis for Brazil’s leaders. 2. It is an expansion of our previous work in economics and political science in relation to development. 3. It is a further expansion of our concern to develop larger cadres of our trained social scientist for the public and private sectors.*” Ford Foundation, “Brazilian Society for Education, Social Development Research and Training”, dez.1968; grant files, PA67-492, reel 5486, Ford Foundation records; Rockefeller Archive Center.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, A. A. de (ed.) (2010) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC. Available at: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/projeto-camelot>.
- Adelman, J. (2013) *Worldly Philosopher: The Odyssey of Albert O. Hirschman*. 4th Printing edition. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Almeida, M. H. T. de (2015) 'Maria Hermínia Tavares de Almeida (depoimento, 2015)'. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/mariaherminia>.
- Altman, D. (2006) 'From Fukuoka to Santiago: Institutionalization of Political Science in Latin America', *PS: Political Science & Politics*, 39(1), pp. 196–203. doi: 10.1017/S1049096506220341.
- Alves, M. C. G. P. (2006) 'Comentário: criatividade na proposição de um plano de amostragem', *Revista de Saúde Pública*, 40(5), pp. 766–768. doi: 10.1590/S0034-89102006000600002.
- Arruda, M. A. do N. (1989) 'A modernidade possível: cientistas e ciências sociais em Minas Gerais', in Miceli, S. (ed.) *História das ciências sociais no Brasil (v.1)*. São Paulo: Sumaré, Idesp, Fapesp, pp. 277–368.
- Avritzer, L., Milani, C. and Braga, M. do S. (eds) (2016) *A ciência política no Brasil: 1960-2015*. 1st edn. Rio de Janeiro: Editora FGV/ABCP.
- Bell, P. D. (1966) 'Political Science: Public Administration and Development', in Levine, R. M. (ed.) *Brazil: field research guide in the social sciences*. New York: Institute of Latin American Studies, Columbia University, pp. 148–164.
- Berghahn, V. R. (2001) *America and the Intellectual Cold Wars in Europe: Shepard Stone between philanthropy, academy, and diplomacy*. Princeton: Princeton University Press. Available at: <http://press.princeton.edu/titles/7080.html>.
- Bessner, D. (2018) *Democracy in Exile: Hans Speier and the Rise of the Defense Intellectual*. Ithaca: Cornell University Press. Available at: <https://muse.jhu.edu/book/58139>.
- Booth, W. A. (2020) 'Rethinking Latin America's Cold War', *The Historical Journal*, pp. 1–23. doi: 10.1017/S0018246X20000412.
- Bowles, F. (1966) 'International Cooperation in Education', *Journal of Teacher Education*, 17(1), pp. 61–64. doi: 10.1177/002248716601700110.
- Brands, H. (2008) 'Third World Politics in an Age of Global Turmoil: The Latin American Challenge to U.S. and Western Hegemony, 1965–1975*', *Diplomatic History*, 32(1), pp. 105–138. doi: 10.1111/j.1467-7709.2007.00669.x.

- Brands, H. (2010) *Latin America's Cold War*. Cambridge, MA: Harvard University Press. Available at: <http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674064270>.
- Brooke, N. and Witoshynsky, M. (eds) (2002) *Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil: uma parceria para a mudança social*. São Paulo / Rio de Janeiro: EDUSP / Fundação Ford.
- Bulcourn, P. and Dufour, G. (2012) 'Guillermo O'Donnell e sua contribuição para o desenvolvimento da Ciência Política Latino-Americana', *Dados*, 55(1). Available at: <http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=21822925001> (Accessed: 5 July 2017).
- Calandra, B. and Franco, M. (eds) (2012) *La guerra fría cultural en América Latina: desafíos y límites para una nueva mirada de las relaciones interamericanas*. Buenos Aires: Biblos. Available at: https://www.editorialbiblos.com.ar/libro/la-guerra-fria-cultural-en-america-latina_104671/.
- Camargo, A. B. A. de (2012) 'Aspásia Brasileiro Alcântara de Camargo (depoimento, 2012)'. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/aspasiacamargo>.
- Cancelli, E. (2008) 'Caminhos de um mal-estar de civilização: reflexões intelectuais norte-americanas para pensar a democracia e o negro no Brasil', *ArtCultura (Revista do Instituto de História da UFU)*, 10(n.16). Available at: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1504>.
- Cancelli, E. (2012) *O Brasil e os outros: o poder das ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Available at: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/obrasileosoutros.pdf>.
- Cancelli, E. (2017) *O Brasil na Guerra Fria cultural: o pós-guerra em releitura*. São Paulo: Intermeios, USP/PPGHS (Coleção Entr(H)istória).
- Cancelli, E. (2020) *Brazil: Transition and Reconciliation, a Cold War Strategy*. RAC Research Reports. Rockefeller Archive Center. Available at: <https://rockarch.issuelab.org/resource/brazil-transition-and-reconciliation-a-cold-war-strategy.html> (Accessed: 26 October 2017).
- Cancelli, E., Mesquita, G. and Chaves, W. (2020) *Guerra Fria e Brasil: para a agenda de integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Alameda.
- Candido, M. R. (2020) 'Cartografia das pioneiras da ciência política no Brasil', in Biroli, F. et al. (eds) *Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias*. Campinas: Unicamp, pp. 325–356. Available at: <https://www.editoraunicamp.com.br/produto/518/mulheres-poder-e-ciencia-politica-debates-e-trajetorias>.
- Canêdo, L. B. (2018) 'The Ford Foundation and the Institutionalization of Political Science in Brazil', in Heilbron, J., Sorá, G., and Boncourt, T. (eds) *The Social and Human Sciences in Global Power Relations*. Cham, SW: Palgrave Macmillan (Socio-Historical Studies of the Social and Human Sciences), pp. 243–266. doi: 10.1007/978-3-319-73299-2_9.
- Canêdo, L. B., Tomizaki, K. and Garcia Jr., A. (eds) (2013) *Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalização*. São Paulo: Hucitec. Available at: <https://www.fe.unicamp.br/focus/Publicacoes/estrategias.htm> (Accessed: 12 May 2017).
- Capello, E. (2013) 'Latin America Encounters Nelson Rockefeller: Imagining the Gringo

Patrón in 1969’, in Mor, J. S. (ed.) *Human Rights and Transnational Solidarity in Cold War Latin America*. Madison, WI: University of Wisconsin Press (Critical Human Rights), pp. 48–73. Available at: <https://muse.jhu.edu/book/21857> (Accessed: 8 May 2020).

Carnoy, M. (2019) ‘The 1970s: Comparative Education and Modernity’, in *Transforming Comparative Education: Fifty Years of Theory Building at Stanford*. Stanford, CA: Stanford University Press, p. ch.4. Available at: <https://www.sup.org/books/title/?id=30195>.

Cattai, J. B. P. (2018) *A Revolta dos Fatos contra a Lei: antitotalitarismo e modernização jurídica no Brasil da Guerra Fria*. Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo. Available at: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21022019-112324/pt-br.php>.

Cattai, J. B. P. (2021) *US Power and the Social State in Brazil: Legal Modernization in the Global South*. New York: Routledge (Routledge Studies in US Foreign Policy).

Chastain, A. and Lorek, T. (eds) (2020) *Itineraries of Expertise: Science, Technology, and the Environment in Latin America*. 1st edition. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press. Available at: <https://upittpress.org/books/9780822945963/>.

Chaves, W. (2015) ‘As agendas culturais da Guerra Fria e o “Programa Ideológico”: a CIA e a Fundação Ford na atração às elites intelectuais’, *Revista Angelus Novus*, (9), pp. 123–152. doi: 10.11606/ran.v0i9.98864.

Chaves, W. da S. (2018) *A questão negra: a Fundação Ford e a Guerra Fria (1950-1970)*. Curitiba: Prismas. Available at: <http://editoraprimas.com.br/a-questao-negra-a-fundacao-ford-e-a-guerra-fria-1950-1970>.

Chaves, W. da S. and Cattai, J. B. P. (2019) ‘“Transição política” e ditadura no Brasil: os anos 1970 e seus agendamentos políticos e intelectuais’, *Revista Brasileira de História*, 39(82), pp. 199–219. doi: 10.1590/1806-93472019v39n82-10.

Chilcote, R. H. (2018) ‘The Cold War and the Transformation of Latin American Studies in the United States’, *Latin American Perspectives*, 45(4), pp. 6–41. doi: 10.1177/0094582X18779017.

Chomsky, N. (ed.) (1996) *The Cold War & the University: Toward an Intellectual History of the Postwar Years*. New York: The New Press.

Cohen-Cole, J. N. (2014) *The open mind : Cold War politics and the sciences of human nature*. London: The University of Chicago Press. Available at: <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/O/bo16998335.html>.

Cohn, G. (2013) ‘Gabriel Cohn (depoimento, 2013)’. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/gabrielcohn>.

Dayé, C. (2020) *Experts, Social Scientists, and Techniques of Prognosis in Cold War America*. Cham: Springer International Publishing (Socio-Historical Studies of the Social and Human Sciences). doi: 10.1007/978-3-030-32781-1_1.

Delpar, H. (2007) *Looking South: The Evolution of Latin Americanist Scholarship in the United States, 1850-1975*. Tuscaloosa: University Alabama Press. Available at:

<http://www.uapress.ua.edu/product/Looking-South,73.aspx>.

Diamond, S. (1992) *Compromised Campus: The Collaboration of Universities with the Intelligence Community, 1945-1955*. 1 edition. New York: Oxford University Press. Available at: <https://global.oup.com/academic/product/compromised-campus-9780195053821?cc=br&lang=en&>.

Dragostinova, T. K. (2021) *The Cold War from the Margins: A Small Socialist State on the Global Cultural Scene*. Ithaca, NY: Cornell University Press. Available at: <https://www.cornellpress.cornell.edu/book/9781501755552/the-cold-war-from-the-margins/#bookTabs=1>.

Engerman, D. C. (2010) 'Social Science in the Cold War', *Isis*, 101(2), pp. 393–400. doi: 10.1086/653106.

Engerman, D. C. (2011) *Know Your Enemy: The Rise and Fall of America's Soviet Experts*. 1 edition. Oxford: Oxford University Press. Available at: <https://global.oup.com/academic/product/know-your-enemy-9780195324860?cc=us&lang=en&>.

Engerman, D. C. (2012) 'The Rise and Fall of Wartime Social Science: Harvard's Refugee Interview Project, 1950–1954', in Solovey, M. and Cravens, H. (eds) *Cold War Social Science: Knowledge Production, Liberal Democracy, and Human Nature*. New York: Palgrave Macmillan, pp. 25–43. Available at: https://link.springer.com/chapter/10.1057/9781137013224_2 (Accessed: 21 May 2017).

Engerman, D. C. (2018) *The Price of Aid: The Economic Cold War in India*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Erickson, P. (ed.) (2013) *How reason almost lost its mind : the strange career of Cold War rationality*. Chicago: The University of Chicago Press. Available at: <https://www.press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/H/bo16160491.html>.

Fajardo, M. (2015) *The Latin American Experience with Development: Social Sciences, Economic Policies, and the Making of a Global Order, 1944-1971*. PhD Dissertation (History). Princeton. Available at: <http://arks.princeton.edu/ark:/88435/dsp014t64gq554> (Accessed: 6 July 2020).

Fajardo, M. (2019) 'Circumventing Imperialism: The Global Economy in Latin American Social Sciences', in Adelman, J. (ed.) *Empire and the social sciences : global histories of knowledge*. London: Bloomsbury Academic, pp. 177–190. Available at: <https://www.bloomsbury.com/us/empire-and-the-social-sciences-9781350102514/>.

Fernandez, R. G. and Suprinyak, C. E. (2017) *The 'Vanderbilt Boys' and the Modernization of Brazilian Economics*. SSRN Scholarly Paper ID 3116541. Rochester, NY: Social Science Research Network. Available at: <https://papers.ssrn.com/abstract=3116541> (Accessed: 2 March 2018).

Fernandez, R. G. and Suprinyak, C. E. (2018) 'Creating academic economics in Brazil: The Ford Foundation and the beginnings of ANPEC', *Economia*, 19(3), pp. 314–329. doi: 10.1016/j.econ.2018.03.004.

- Fernandez, R. G. and Suprinyak, C. E. (2019) 'Manufacturing Pluralism in Brazilian Economics', *Journal of Economic Issues*, 53(3), pp. 748–773. doi: 10.1080/00213624.2019.1644926.
- Field, T. C., Krepp, S. P. and Pettinà, V. (eds) (2020) *Latin America and the Global Cold War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press (New Cold War History). Available at: <https://muse.jhu.edu/book/74159>.
- Forjaz, M. C. S. (1997) 'A emergência da Ciência Política acadêmica no Brasil: aspectos institucionais', *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(35). doi: 10.1590/S0102-69091997000300007.
- Franco, M. (2019) 'En busca de la “guerra fría”: culturas políticas, procesos locales y circulaciones de largo plazo', *Prismas - Revista de historia intelectual*, 23(2), pp. 181–187. Available at: https://historiaintelectual.com.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/Franco_prismas23 (Accessed: 22 March 2021).
- Franco, M. S. de C. (1970) *Moderno e suas diferenças*. Tese de livre-docência. Universidade de São Paulo.
- Gaddis, J. L. (1987) *The Long Peace: Inquiries Into the History of the Cold War*. New York: Oxford University Press.
- García, Ó. J. M. and Gómez-Escalonilla, L. D. (eds) (2019) *Teaching Modernization: Spanish and Latin American Educational Reform in the Cold War*. 1 edition. New York: Berghahn Books. Available at: <https://www.berghahnbooks.com/title/Gomez-EscalonillaTeaching>.
- Gilman, N. (2003) *Mandarins of the Future: Modernization Theory in Cold War America*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Gilman, N. (2016) 'The Cold War as Intellectual Force Field', *Modern Intellectual History*, 13(2), pp. 507–523. doi: 10.1017/S1479244314000420.
- Gleijeses, P. (2013) *Visions of Freedom: Havana, Washington, Pretoria, and the Struggle for Southern Africa, 1976-1991*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press (The New Cold War History). doi: 10.5149/9781469609690_gleijeses.
- Gobat, M. (2013) 'The Invention of Latin America: A Transnational History of Anti-Imperialism, Democracy, and Race', *The American Historical Review*, 118(5), pp. 1345–1375. doi: 10.1093/ahr/118.5.1345.
- Gomes, A. de C. and D'Araujo, M. C. (2008) 'Entrevista com Gláucio Ary Dillon Soares', *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 21(42), pp. 323–349. doi: 10.1590/S0103-21862008000200011.
- Grandin, G. (2002) 'Off the Beach: The United States, Latin America, and the Cold War', in Agnew, J.-C. and Rosenzweig, R. (eds) *A Companion to Post-1945 America*. Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 426–445. doi: 10.1002/9780470996201.ch22.
- Grandin, G. (2010) 'Living in Revolutionary Time: Coming to Terms with the Violence of

Latin America's Long Cold War', in Joseph, G. M. and Grandin, G. (eds) *A Century of Revolution: Insurgent and Counterinsurgent Violence during Latin America's Long Cold War*. Durham, NC: Duke University Press, pp. 1–42. Available at: <https://www.dukeupress.edu/a-century-of-revolution>.

Grondona, A. and Pryluka, P. (2020) 'Rémoras de un proyecto olvidado: La Fundación Bariloche y la Argentina del desarrollo', *Pasado Abierto*, 6(11). Available at: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/pasadoabierto/article/view/4243> (Accessed: 2 September 2020).

Guilhot, N. (2005) *The Democracy Makers: Human Rights and the Politics of Global Order*. New York: Columbia University Press.

Guilhot, N. (2011) *The Invention of International Relations Theory: Realism, the Rockefeller Foundation, and the 1954 Conference on Theory*. Columbia University Press. Available at: <https://cup.columbia.edu/book/the-invention-of-international-relations-theory/9780231152662> (Accessed: 20 March 2017).

Haney, D. P. (2008) *The Americanization of social science : intellectuals and public responsibility in the postwar United States*. Philadelphia: Temple University Press. Available at: {"<http://www.loc.gov/catdir/toc/ecip0720/2007024415.html>":["Table of contents only"], "<http://www.loc.gov/catdir/enhancements/fy0739/2007024415-b.html>":["Contributor biographical information"]} (Accessed: 6 July 2020).

Harmer, T. (2011) *Allende's Chile and the Inter-American Cold War*. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press (New Cold War History). Available at: <https://uncpress.org/book/9781469613901/allendes-chile-and-the-inter-american-cold-war/>.

Harmer, T. (2014) 'The Cold War in Latin America', in Kalinovsky, A. and Daigle, C. (eds) *The Routledge Handbook of the Cold War*. Abingdon, UK: Routledge, pp. 133–148. Available at: <http://www.routledge.com/> (Accessed: 6 October 2020).

Hey, A. P. and Rodrigues, L. S. (2017) 'Elites Acadêmicas: as Ciências Sociais na Academia Brasileira de Ciências', *Tempo Social*, 29(3), pp. 9–33. doi: 10.11606/0103-2070.ts.2017.125964.

Heyck, H. (2015) *Age of System: Understanding the Development of Modern Social Science*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. Available at: <https://jhupbooks.press.jhu.edu/title/age-system>.

Heymann, L. and Alberti, V. (eds) (2002) *Trajetórias da Universidade privada no Brasil: depoimentos ao CPDOC-FGV*. Brasília, Rio de Janeiro: Capes, FGV/CPDOC.

Horowitz, I. L. (1969) *A ascensão e queda do Projeto Camelot: estudos sobre as relações entre a ciência social e a prática política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Coleção Documentos da História Contemporânea, 46).

Huntington, S. P. (1965) 'Political development and political decay', *World Politics*, 17(03), pp. 386–430. Available at: http://journals.cambridge.org/abstract_S0043887100011606 (Accessed: 26 March 2017).

Huntington, S. P. (1968) *Political order in changing societies*. New Haven: Yale University

Press.

Huntington, S. P. (1971) 'The Change to Change: Modernization, Development, and Politics', *Comparative Politics*, 3(3), pp. 283–322. doi: 10.2307/421470.

Huntington, S. P. (1975) *A ordem política nas sociedades em mudança*. Rio de Janeiro + São Paulo: Forense-Universitária + Edusp.

Iber, P. (2015) *Neither Peace nor Freedom: The Cultural Cold War in Latin America*. 1 edition. Cambridge, MA: Harvard University Press. Available at: <http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674286047>.

Iber, P. (2017) 'Social Science, Cultural Imperialism, and the Ford Foundation in Latin America in the 1960s', in Chaplin, T. and Mooney, J. E. P. (eds) *The Global 1960s: Convention, contest and counterculture*. London; New York: Routledge (Decades in Global History), pp. 96–114. Available at: <https://www.routledge.com/The-Global-1960s-Convention-contest-and-counterculture/Chaplin-Mooney/p/book/9781138709485>.

Iber, P. (2019) 'The Cultural Cold War', *Oxford Research Encyclopedia of American History*. doi: 10.1093/acrefore/9780199329175.013.760.

Immerwahr, D. (2015) *Thinking small : the United States and the lure of community development*. Cambridge, MA: Harvard University Press. Available at: <http://www.jstor.org/stable/10.2307/j.ctt13x0h4w> (Accessed: 20 August 2019).

Inkeles, A. (1969) 'Harvard Project on the Sociocultural Aspects of Development', *Sociological Inquiry*, 39(1), pp. 100–102. doi: 10.1111/j.1475-682X.1969.tb00946.x.

Inkeles, A. (1985) 'Alex Inkeles (oral history, 1985)'. Available at: <https://clio.columbia.edu/catalog/4076076>.

Inkeles, A. and Smith, D. H. (1974) *Tornando-se moderno: as transformações individuais ocorridas em seis países em desenvolvimento*. Translated by R. H. R. Perez. Brasília: Ed da Universidade de Brasília.

Irazuzta, I. (2008) 'Clases medias, política y sociedad en los inicios de la sociología empírica en la Argentina', *Trayectorias*, X(27), pp. 90–99. Available at: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=60712752009> (Accessed: 25 May 2021).

Isaac, J. (2007) 'The Human Sciences in Cold War America', *The Historical Journal*, 50(3), pp. 725–746. doi: 10.1017/S0018246X07006334.

Isaac, J. (2012) 'Epistemic Design: Theory and Data in Harvard's Department of Social Relations', in Solovey, M. and Cravens, H. (eds) *Cold War Social Science: Knowledge Production, Liberal Democracy, and Human Nature*. New York: Palgrave Macmillan, pp. 79–95. Available at: https://link.springer.com/chapter/10.1057/9781137013224_5 (Accessed: 21 May 2017).

Isaac, J. and Bell, D. (eds) (2012) *Uncertain empire : American history and the idea of the Cold War*. New York: Oxford University Press. Available at: <https://global.oup.com/academic/product/uncertain-empire-9780199826124?cc=br&lang=en&>.

- Jannello, K. (2018) 'As redes editoriais do ILARI no Rio da Prata e a modernização das ciências sociais durante a Guerra Fria cultural latino-americana', *Arquivos do CMD*. Translated by J. Muniz Jr., 6(1), pp. 69–84. doi: 10.26512/cmd.v6i1.21902.
- Joseph, G. M. (2010) 'Latin America's Long Cold War: A Century of Revolutionary Process and U.S. Power', in Joseph, G. M. and Grandin, G. (eds) *A Century of Revolution: Insurgent and Counterinsurgent Violence during Latin America's Long Cold War*. Durham, NC: Duke University Press, pp. 397–414. Available at: <https://www.dukeupress.edu/a-century-of-revolution>.
- Joseph, G. M. (2019) 'Border crossings and the remaking of Latin American Cold War Studies', *Cold War History*, 19(1), pp. 141–170. doi: 10.1080/14682745.2019.1557824.
- Joseph, G. M. and Spenser, D. (eds) (2008) *In from the Cold: Latin America's New Encounter with the Cold War*. Durham: Duke University Press Books.
- Keeley, T. (2015) 'Medellín Is "Fantastic": Drafts of the 1969 Rockefeller Report on the Catholic Church', *The Catholic Historical Review*, 101(4), pp. 809–834. doi: 10.1353/cat.2015.0216.
- Keinert, F. C. and Silva, D. P. (2010) 'A gênese da ciência política brasileira', *Tempo social: revista de sociologia da USP*, 22(1), pp. 79–98. Available at: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v22n1/v22n1a05> (Accessed: 26 March 2017).
- Kelly, P. W. (2018) *Sovereign Emergencies: Latin America and the Making of Global Human Rights Politics*. Cambridge: Cambridge University Press (Human Rights in History). Available at: <https://www.cambridge.org/core/books/sovereign-emergencies/C4329B32D01BAE71AB0D43877C291E81>.
- Kirkendall, A. J. (2010) *Paulo Freire and the Cold War Politics of Literacy*. Chapel Hill: University of North Carolina Press. Available at: https://www.jstor.org/stable/10.5149/9780807899533_kirkendall (Accessed: 1 November 2018).
- Klüger, E. (2017) *Meritocracia de laços: gênese e reconfigurações do espaço dos economistas no Brasil*. Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo. Available at: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-06022017-113838/> (Accessed: 27 November 2017).
- Krepp, S. P. (2017) 'Between the Cold War and the Global South: Argentina and Third World Solidarity in the Falklands/Malvinas Crisis', *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 30(60), pp. 141–160. doi: 10.1590/s2178-14942017000100008.
- LaFeber, W. (1993) *Inevitable Revolutions: The United States in Central America*. 2 edition. New York: W. W. Norton & Company. Available at: https://www.amazon.com/Inevitable-Revolutions-United-Central-America/dp/0393309649/ref=sr_1_4?ie=UTF8&qid=1479154880&sr=8-4&keywords=walter+lafeber.
- Lamounier, B. (1982) 'A ciência política no Brasil: roteiro para um balanço crítico', in Lamounier, B. (ed.) *Ciência política nos anos 80*. Brasília: Ed Unb (Cadernos da UnB).

- Laraia, R. de B. (2008) 'Maybury-Lewis e a etnologia brasileira', *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23, pp. 9–14. doi: 10.1590/S0102-69092008000200002.
- Lee, P. M. (2020) *Think Tank Aesthetics: Midcentury Modernism, the Cold War, and the Neoliberal Present*. Cambridge, MA: The MIT Press. Available at: <https://mitpress.mit.edu/books/think-tank-aesthetics>.
- Leite, A. N. (2015) *Milagre acadêmico: a institucionalização das ciências sociais brasileiras (1964-1985)*. Mestrado em Sociologia. Universidade de São Paulo. Available at: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-01062015-155258/> (Accessed: 26 March 2017).
- Lessa, R. (2011) 'O campo da ciência política no Brasil: uma aproximação construtivista', *Revista Estudos Hum(e)anos*, (2). Available at: <http://revista.estudoshumanos.com/wp-content/uploads/2011/01/23-31.pdf> (Accessed: 26 March 2017).
- Levine, R. M. (ed.) (1966) *Brazil: field research guide in the social sciences*. New York: Institute of Latin American Studies, Columbia University.
- Limongi, F., Almeida, M. H. T. de and Freitas, A. (2016) 'Da sociologia política ao (neo)institucionalismo: 30 anos que mudaram a ciência política no Brasil', in Avritzer, L., Milani, C., and Braga, M. do S. (eds) *A ciência política no Brasil: 1960-2015*. 1st edn. Editora FGV/ABCP.
- Lopez, L. M. (2016) 'José Medina Echavarría: una mirada sobre América Latina desde la sociología económica y la teoría (1952-1977)', *Tempo Social*, 28(3), pp. 95–116. doi: 10.11606/0103-2070.ts.2016.111588.
- Lorca, A. B. (2015) *Mestizo International Law: A Global Intellectual History 1842–1933*. Cambridge: Cambridge University Press (Cambridge Studies in International and Comparative Law). doi: 10.1017/CBO9781139015424.
- Loureiro, F. P. (2017) *Empresários, trabalhadores e grupos de interesse: a política econômica nos governos Jânio Quadros e João Goulart, 1961-1964*. São Paulo: Editora UNESP.
- Lowen, R. S. (1997) *Creating the Cold War University: The Transformation of Stanford*. First edition. Berkeley: University of California Press.
- Lucas, S. (1999) *Freedom's War: The American Crusade Against the Soviet Union*. New York: NYU Press. Available at: <https://nyupress.org/9780814751596/freedoms-war/>.
- Lynch, C. E. C. (2016) 'Entre a "Velha" e a "Nova" Ciência Política: Continuidade e Renovação Acadêmica na Primeira Década da Revista DADOS (1966-1976)', *Dados*, 59(3), pp. 65–104.
- Lynch, C. E. C. (2020) 'Um Pensador da Democracia: A Ciência Política de Wanderley Guilherme dos Santos', *Dados*, 63(1). doi: 10.1590/001152582020002.
- Machado, M. B. (1993) 'A Fundação Ford, a Finep e as Ciências Sociais', in Miceli, S. (ed.) *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Sumaré, Idesp, Fapesp, pp. 99–106.

Maia, J. M. E. (2017) 'História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro', *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 24(1), pp. 111–128. doi: 10.1590/s0104-59702017000100003.

Manela, E. (2020) 'International Society as a Historical Subject', *Diplomatic History*, 44(2), pp. 184–209. doi: 10.1093/dh/dhz071.

Mano, D. (2016) 'Raízes do rigor: Iuperj, UFMG e a rebelião das minúcias', in *10º Encontro ABCP*. Belo Horizonte.

Marchesi, A. (2017) *Latin America's Radical Left: Rebellion and Cold War in the Global 1960s*. Cambridge: Cambridge University Press (Cambridge Latin American Studies). doi: 10.1017/9781316822968.

Marenco, A. (2016) 'Cinco décadas de ciência política no Brasil: institucionalização e pluralismo', in Avritzer, L., Milani, C., and Braga, M. do S. (eds) *A ciência política no Brasil: 1960-2015*. 1st edn. Editora FGV/ABCP.

Marino, K. M. (2019) *Feminism for the Americas : the making of an international human rights movement*. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press (Gender & American culture.). Available at: <https://uncpress.org/author/125825-katherine-m-marino/>.

Markarian, V. (2020a) 'Réquiem para Solari? Mudanças na sociologia universitária uruguaia nos anos 1960 e 1970', *Tempo Social*, 32(2), pp. 33–53. doi: 10.11606/0103-2070.ts.2020.166500.

Markarian, V. (2020b) *Universidad, revolución y dólares: Dos estudios sobre la Guerra Fría cultural en el Uruguay de los sesenta*. Montevideo: Debate. Available at: <https://www.megustaleer.com/libros/universidad-revolucin-y-dlares/MUY-003127>.

Martin, J. R. (2019) *In search of the Nixon doctrine on Latin America : levers of influence and resistance in hemispheric relations*. PhD Dissertation (History). University of Texas at Austin. doi: <http://dx.doi.org/10.26153/tsw/2987>.

Meirelles, R. (2016) *Acender as velas já é profissão: a atuação da Anistia Internacional em relação ao Brasil durante a ditadura (1961-1981)*. Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo. Available at: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03102016-134758/> (Accessed: 21 March 2017).

Mello, N. N. de (2009) *Do desenvolvimento global ao paradigma da ordem e da estabilidade: representações dos países pobres na teoria do desenvolvimento político norte-americana*. Mestrado em Ciência Política. Universidade de São Paulo. Available at: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-09022010-123329/> (Accessed: 26 May 2017).

Mello, N. N. de (2011) 'A teoria do desenvolvimento político e a questão da ordem e da estabilidade', *Revista de Sociologia e Política*, 19(39), pp. 139–152. Available at: <http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31691> (Accessed: 15 November 2017).

Merkel, I. (2020) 'Brazilian Race Relations, French Social Scientists, and African Decolonization: A Transatlantic History Of The Idea Of Miscegenation', *Modern Intellectual*

History, 17(3), pp. 801–832. doi: 10.1017/S1479244319000052.

Miceli, S. (1990) *A desilusão americana: relações acadêmicas entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: Sumaré, Idesp, Fapesp.

Miceli, S. (ed.) (1993) *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Sumaré, Idesp, Fapesp.

Miceli, S. (ed.) (2001) *História das ciências sociais no Brasil (v.1)*. 2nd edn. São Paulo: Sumaré, Idesp, Fapesp.

Miceli, S. (2012) ‘Sergio Miceli (depoimento, 2012)’. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/sergiomiceli>.

Mirowski, P. (2011) *Science-Mart: Privatizing American Science*. Cambridge, Mass: Harvard University Press. Available at: <http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674046467&content=toc>.

Moreira, M. S. (2012) ‘O debate teórico-metodológico na ciência política e o pensamento social e político brasileiro’, *Teoria&Pesquisa*, 21(1), pp. 73–89. Available at: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3083> (Accessed: 5 July 2017).

Motta, R. P. S. (2014) *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar.

Munhoz, S. (2016) ‘Imperialismo e anti-imperialismo, comunismo e anticomunismo durante a Guerra Fria’, *Esboços*, 23(36), pp. 452–469. doi: 10.5007/2175-7976.2016v23n36p452.

Neumann, T. (2016) *Remaking the Rust Belt: The Postindustrial Transformation of North America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Available at: <https://www.upenn.edu/pennpress/book/15517.html>.

Nicolau, J. and Oliveira, L. (2017) ‘A ciência política no Brasil: uma análise a partir dos artigos acadêmicos (1966-2015)’, *Sociologia & Antropologia*, 7(2), pp. 371–393. doi: 10.1590/2238-38752017v723.

Nunes, E. (2013) ‘Edson Nunes (depoimento, 2013)’. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/edsonnunes>.

O’Donnell, G. and Schmitter, P. C. (1988) *Transições do regime autoritário: primeiras conclusões*. São Paulo: Vértice (4).

Offner, A. (2019) *Sorting out the mixed economy: the rise and fall of welfare and developmental states in the Americas*. Princeton, NJ: Princeton University Press (Histories of economic life.).

Oliveira, L. (2016) *A trajetória da ciência política brasileira: uma análise da produção e da formação acadêmica (1966-2014)*. Doutorado em Ciência Política. IESP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ollivier, S. (2020) *New Paradigms of Urban Planning in Developing Countries and the Ford Foundation: The Case of the Special Programs in Urban and Regional Studies (SPURS) at MIT (1967-1976)*. RAC Research Reports. Rockefeller Archive Center. Available at: <https://rockarch.issuelab.org/resource/new-paradigms-of-urban-planning-in-developing->

countries-and-the-ford-foundation-the-case-of-the-special-programs-in-urban-and-regional-studies-spurs-at-mit-1967-1976.html (Accessed: 26 October 2017).

Olson, M. (1963) 'Rapid Growth as a Destabilizing Force*', *The Journal of Economic History*, 23(4), pp. 529–552. doi: 10.1017/S0022050700109210.

Oren, I. (2003) *Our Enemies and US: America's Rivalries and the Making of Political Science*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Packenham, R. A. (1966) 'Political Science: An Introduction to Research', in Levine, R. M. (ed.) *Brazil: field research guide in the social sciences*. New York: Institute of Latin American Studies, Columbia University, pp. 120–137.

Paget, K. M. (2015) *Patriotic betrayal: the inside story of the CIA's secret campaign to enroll American students in the crusade against communism*. London: Yale University Press.

Parker, J. C. (2016) *Hearts, Minds, Voices: US Cold War Public Diplomacy and the Formation of the Third World*. Oxford: Oxford University Press. Available at: <https://global.oup.com/academic/product/hearts-minds-voices-9780190251840?cc=us&lang=en&#>.

Parmar, I. (2014) *Foundations of the American Century: The Ford, Carnegie, and Rockefeller Foundations in the Rise of American Power*. Paperback Edition. New York: Columbia University Press. Available at: <https://cup.columbia.edu/book/foundations-of-the-american-century/9780231146289>.

Penholato, D. B. (2017) *José Garrido Torres nas sombras do poder: um economista na construção do projeto de modernização de 1964*. Mestrado em História Social. Universidade de São Paulo. doi: 10.11606/D.8.2017.tde-04082017-112638.

Pernet, C. A. (2011) 'Shifting Position to the Global South: Latin America's Initiatives in the Early Years at the United Nations', in Auroi, C. and Helg, A. (eds) *Latin America 1810–2010: Dreams and Legacies*. London: Imperial College Press, pp. 83–100. doi: 10.1142/9781848168473_0005.

Pettinà, V. (2016) 'Global Horizons: Mexico, the Third World, and the Non-Aligned Movement at the Time of the 1961 Belgrade Conference', *The International History Review*, 38(4), pp. 741–764. doi: 10.1080/07075332.2015.1124906.

Pettinà, V. (2018) *Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina*. Ciudad de México: El Colegio de México (Colección Historias mínimas).

Plotkin, M. (2008) *Modernity, Development and the Transnationalization of the Social Sciences in Argentina and Brazil (1930-1970)*. RAC Research Reports. Rockefeller Archive Center. Available at: <http://rockarch.issuelab.org/resource/modernity-development-and-the-transnationalization-of-the-social-sciences-in-argentina-and-brazil-1930-1970.html> (Accessed: 26 October 2017).

Plotkin, M. B. (2015) 'US Foundations, Cultural Imperialism and Transnational Misunderstandings: The Case of the Marginality Project', *Journal of Latin American Studies*, 47(1), pp. 65–92. doi: 10.1017/S0022216X14001473.

- Quesada, F. (2015) *La universidad desconocida : el convenio Universidad de Chile, Universidad de California y la Fundación Ford*. Mendoza: EDIFYL. Available at: <https://bdigital.uncu.edu.ar/14072>.
- Rabe, S. G. (2011) *The Killing Zone: The United States Wages Cold War in Latin America*. Oxford: Oxford University Press. Available at: https://www.amazon.com/Killing-Zone-United-States-America/dp/0195333233/ref=sr_1_1?ie=UTF8&qid=1479303919&sr=8-1&keywords=stephen+rabe.
- Rabe, S. G. (2020) *Kissinger and Latin America: Intervention, Human Rights, Diplomacy*. Ithaca, NY: Cornell University Press. Available at: <https://www.cornellpress.cornell.edu/book/9781501706295/kissinger-and-latin-america/> (Accessed: 7 May 2020).
- Ravecca, P. (2019) *The politics of political science : re-writing Latin American experiences*. New York: Routledge. Available at: <https://www.routledge.com/The-Politics-of-Political-Science-Re-Writing-Latin-American-Experiences/Ravecca/p/book/9780815363088>.
- RBEP (1971) 'Noticiário', *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, (31).
- Reis, E. P. (1993) 'A construção intelectual e a política das Ciências Sociais brasileiras: a experiência do Iuperj', in Miceli, S. (ed.) *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Sumaré, Idesp, Fapesp, pp. 115–130.
- Reis, F. W. (2004) 'Minas e as ciências sociais: Evocações e alguma polêmica', *Teoria & Sociedade*, número especial, pp. 14–31.
- Reis, F. W. (2015) 'Fábio Wanderley Reis (depoimento, 2015)'. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/fabiowanderleyreis>.
- Reis, F. W. (2016) 'Huis clos no Chile e ciência política no Brasil', in Avritzer, L., Milani, C., and Braga, M. do S. (eds) *A ciência política no Brasil: 1960-2015*. 1st edn. Editora FGV/ABCP.
- Rindzevičiūtė, E. (2016) *The Power of Systems: How Policy Sciences Opened Up the Cold War World*. 1 edition. Ithaca ; London: Cornell University Press. Available at: <http://www.cornellpress.cornell.edu/book/?GCOI=80140100343480>.
- Robin, R. (2003) *The Making of the Cold War Enemy: Culture and Politics in the Military-Intellectual Complex*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- Rockefeller, N. A. (1969) *The Rockefeller report on the Americas;: The official report of a United States Presidential mission for the Western Hemisphere*,. Chicago: Quadrangle Books.
- Rodrigues, L. S. (2020) 'Brazilian political scientists and the Cold War: Soviet hearts, North-American minds (1966–1988)', *Science in Context*, 33(2), pp. 145–169. doi: 10.1017/S0269889720000228.
- Rohde, J. (2013) *Armed with Expertise: The Militarization of American Social Research during the Cold War*. Ithaca, NY: Cornell University Press (American Institutions and Society). Available at: <https://www.cornellpress.cornell.edu/book/9781501732645/armed->

with-expertise/.

Santirocchi, Í. D. (2014) 'A coragem de ser só: Cândido Mendes de Almeida, o arauto do ultramontanismo no Brasil', *Almanack*, (7), pp. 59–80. doi: 10.1590/2236-463320140705.

Santos, W. G. D. (2011) 'Wanderley Guilherme dos Santos (depoimento, 2011)'. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/wanderleyguilhermedossantos>.

Saunders, F. S. (1999) *The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letters*. New York: New Press. Available at: https://www.amazon.com/Cultural-Cold-War-World-Letters/dp/1565846648/ref=sr_1_3?ie=UTF8&qid=1479306800&sr=8-3&keywords=frances+stonor+saunders.

Scarfi, J. P. (2017) *The Hidden History of International Law in the Americas: Empire and Legal Networks*. New York: Oxford University Press. Available at: <https://global.oup.com/academic/product/the-hidden-history-of-international-law-in-the-americas-9780190622343?cc=br&lang=en&>.

Schlickmann, M. (2016) 'A trajetória dos estudos africanos no Brasil: 1930 a 1980', *Temporalidades*, 8(1), pp. 417–443. Available at: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5691> (Accessed: 29 October 2020).

Schrader, S. (2019) *Badges without Borders: How Global Counterinsurgency Transformed American Policing*. First edition. Oakland, California: University of California Press. Available at: <https://www.ucpress.edu/book/9780520295629/badges-without-borders>.

Schrum, E. (2019) *The Instrumental University: Education in Service of the National Agenda after World War II*. Ithaca, NY: Cornell University Press. Available at: <https://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctvfc5309> (Accessed: 31 August 2019).

Scott-Smith, G. (2002) *The Politics of Apolitical Culture: The Congress for Cultural Freedom, the CIA, and Post-war American Hegemony*. Routledge. Available at: <https://books.google.com.br/books?id=ijRZhl-4yrsC>.

Scott-Smith, G. and Lerg, C. A. (eds) (2017) *Campaigning Culture and the Global Cold War: The Journals of the Congress for Cultural Freedom*. 1st edn. New York, NY: Palgrave Macmillan. Available at: <https://www.palgrave.com/de/book/9781137598660>.

Silva, L. N. da (2019) *Editoras e ciências sociais no Brasil: a Zahar Editores e a emergência das ciências sociais como gênero editorial (1957-1984)*. Doutorado em Sociologia. IESP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Available at: <http://www.iesp.uerj.br/evento/defesa-de-tese-leonardo-nobrega-da-silva/>.

Silvert, K. H. (1965) 'American Academic Ethics and Social Research Abroad: The Lesson of Project Camelot *', *Background*, 9(3), pp. 215–236. doi: 10.2307/3013706.

Simpson, C. (ed.) (1998) *Universities and empire: money and politics in the social sciences during the Cold War*. New York: New Press.

Smith, D. H. (2012) 'Alex Inkeles: 4 March 1920 - 9 July 2010', *Proceedings of the American Philosophical Society*, 156(2), pp. 237–243. Available at:

<https://www.jstor.org/stable/23558196> (Accessed: 25 November 2020).

Solari, A. E. and Lipset, S. M. (eds) (1967) *Elites in Latin America*. New York: Oxford University Press.

Solovey, M. (2013) *Shaky Foundations: The Politics-Patronage-Social Science Nexus in Cold War America*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press. Available at: <http://muse.jhu.edu/book/20683/> (Accessed: 9 March 2019).

Solovey, M. (2020) *Social Science for What?: Battles over Public Funding for the 'Other Sciences' at the National Science Foundation*. Cambridge: MIT Press. Available at: <https://mitpress.mit.edu/books/social-science-what>.

Solovey, M. and Cravens, H. (eds) (2012) *Cold War Social Science: Knowledge Production, Liberal Democracy, and Human Nature*. New York: Palgrave Macmillan. Available at: <http://www.palgrave.com/us/book/9780230340503> (Accessed: 21 May 2017).

Souza, N. R. de and Valmore, F. H. (2016) 'A autonomização da ciência política no Brasil a partir da percepção dos editores de sete periódicos nacionais', in *10º Encontro ABCP*. Belo Horizonte.

Spenser, D. (ed.) (2004) *Espejos de la guerra fria: Mexico, America Central y El Caribe*. Ciudad de México: Ciesas/Porrúa.

Subramanian, D. (2020) 'The Townscape Movement and the Politics of Post-War Urbanism', *Twentieth Century British History*, (hwaa029), pp. 1–24. doi: 10.1093/tcbh/hwaa029.

Tabak, F. (1971) 'Relatório sobre o trabalho do Instituto de Direito Público e Ciência Política para a formação de pesquisadores em conjunto com o Instituto Universitário de Pesquisas, a Pontífica Universidade Católica e o Centro Latino-Americano de Ciências Sociais', *Revista de Ciência Política*, 5(4), pp. 157–168. Available at: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rcp/article/view/59175> (Accessed: 6 January 2021).

Thornton, C. (2018) 'A Mexican International Economic Order? Tracing the Hidden Roots of the Charter of Economic Rights and Duties of States', *Humanity: An International Journal of Human Rights, Humanitarianism, and Development*, 9(3), pp. 389–421. doi: 10.1353/hum.2018.0020.

Thornton, C. (2021) *Revolution in Development: Mexico and the Governance of the Global Economy*. Oakland, CA: University of California Press. Available at: <https://www.ucpress.edu/book/9780520297166/revolution-in-development>.

Trindade, H. (2005) 'Social sciences in Brazil in perspective: foundation, consolidation and diversification', *Social Science Information*, 44(2–3), pp. 283–357. Available at: <http://ssi.sagepub.com/content/44/2-3/283.short> (Accessed: 26 March 2017).

Trindade, H. (2012) *Ciências Sociais no Brasil: diálogos com mestres e discípulos*. Brasília: Anpocs: Librer Livro Editora.

Trindade, H. (2017) 'Hélgio Trindade (depoimento, 2016/2017)'. Available at: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/helgiotrindade>.

- Trindade, H. (2018) “‘Disciplinarização’ e construção institucional da sociologia nos países fundadores e sua reprodução na América Latina’, *Sociologias*, 20(47), pp. 210–256. doi: 10.1590/15174522-020004707.
- Valmore, F. H. (2016) *Ciência Política no Brasil: a percepção dos editores de periódicos científicos nacionais e a produção publicada (2005-2014)*. Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal do Paraná. Available at: <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37966> (Accessed: 26 March 2017).
- Vannucchi, M. A. and Vilarouca, M. G. (2018) ‘Entrevista com Renato Boschi’, *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 31(64), pp. 297–319. doi: 10.1590/s2178-149420180002000010.
- Veiga, L. da (1987) ‘A trajetória de uma geração de cientistas sociais em Belo Horizonte: imagens de anos nem sempre dourados’, in *Congresso Nacional de Sociologia*.
- Weiner, T. (2007) *Legacy of ashes : the history of the CIA*. New York: Doubleday.
- Westad, O. A. (2005) *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*. Cambridge University Press. Available at: <http://www.cambridge.org/catalogue/catalogue.asp?isbn=0521853648>.
- Wilford, H. (2009) *The Mighty Wurlitzer: How the CIA Played America*. Harvard University Press. Available at: <https://books.google.com.br/books?id=zKQs3Y9lLgkC>.
- Wolfe, A. J. (2018) *Freedom’s laboratory : the Cold War struggle for the soul of science*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. Available at: <https://jhupbooks.press.jhu.edu/title/freedoms-laboratory>.

ANEXOS

Anexo 1 – Organograma: estrutura institucional da Fundação Ford

Anexo 2 – Mapa: Nomes dos membros do International Division, OLAC e escritório da Ford no Rio de Janeiro, 1955-1975

Fontes: Chaves (2018), Cancelli e *Annual Reports* da Fundação Ford.

Anexo 3 – Orçamentos dos convênios Ford-Iuperj (1967-1975)

Detalhamento dos orçamentos de cada convênio da Fundação Ford com o Iuperj. Alguns convênios sofreram modificações nas dotações orçamentárias, quando isso ocorreu, foi assinalado aqui.

1967-1969				
	[original RGA] <u>19.jul.1967</u>		[modification] <u>2.dez.1968</u>	
Research fund	\$ 60.000,00		\$ 70.750,00	
<i>Stipends for researchers</i>	\$ 38.000,00	44%	\$ 56.500,00	52%
<i>Travel</i>	\$ 12.000,00		\$ 5.000,00	
<i>Miscellaneous research costs</i>	\$ 10.000,00		\$ 9.250,00	
Master's program	\$ -	0%	\$ -	0%
<i>Visiting foreign professors</i>	\$ -		\$ -	
<i>Contracted Brazilian professors</i>	\$ -		\$ -	
<i>Travel, recruiting and reproduction costs</i>	\$ -		\$ -	
Interchange	-	9%	\$ -	11%
Visiting lecturers	\$ 12.000,00	9%	\$ 15.250,00	11%
Meetings and conferences	\$ 10.000,00	7%	\$ -	0%
Documentation center	\$ 10.000,00	7%	\$ 6.000,00	4%
—	\$ -		\$ -	
—	\$ -		\$ -	
Fellowships abroad [IIE]	\$ 45.000,00	33%	\$ 45.000,00	33%
TOTAL	\$ 137.000,00	109%	\$ 137.000,00	100%

1969-1971		
	[original RGA] <u>4.abr.1969</u>	
Research program	\$ 65.000,00	
<i>Professional staff salaries</i>	\$ 48.000,00	30%
<i>Travel</i>	\$ 12.000,00	
<i>Consulting services</i>	\$ 5.000,00	
Master's program	\$ 59.000,00	27%
<i>Visiting foreign professors</i>	\$ 35.000,00	
<i>Contracted Brazilian professors</i>	\$ 12.000,00	
<i>Travel, recruiting and reproduction costs</i>	\$ 12.000,00	
Interchange	\$ 23.000,00	11%
Visiting foreign professors	\$ 15.000,00	7%
Conferences and meetings	\$ 8.000,00	4%
Library requisitions	\$ 12.000,00	6%
—	\$ -	
—	\$ -	
Fellowships abroad (7 man-years) [IIE]	\$ 56.000,00	26%
TOTAL	\$ 215.000,00	100%

1971-1973				
	[original RGA]		[modification]	
	26.mar.1971		31.mai.1973	
Research program	\$ 80.000,00	28%	\$ 81.953,00	28%
Professional staff salaries	\$ 60.000,00		\$ 67.250,00	
Travel, intervieweing and data processing	\$ 16.000,00		\$ 11.490,00	
Consulting services	\$ 4.000,00		\$ 3.213,00	
Master's program	\$ 46.000,00	16%	\$ 51.593,00	18%
Visiting foreign professors	\$ 16.000,00		\$ 15.708,00	
Professional staff salaries	\$ 24.000,00		\$ 28.860,00	
Travel and recruitment	\$ 6.000,00		\$ 7.025,00	
Interchange	\$ 10.000,00	3%	\$ 10.008,00	3%
Visiting foreign lecturers	\$ 4.000,00	1%	\$ 4.008,00	1%
Meetings and conferences	\$ 6.000,00	2%	\$ 6.000,00	2%
Documentation	\$ 24.000,00	8%	\$ 16.446,00	6%
Library acquisitions	\$ 8.000,00	3%	\$ 10.693,00	4%
Equipment	\$ 16.000,00	6%	\$ 5.753,00	2%
Fellowships abroad [IIE]	\$ 130.000,00	45%	\$ 130.000,00	45%
TOTAL	\$ 290.000,00	100%	\$ 290.000,00	100%

1973-1975			
	[original RGA]		
	10.jul.1973		
Research program / Master's program	\$ 126.000,00	78%	
Salários de pessoal profissional (todas as categorias: pesquisa e ensino)	\$ 100.000,00		
Bolsas de Mestrado (5 bolsas de \$200/mês)	\$ 24.000,00		
Accounting services	\$ 2.000,00		
Master's program	\$ 8.000,00	5%	
—	\$ -		
—	\$ -		
Travel and recruitment	\$ 8.000,00		
Interchange with national and international groups	\$ 8.000,00	5%	
Visiting foreign lecturers		0%	
Meetings and conferences		0%	
Documentation	\$ 20.000,00	12%	
Library materials	\$ 12.000,00		
Publications ('Dados')	\$ 8.000,00		
Fellowships abroad [IIE]	\$ -	0%	
TOTAL	\$ 162.000,00	100%	

1976-1980		
	#1.31	
	2.ago.1976	
Research program / Master's program	\$ 199.000,00	66%
Salaries	\$ 135.000,00	
Students fellowships	\$ 36.000,00	
Accounting services		
Master's program		0%
Research awards	\$ 28.000,00	
—	\$ -	
Travel and recruitment		
Interchange	\$ 12.000,00	4%
Visiting foreign lecturers		0%
Meetings and conferences		0%
Documentation	\$ 57.000,00	19%
Library materials	\$ 30.000,00	
Publications ('Dados')	\$ 27.000,00	
Staff development for ABDs (FF direct disbursement)	\$ 32.000,00	11%
TOTAL	\$ 300.000,00	100%